



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Sarah Giffoni Lescura Alexandre de Oliveira

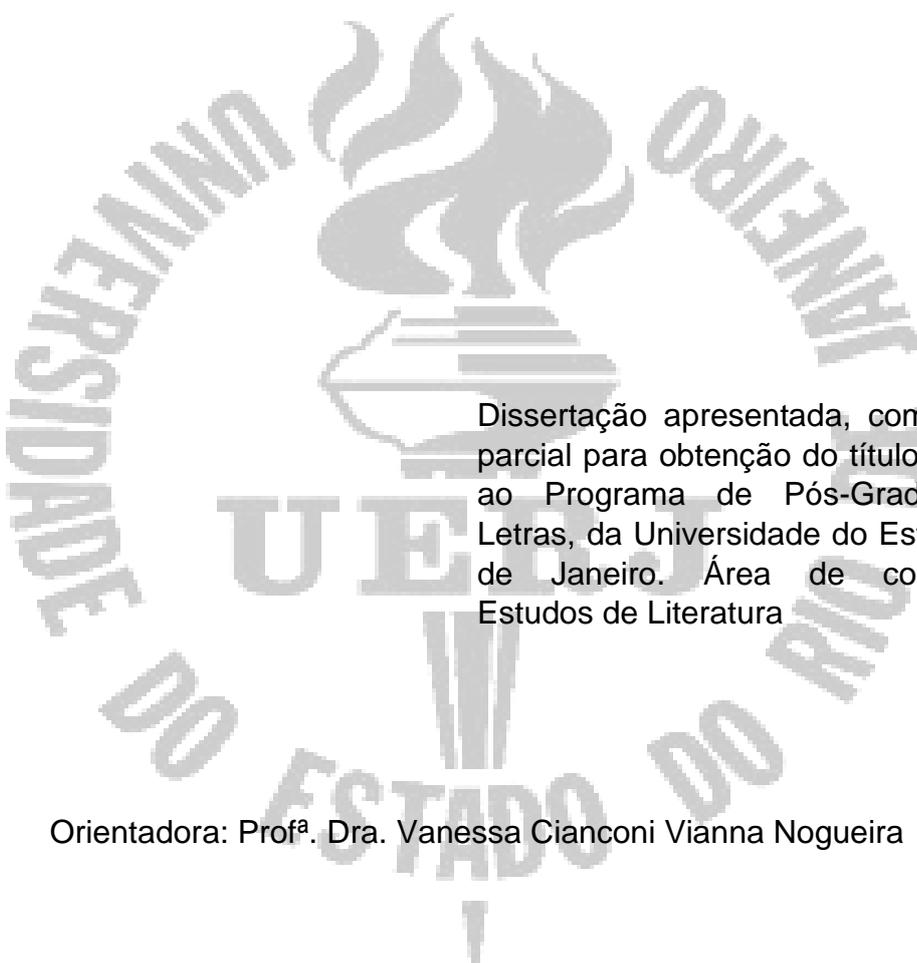
O conto da aia: limites entre ficção e realidade

Rio de Janeiro

2022

Sarah Giffoni Lescura Alexandre de Oliveira

O conto da aia: limites entre ficção e realidade



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura

Orientadora: Prof^a. Dra. Vanessa Cianconi Vianna Nogueira

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

O48 Oliveira, Sarah Giffoni Lescura Alexandre de.
O conto da aia: limites entre ficção e realidade / Sarah Giffoni Lescura Alexandre de Oliveira.– 2022.
114 f.

Orientadora: Vanessa Cianconi Vianna Nogueira.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Atwood, Margaret, 1939- - Crítica e interpretação - Teses. 2. Atwood, Margaret, 1939-. O conto da Aia – Teses. 3. Poder (Ciências sociais) na literatura - Teses. 4. Corpo e alma na literatura – Teses. 5. Distopias na literatura – Teses. I. Nogueira, Vanessa Cianconi Vianna. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 820(71)-95

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertaçãotese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Sarah Giffoni Lescura Alexandre de Oliveira

O conto da aia: limites entre ficção e realidade

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 27 de julho de 2022

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Vanessa Cianconi Vianna Nogueira (Orientadora)
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Adriana de Souza Jordão Gonçalves
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Lucia de La Rocque Rodriguez
Fundação Oswaldo Cruz

Rio de Janeiro
2022

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo, Marcelo, que sempre me incentiva e me apoia.

À minha família que sempre depositou confiança em tudo que faço.

Aos queridos professores e colegas da universidade que fizeram a diferença no meu trabalho.

A todos que de alguma forma tornaram esse caminho possível.

Nolite te bastardes carborundorum

Atwood

RESUMO

OLIVEIRA, Sarah Giffoni Lescura Alexandre de. *O conto da aia*: limites entre ficção e realidade. 2022. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O *Conto da Aia* pode ser considerada uma obra atemporal, tendo em vista que não faz sentido apenas para o contexto em que fora publicada, mas se mostra relevante ainda hoje, trazendo reflexões emergentes. Através da distopia pode-se olhar para o passado, pensar o presente e especular um futuro, possivelmente desastroso, de acordo com o rumo da sociedade do século XXI. É de se assustar, ler uma ficção e conseguir fazer um paralelo com a vida real a partir da enunciação e da dialética entre os corpos que importam. Dessa forma, o leitor é convidado a uma leitura crítica dessa obra que se tornou série pela Hulu, trazendo maior visibilidade para a literatura de Atwood. Dessa forma, o objetivo é analisar a construção do discurso que permeia esse universo, analisando questões como o poder, o corpo e as vozes presentes no livro. Através de uma pesquisa bibliográfica pautada na obra em questão a partir da ótica de Bakhtin e Foucault, o leitor é convidado a uma leitura crítica através da mistura entre ficção e realidade.

Palavras-chave: *O conto da aia*. O corpo. Poder. Docilização.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Sarah Giffoni Lescura Alexandre de. *The handmaid's tale*: boundaries between fiction and reality. 2022. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The Handmaid's Tale can be considered a timeless novel, considering that it does not only make sense for the context in which it was published, but is still relevant today, bringing emerging reflections. Through dystopia one can look to the past, think about the present and speculate on a possibly disastrous future, according to the direction the 21st century society is taking. It is frightening, reading a fiction and being able to make a parallel with real life from the enunciation and dialectic between bodies that matter. In this way, the reader is invited to a critical reading of this fiction that became a TV series by Hulu, bringing greater visibility to Atwood's work. Thus, the objective is to analyze the construction of the discourse that permeates its universe, analyzing issues such as power, body and voices present in the book. Through a bibliographic research based on the work in question from the perspective of Bakhtin and Foucault, the reader is invited to a critical reading through the mixture between fiction and reality.

Keywords: The handmaid's tale. The body. Power. Deciliation.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	A DISTOPIA E A FICÇÃO ESPECULATIVA: O ENTRELAÇAR DE GÊNEROS	12
1.1	<i>O Conto da Aia</i>: um futuro possível?	17
1.2	Alguns acontecimentos marcantes: o mundo está doente? ...	21
1.3	Ganhando visibilidade... do papel para televisão	25
2	AS RAÍZES DE GILEAD	35
2.1	Conservadorismo: a sustentação de Gilead	44
2.2	Sob a mão dele: o fundamentalismo religioso	54
2.3	A religião: os cristãos são cristãos?	61
3	O CORPO FEMINO	71
3.1	A sociedade de Gilead	75
3.2	O mecanismo de docilização e dispositivos de poder	83
3.3	Offred: um mosaico de vozes	96
	CONSIDERAÇÕES FINAIS...VOLTAMOS À GILEAD?	104
	REFERÊNCIAS	107

INTRODUÇÃO

*“A mulher deve escrever a si mesma: deve escrever sobre as mulheres e levar as mulheres a escrever, de onde foram expulsas tão violentamente como de seus corpos” (CIXOUS, Helene, 1976, p. 875), tradução minha*¹

O *Conto da Aia* é uma obra literária, escrita por Margaret Eleanor Atwood, que nasceu no Canadá em 1939. Apesar de só ganhar essa explosão de visibilidade após a adaptação do livro para série, Atwood já ganhou muitos prêmios por suas obras, como Prêmio Arthur C. Clarke, o Prêmio Príncipe das Astúrias, o Governor General's Award e o cultuado Booker Prize. Ela também faz parte do projeto *Future Library*, em que vários autores escreverem histórias que somente serão publicadas em 2114.

Vinda de uma cultura muito diferente da América do Norte, Atwood viu em sua mãe uma mulher protagonista, autônoma, dona de si, e em seu pai o valor dos estudos e o interesse pela biologia. Leitora desde cedo de clássicos, a vocação para escrita nunca lhe foi um fardo. Ninguém nunca lhe disse que isso não era uma atividade voltada para mulheres. Pelo contrário, no Canadá, como ela mesma diz, em entrevista ao Fórum do Futuro², em Portugal, “ninguém nos queria empurrar para dentro de casa, como era habitual na América.” Quando foi questionada sobre o Canadá e seus múltiplos talentos, disse que “a razão por trás disso é que ninguém nos disse que não podíamos fazer o que quiséssemos. Nunca me disseram que eu não podia ser escritora, mesmo sendo mulher nos anos 50.”

Em 1961 Atwood publica sua primeira obra, uma coleção de poemas, *Double Persephone*, que lhe rendeu uma medalha; em 1969, seu primeiro romance, *The Edible Woman*, e em 2000, ganhou seu primeiro Prêmio Booker pelo livro *The Blind Assassin*. Então, começou a se tornar uma celebridade, mas o Brasil ainda não reconhecia seu valor. Não vendia muito por aqui. Até que a editora Rocco reeditou suas obras, fazendo seus títulos viralizarem pelo país todo.

¹ “Woman must write herself: must write about women and bring women to writing, from which they have been drive

n away as violently as from their bodies” (CIXOUS, 1976, p. 875)

² Disponível em: <https://www.jpn.up.pt/2018/11/12/uma-viagem-pelos-mitos-e-vida-de-margaret-atwood/>

Em suas obras, Atwood cria um universo distópico que mantém ligação com o mundo ao seu redor, em específico, o da mulher. Suas personagens femininas passam por dificuldades, sofrem, são carregadas de dor porque representam a mulher real, aquela que faz parte da sociedade machista em que vivemos, como em *A Mulher Comestível* (1969), *Orix e Crake* (2018), *Life before Man* (1979), *Bodily Harm* (1981) e *The handmaid's tale* (1985).

A última, *O Conto da Aia*, traduzida assim para o português, apresenta duas traduções: uma de 2006 e outra de 2017. A obra é uma distopia que foi publicada em 1985. Em 347 páginas, é narrada a história de uma mulher que fora raptada e lançada em um novo mundo: a sociedade gileadiana. Neste lugar, a protagonista é obrigada a exercer uma função de grande relevância para o Estado: ela deve gerar a prole!

Confusa, perdida e assustada, Offred deve se adequar à sua nova realidade: ser Aia. Vive, se é que se pode chamar isso de vida, no Centro Vermelho, um antigo ginásio que fora transformado em um centro de treinamento de parideiras. Nesse lugar, a protagonista encontra outras mulheres com as quais tem uma característica em comum: são férteis. Neste sentido, são adestradas a serem progenitoras, mulheres que devem ir de casa em casa gerar filhos que não serão seus. Crianças que são entregues à família da casa que as “acolhem”.

Esta é uma breve explanação sobre o enredo da obra analisada. A partir disso, será feita uma leitura acerca dos contextos em que a obra foi criada e em que vivemos hoje, passando pelos conceitos de poder e como seu discurso é formado, tendo em vista o fundamentalismo religioso e os rumos da sociedade, visando a leitura crítica e engajada no leitor.

Atwood se tornou conhecida por seu forte apoio às causas feminista e ambientalista, instigando o pensamento crítico acerca das injustiças sociais. Atualmente ganhou mais visibilidade pelo sucesso da série *The Handmaid's Tale*, transmitida pela rede televisiva *Hulu*. Com o crescimento do discurso de ódio e do fundamentalismo religioso refletidos na política, aquela obra dos anos oitenta foi reinventada, conquistando o prêmio Emmy de melhor drama do ano em 2017.

Apesar de tamanho sucesso, *O Conto da Aia* é alvo de censura nos Estados Unidos. De acordo com os mais diversos noticiários, alguns livros estão sendo queimados e alguns professores, por adotá-los, estão sendo ameaçados com multas e processos. Até mesmo obras que não possuem o teor polêmico de *O Conto da Aia*

são alvo no estado do Tennessee, como ocorreu com as obras *Harry Potter*, de J. K. Rowling, e *Crepúsculo*, de Stephanie Meyer, acusadas pelo pastor Greg Locke de incitar adoração ao demônio e bruxaria. Casos assim só colocam em pauta a necessidade emergente de ler e debater literatura.

Neste sentido, o presente trabalho pretende abordar *O Conto da Aia* enquanto fruto da simbiose entre ficção e realidade, perpassando por questões relativas à literatura, religiosidade e linguagem. Para tal, os capítulos foram divididos de acordo com cada eixo temático: capítulo 1 – questões relativas aos gêneros textuais: distopia, ficção especulativa, livro e filme; capítulo 2 – questões acerca da presença da religião gerenciando a sociedade; e, no capítulo 3 – questões relativas ao discurso de poder e corpos que são produzidos a partir dele.

O primeiro capítulo, *A distopia e a ficção especulativa: o entrelaçar de gêneros*, define os gêneros distopia e ficção especulativa, mostrando como um pode deflagrar no outro, como são construídos, quais seus objetivos e limites. Em seguida, na seção 1.1 é abordado mais um pouco sobre o que torna a obra em questão uma ficção especulativa e não apenas uma distopia como é conhecida; na sequência, na seção 1.2, é feita a confirmação do que já havia sido falado, alguns acontecimentos marcantes na história do mundo são relatados para justificar a classificação da obra em distopia ou ficção especulativa; e, por fim, na seção 1.3, é feita uma breve abordagem acerca da adaptação do livro para a série, o que garantiu maior visibilidade e fama para esse belo enredo.

O segundo capítulo aponta a origem, o fundamento utilizado para embasar Gilead. Na seção 2.1 é feita uma visita histórica aos primórdios do puritanismo. Na seção 2.2 aborda-se a religiosidade presente na obra – trechos que revelam passagens bíblicas, trabalhando questões relativas à história e ao fundamentalismo religioso, fruto do conservadorismo advindo do puritanismo estadunidense; e na seção 2.3 também dialogamos acerca do peso que a religião tem sobre a vida de uma sociedade, revelando os perigos que nos cercam, pelas incoerências que gerenciam a vida, a sociedade sob o olho “dele”.

E, por fim, no terceiro capítulo, explora-se mais um pouco sobre o funcionamento de Gilead, na seção 3.1 suas engrenagens, os mecanismos de docilização e dispositivos de poder que produzem corpos femininos submissos – melhor trabalhado na seção 3.2-, mas que carregam discursos ambivalentes, que se

chocam a tantos outros discursos, criando um ideal de resistência, exposto na seção 3.3.

1 A DISTOPIA E A FICÇÃO ESPECULATIVA: O ENTRELAÇAR DE GÊNEROS

Distopia e ficção especulativa são gêneros que dialogam entre si, dificultando o enquadramento de determinada obra em um ou em outro. Geralmente, apresentam tom negativo e mórbido, delineando cenários sombrios e antidemocráticos. Esse é o foco deste trabalho, investigar as características presentes nos gêneros, refletindo sobre as questões abordadas por eles e problematizando a realidade ao especular sobre o futuro da sociedade.

“A palavra [distopia] é derivada de duas palavras gregas, “dus” e “topos”, significando um lugar doente, ruim, defeituoso ou desfavorável” (CLAEYS, 2017, p. 4), ou seja, dizer que uma obra pertence ao gênero distópico significa dizer que aborda um universo negativo, como é o caso de *O Conto da Aia* (2006).

Entretanto, apesar de a distopia apresentar uma carga pessimista, ela não é uma previsão de um futuro necessariamente desastroso, mas uma possibilidade de evitar que a desgraça, a barbárie se torne real. De acordo com Sisk (1997, p. 11), “Não se trata, todavia, de simplesmente aterrorizar o leitor por meio de uma visão catastrófica do futuro, mas, sobretudo, de motivá-lo a lidar com problemas do presente a fim de revertê-los”. Até porque existe esperança na narrativa de Offred. Ela tem o Nick para sanar sua solidão, tem o grupo Mayday e tem a mensagem escrita no banheiro que a encoraja.

o meu livro não é totalmente sombrio e nem pessimista, por várias razões. O personagem central- a aia Offred – escapa. A possibilidade da fuga existe. A sociedade existente no futuro que não é a sociedade de Gilead e é capaz de refletir sobre a sociedade de Gilead da mesma forma que nós refletimos sobre o século XVII. Sua pequena mensagem na garrafa chegou a alguém- o que é tudo que podemos esperar, não é? (Atwood apud DE ABREU, 2012, p. 65).

Segundo Vieira (2010, p. 17), uma distopia que não implica em uma noção de esperança é uma distopia falha. Apesar de a esperança sozinha não ser suficiente, é o primeiro sentimento, é o começo, sustenta, dá força e coragem. Se não há esperança, ficamos imóveis, presos. É como a fé: a "fé ou esperança no futuro cria esforço. O esforço tem mais probabilidade de produzir resultados positivos do que

nenhum esforço. Apatia produz apenas mais apatia”. (SARGENT, 1994, p. 27, tradução minha)³

A distopia, sendo a exibição de um lugar imaginário muito ruim, possibilita a reflexão sobre o desenvolvimento do enredo e da História por detrás dele, construindo, juntamente com o leitor, a significação e o tom moralizante da obra. A tentativa de subversão presente em *O Conto da Aia* apresenta o discurso como mecanismo de contestação da ordem. A passividade de Offred é desarranjada pela sua forma alternativa de resistência: o seu narrar, que gera uma tensão entre sua condição de um ser submisso e essa habilidade ou fuga da realidade ao gravar as fitas. Algum dia alguém receberá sua história e, talvez, fará algo para mudar o sistema. De acordo com Cixous (1991, p. 343, tradução minha), “é a tentativa de Offred de apoderar-se [da língua], para torná-la dela”⁴ que oferece a seu enredo seu apelo como a história de resistência de uma mulher contra a tirania patriarcal. “Por ironia da história, é Offred, a silenciada serva que se torna a principal historiadora de Gilead quando aquela "história" oral é publicada duzentos anos depois”⁵. (HOWELLS, 2006, p. 165, tradução minha).

O romance distópico é semelhante a um grito: Incêndio! Assim como uma pessoa que vê algo pegando fogo se desespera e clama por socorro, a literatura de Atwood procura chamar a atenção de maneira alarmante para o imaginário que pode se tornar real. Ela usa o livro como ferramenta de análise radical da contemporaneidade. É potencializando a desgraça que se busca evitar que a barbárie vença. Segundo Hilário (2013, p. 206), “A narrativa distópica é antiautoritária, insubmissa e radicalmente crítica”, ou seja, ela é o movimento a favor da democracia e dos direitos humanos. De acordo com Callaway (2008, p. 27), “É o único dever dos romancistas especulativos de distopias, então, refletir nossas tendências sociais mais prejudiciais e/ou perigosas levadas à sua lógica conclusão, para nos estimular a evitar nossa arrogância”.⁶ Uma vez o *The New Yorker* (MEAD, 2017, tradução minha) denominou Atwood como “a profeta da distopia”,⁷

³ “faith in or hope for the future breeds effort. Effort is more likely to produce positive results than no effort. Apathy produces only more apathy” (SARGENT, 1994, p. 27).

⁴ “seize it [the language], to make it hers”

⁵ By an irony of history, it is Offred the silenced Handmaid who becomes Gilead’s principal historian when that oral “herstory” is published two hundred years later

⁶ It is the unique duty of the speculative novelists of dystopias, then, to reflect our most damaging and/or dangerous social trends taken to their logical conclusion, to spur us to eschew our hubris.

⁷ “Margaret Atwood, the Prophet of Dystopia”

possivelmente, devido às especulações que surgiram a partir dos fatos narrados no romance. Entretanto, apesar de a distopia ser conhecida como uma previsão futura negativa, ela se pauta no presente para fazer suas criações. Foi a realidade dos anos 80 que construiu Gilead, e não o que ainda não ocorrera.

Qualquer peça de ficção especulativa, e há um longa tradição disso.... é sempre baseada em uma projeção de elementos que estão em nossa sociedade e na verdade não há nada no *Conto da Aia* de que os seres humanos não já tenham feito de uma forma ou de outra, tanto na generalidade quanto nos detalhes. Eles fizeram isso no passado ou eles estão fazendo isso em outro lugar agora, ou temos a tecnologia para fazer isso... Isto é uma extrapolação da realidade, se quiser, é um possibilidade para a nossa sociedade, mas também é um 'alegoria' do que já está acontecendo. (Hemingway apud GULICK, 1991, p. 40)⁸

Antes da distopia, veio a utopia. Ela é resultado de “uma lógica humanista, baseada na descoberta de que o ser humano não existia simplesmente para aceitar seu destino, mas para usar a razão para construir o futuro”⁹ (VIEIRA, 2010, p. 4, tradução minha). Antigamente, nos tempos das Grandes Navegações, por exemplo, a imaginação era uma potencial criadora de histórias, afinal, ninguém tinha a mínima compreensão sobre o mundo e a vida.

Assim sendo, a utopia vai além da literatura. Segundo Sargent (1994, p.3), as utopias descrevem um "sonho social - os sonhos e pesadelos que dizem respeito às formas como grupos de pessoas organizam suas vidas e quais costuma imaginar uma sociedade radicalmente diferente daquela em que vivem os sonhadores.”¹⁰ Neste sentido, a utopia seria o gênero responsável por apresentar uma viagem a um mundo ideal, uma sociedade alternativa.

A passagem do século XIX para o século XX foi determinante para a transformação da utopia. A distopia aparece com *A máquina do tempo* (1895) de H.G. Wells, mas é ao longo do século XX, após a 1ª Guerra Mundial que o gênero ganhou força. *Nós* (1920-1921), do escritor russo Levguêni Zamiátin, é considerado um dos romances fundadores da distopia, influenciando os clássicos *Admirável*

⁸ Any piece of speculative fiction, and there's a long tradition of it ... is always based on a projection of elements that are in our society now, and there is in fact nothing in *The Handmaid's Tale* that human beings have not already done in one form or another, both in the generality and in the detail. They've done it in the past or they are doing it somewhere else now, or we have the technology to do it. . . . It is an extrapolation from reality, if you like, it's a possibility for our society but also it's an 'allegory' of what is already happening. (Hemingway apud GULICK, 1991, p. 40)

⁹ “a humanist logic, based on the discovery that the human being did not exist simply to accept his or her fate, but to use reason in order to build the future” (VIEIRA, 2010, p. 4).

¹⁰ Social dreaming--the dreams and nightmares that concern the ways in which groups of people arrange their lives and which usually envision a radically different society than the one in which the dreamers live.

Mundo Novo (1932), de Aldous Huxley; *A Revolução dos Bichos* (1945) e *1984* (1949), de George Orwell e *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury, livros que influenciaram na composição de *O Conto da Aia*.

Enquanto a utopia é embasada pelo sentimento de esperança, vislumbra um futuro belo e perfeito, em que as coisas boas são superiores e dominam todos os acontecimentos, o fundamento da distopia é o pesadelo, as criações realizadas por meio das desgraças, da desumanização. Atwood promove uma mistura dos dois, gerando o que seria denominado “ustopia”¹¹. Ela justifica tal derivação com a ideia de que em toda utopia há distopia e em toda distopia a utopia. Essa relação pode ser percebida na cena em que o Comandante explica a origem de Gilead para Offred:

Não dá para fazer omelete sem quebrar os ovos, é o que ele diz. Nós pensamos que nós poderíamos fazer melhor. Melhorar? Eu digo, em voz baixa. Como ele pode pensar que isso é melhor? Melhor nunca significa melhor para todos, diz ele. Sempre significa pior, para alguns. (Atwood, 1985. p. 274, tradução minha).¹²

Apesar de Orwell ser uma inspiração é nítido o rompimento de Atwood com as distopias tradicionais: o narrador protagonista é uma narradora! A mulher não é mais colocada como personagens “‘autômatos sem sexo’ ou como “rebeldes” que desafiavam as normas sexuais de seus respectivos regimes” (ATWOOD, 2003, tradução minha).¹³ Com *O Conto da Aia*, Atwood inverte a lógica das tradicionais distopias masculinas. Ao escolher uma narradora mulher oferece ao leitor um relato de uma Aia que fora preterida às margens do Estado. Assim, procura recuperar um espaço feminino de emoções pessoais e identidade individual, que é destacado por sua narrativa em primeira pessoa.

colocando a experiência e subjetividade da mulher no centro, Atwood, portanto, “compensa convenções”. Embora as distopias sejam inerentemente políticas, ter uma mulher no centro de fato “infunde [nele] uma inclinação política” - ou uma inclinação política extra -, a de

¹¹ “Ustopia is a world I made up by combining utopia and dystopia”. (ATWOOD, 2011)

¹² You can't make an omelette without breaking eggs, is what he says. We thought we could do better. Better? I say, in a small voice. How can he think this is better? Better never means better for everyone, he says. It always means worse, for some (ATWOOD, 1985, p.274).

¹³ “sexless automatons or rebels who've defied the sex rules of the regime. They've acted as the temptresses of the male protagonists, however welcome this temptation may be to the men themselves.” (ATWOOD, 2003)

feminismo: embora Atwood afirme corretamente que simplesmente ter uma protagonista feminina não torna um romance feminista. (HOWELLS, 2006, p.57-58, tradução minha)¹⁴

A ficção especulativa é um gênero amplo que combina diferentes naturezas de ficções, como histórias sobrenaturais, fantasiosas e futuristas. *O Conto da Aia* ultrapassa o gênero “distopia” para ser considerada uma ficção especulativa, pois além de apresentar as características da distopia, fomenta especulações acerca da realidade humana. Como afirma Aisha Matthews (2018, p. 3, tradução minha), “Seja baseado em uma versão alternativa do passado ou uma projeção do possível do futuro, a ficção especulativa oferece o cenário ideal para discussões sobre alteridade, opressão e hegemonia, especialmente nos eixos de gênero e raça”.¹⁵

A ficção especulativa é fundamentada na especulação sobre os acontecimentos da realidade. Produz textos literários capazes de promover a educação da sociedade, alertando-a para possíveis desastres. Obras como *Admirável mundo novo* (1931) de Aldous Huxley, *1984* (1949) de George Orwell, *Fahrenheit 451* (1953) de Ray Bradbury e *Laranja mecânica* (1952) de Anthony Bugess retratam, através da ficção, anseios e dúvidas, buscando a reflexão do leitor. Neste capítulo pretende-se abordar a distopia que é desencadeada na ficção especulativa e o cenário religioso, histórico e social que inspiram a obra.

De acordo com Candido (2011, p. 177), “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. É através dela que podemos debater sobre as mais diversas realidades, podendo mostrar toda sua humanidade e caos, dar voz aos que não têm vez, olhar aqueles que se tornam fantasmas nesse mundo tão indiferente, egoísta e insensível. Atwood se vale da escrita para criticar governos desumanos, refletindo sobre se o que era ficcional, inimaginável, se tornasse real. A isso se deu o nome “distopia”.

Entretanto, Howells (2006, p. 162) afirma que Atwood ultrapassa o gênero fictício para escrever uma ficção especulativa, visto que os acontecimentos narrados

¹⁴ [...] placing the woman’s experience and subjectivity at the center, Atwood, thus, “offsets conventions”. While dystopias are inherently political, having a woman at the center does indeed “infuse [it] with a political slant”—or an extra political slant—, that of feminism: although Atwood correctly affirms that simply having a female protagonist does not

¹⁵ Whether based on an alternate version of the past or a projection of the possible future, speculative fiction provides the ideal landscape for discussions of alterity, oppression, and hegemony, especially along the axes of gender and race. (Matthews, 2018, p. 3)

têm cunho histórico. Segundo Howells (1986, p. 129, tradução minha), “Quando ela começou a pensar no romance [...], ela manteve um arquivo de recortes (agora na Biblioteca da Universidade de Toronto, Atwood Papers) de itens de jornais e revistas que alimentaram diretamente sua escrita”.¹⁶ O escritor da ficção especulativa olha para sua própria sociedade, seus propósitos e ideais, sua realidade para fomentar inferências acerca do futuro, construindo-o no campo da ficção.

Desta forma, torna-se notável a preocupação da autora com a sociedade. A projeção desse futuro degradante nos incita o pensamento crítico em relação aos rumos políticos e sociais da humanidade. Afinal, conforme Atwood afirma em entrevista à *Reader's Companion* (1998), “A História prova que aquilo que fomos no passado, poderíamos ser novamente”. Atwood não resistiu a unir arte e política. Através da literatura foi capaz de tornar os problemas sociais visíveis.

Como classificar o *O Conto da Aia* em ficção especulativa? A seguir serão abordados dados que colocam em discussão a questão.

1.1 *O Conto da Aia*: um futuro possível?

*“Eu estava adormecida. Foi assim que deixamos acontecer.
Quando massacraram o Congresso nós não acordamos.
Quando culparam os terroristas e suspenderam a constituição nós
também não acordamos.”
(The handmaid's tale, 2017, 3º episódio)*

Este capítulo parte do princípio de que o que está fora da realidade pode vir a ser um novo normal. A distopia projeta um futuro decorrente de uma negligência social. A sociedade – os antigos Estados Unidos - se torna doente, incapaz de reivindicar seus direitos, e tudo vai se transformando, acinzentando, se tornando sombrio...um cenário que não é o do leitor, mas que estabelece com ele grande verossimilhança.

O Conto da Aia pode ser considerada uma ficção distópica, um gênero literário que apresenta uma conexão entre o futuro (real) e o universo fictício de

¹⁶ When she began thinking about the novel in the early 1980s she kept a clippings file (now in the Atwood Papers, University of Toronto Library) of items from newspapers and magazines which fed directly into her writing. (Howells, 1986, p. 129)

maneira negativa, criando uma crítica social. A história trata de um futuro ditatorial, com graves problemas ambientais, comportamentos sexuais e alienação social, que se torna real. Offred narra os acontecimentos de sua vida atual, fazendo flashbacks de sua vida e da vida de sua mãe, criticando sua nova realidade.

Esse novo mundo propõe uma reflexão acerca do que já passou, do que passamos e do que, possivelmente, podemos passar. Silva (2007) diz que a distopia tem a função de evitar que a humanidade caminhe para o desastre por meio da constatação do autor da realidade de seu tempo, sob a forma de um aviso, pelo qual se compõe um romance. Neste sentido, Atwood afirma que a humanidade vive em decadência. Como sua obra,

as distopias importam, pois elas nos fazem pensar. Elas nos ajudam a imaginar e visualizar como o presente pode se tornar algo muito ruim. Elas nos dizem o que está errado com o presente e como as coisas podem se tornar facilmente muito pior. As distopias identificam os principais temas, tendências ou problemas no presente e extrapolam até o extremo antes de colocá-los em um contexto menos familiar para nossa verificação. Eles são às vezes temporariamente diferentes, às vezes espacialmente diferentes do presente do autor. Mas os temas, as tendências e os problemas se mantêm constantes. As distopias questionam o agora e oferecem avisos e às vezes profecias sobre o futuro; eles são constantemente o “jeremias” do utopianismo. Mas às vezes elas oferecem vislumbres de esperança. (SARGINSON, 2013, p. 40).

Assim, o gênero então caminharia para uma nova definição: a ficção especulativa, pois ela deixa de ser uma simples história de ficção para uma história com fundo verdadeiro, visto que os acontecimentos narrados têm cunho histórico. Desta forma, torna-se notável a preocupação da autora com a sociedade. A projeção desse futuro degradante nos incita o pensamento crítico em relação aos rumos políticos e sociais da humanidade. Para Sargent (apud PIERRE, 2019, p. 18),

As distopias são como profecias bíblicas. Por exemplo, muitos profetas do Antigo Testamento da Bíblia mencionavam que Deus estava furioso com os pecados dos homens e que Ele iria puni-los, pois não estavam agindo de acordo com o que Deus havia planejado. Porém, haveria salvação se as pessoas mudassem a maneira como viviam e passassem a viver os preceitos de Deus.

Neste sentido, a autora utiliza de forma irônica a mesma técnica para construir a narrativa. O fato de os indivíduos não estarem agindo de acordo com Deus, viverem em pecado, não havia mais a família perfeita de acordo com valores do Antigo Testamento, só havia relacionamentos homoafetivos, relacionamentos

extraconjugais, “justificando” o castigo, a punição de Deus, que é a crise de fertilidade. “Houve uma época em que o ar ficou carregado de substâncias químicas, raios, radiação, a água enxameava com moléculas tóxicas” (ATWOOD, 2006, p. 139).

Entretanto, esses pecados poderiam ser redimidos caso passassem a viver de acordo com os preceitos bíblicos, de acordo com a vontade do “Senhor”. Essa é a grande justificativa para ser criado um estado totalitário e teocrático que pune aqueles que não cumprem as novas leis. Então, a distopia coloca a culpa do problema na “má” atitude dos indivíduos, o que pode ser revertido se a atitude dos homens se modificar.

A protagonista narra as mudanças que ocorreram até a transformação da sociedade. Há casos de esterilidade, de bebês nascidos com deficiência, doenças sexualmente transmissíveis, devastação ambiental e poluição, tudo que favorece a instauração de um governo totalitário, aliado a correntes religiosas, que arrastam fiéis fundamentalistas. Este contexto que não pertencia aos anos 80 fundamentou a obra, que pode ser hoje considerada uma profecia já que há lugares ao redor do mundo que vivem tudo isso, conforme será abordado no capítulo dois. A ficção especulativa, então, é um sinal de alerta, um aviso ao leitor sobre o perigo que o cerca.

Talvez a principal função de uma distopia seja enviar sinais de perigo para os leitores: Muitas distopias são avisos autoconscientes. Um aviso implica em escolhas e, portanto, esperança, é ainda possível. (HOWELLS, 2006, p.161, tradução minha)¹⁷

Assim sendo, é notável a aflição e o engajamento sócio-político de Atwood. A partir da perspectiva do real “A projeção de um futuro desastroso incita reflexão crítica dos caminhos políticos e sociais que estão sendo seguidos pela humanidade, expondo, muitas vezes, radicalismos e extremismos [...] (DE ABREU, 2012, p. 6). O cenário mundial assusta e clama por atenção. Atwood traz debates urgentes.

Atwood utiliza acontecimentos históricos para criar Gilead. Ao problematizar os limites entre ficção e realidade, descreve a obra como “um estudo do poder, uma ficção especulativa, uma extensão lógica de onde nós estamos agora”, segundo Atwood (apud DE ABREU, 2012, p. 22). Estudo do poder porque a sociedade é

¹⁷ “Perhaps the primary function of a dystopia is to send out danger signals to the readers: Many dystopias are self-consciously warnings. A warning implies that choice, and therefore hope, are still possible.” (HOWELLS, 2006, p.161)

tomada pelo discurso dos “falsos crentes”, autoritários e incoerentes, homens que se dizem cristãos, mas que nada se assemelham à imagem de Cristo. O poder advindo de cada classe, uma sob a outra, criando um Estado em que a sede de poder é o que os mantêm vivos. Extensão lógica de onde estamos agora, porque há fatos reais – mulheres são vitimadas em diferentes regiões pelo mundo, modelados, adaptados para o romance. Segundo Loigu (apud DE ABREU, 2020):

O artigo *Women forced to have babies*, publicado na Holanda, em 1985, impressiona o mundo ao postular legalmente que as mulheres trabalhadoras do país poderiam ser demitidas de seus empregos, ou até presas, como criminosas comuns, por não procriarem suficientemente. Não engravidar não seria considerado crime apenas se um médico constatasse motivos legais para que a mulher não cumprisse seu “dever patriótico” (DE ABREU, 2020, p. 7).

Como já relatados, na obra, são as Não-mulheres, aquelas que por não efetuarem seu papel biológico ou apresentarem algum desvio, isto é, algum comportamento inadequado para os padrões de Gilead são chamadas assim. Afinal, para esse estado o que faz uma mulher ser mulher é seu dever de gerar e criar um filho. O destino delas pode ser ilustrado pelas Colônias. Um lugar tenebroso, tóxico e sem condições de vida, para onde várias classes de mulheres, entre elas algumas Aias, vão trabalhar como escravas. Essas mulheres indesejadas são punidas dessa forma pois infringiram alguma regra, tendo tido um relacionamento homoafetivo, um relacionamento com Comandantes ou outras castas, terem feito alguma tentativa contra a vida, alguma tentativa de fuga... As mulheres condenadas a esse trabalho desumano não têm condições de sair dali vivas, é como uma pena de morte, mas uma morte lenta. Como fez Hitler na Alemanha na década de 20, em seus campos de concentração, Gilead tortura e mata essas mulheres, denominadas *Unwomen*.

As distopias, como a abordada, mostram referências ao passado, assim buscando fazer no presente um projeto social de esperança. É olhar para trás, refazer o caminho da memória e projetar um presente de esperança, de muita luta, mas com a certeza de que o coletivo pode fazer a transformação almejada, o que talvez seja possível na vida real, mas bem improvável no fictício. Nisso, o livro se diferencia da denominada série de mesmo nome. Nela há chance de reação, o movimento feminista ganha força à medida que o enredo vai se desenrolando.

A utopia é mantida na distopia, tradicionalmente um gênero sombrio e deprimente, sem espaço para esperança na história, apenas fora da história, apenas considerando a distopia como um aviso, podemos, como

leitores, esperar escapar de um futuro tão sombrio. (BACCOLINI, 2004, p. 520)

Através da leitura proposta por Atwood, com o final aberto da obra, pode-se buscar novos caminhos, novas trilhas, tendo em vista um horizonte de esperança. Cabe aos personagens, metáforas da sociedade, buscarem realizar o que pode ser considerado utópico. É isso que a distopia provoca, uma busca incessante por justiça, paz, equidade, valores que tornam o mundo mais próximo do ideal.

O passado em uma relação viva com o presente pode, assim, começar a lançar as bases para uma mudança utópica. É importante lidar com as distopias críticas das últimas décadas, pois elas são o produto de nossos tempos sombrios. Observando as características formais e políticas da ficção científica, podemos ver como essas obras nos apontam para a mudança. Precisamos passar pelas distopias críticas de hoje para avançar em direção a um horizonte de esperança. (BACCOLINI, 2004, p. 521)

Ainda que a esperança seja um caminho, há muitas trevas. Acontecimentos passados que se imbricam no presente e projetam um futuro desastroso. Para mostrar mais um pouco desse universo caótico das distopias, alguns acontecimentos marcantes serão tomados por base.

1.2 Alguns acontecimentos marcantes: o mundo está doente?

O Conto da Aia é uma obra atemporal. Mesmo tendo sido escrita em 1985, ainda é lida e relida por diferentes leitores de diferentes áreas do conhecimento e de diferentes espaços do mundo. Instiga por apresentar relação com a realidade tanto da sociedade de 80 quanto com da sociedade de 90, 2000 em diante; ela se aplica a diferentes contextos. Em 1998, Atwood afirma para *Reader's Companion* que “não há nada no livro que não se baseie em algo que já aconteceu na história ou em outro país, ou para os quais a documentação de apoio real já não esteja disponível”¹⁸, o que ratifica sua relevância.

Ao promover reflexões sobre o rumo da humanidade, Atwood apresenta um novo Estados Unidos, um país fictício denominado Gilead. Neste novo modelo social, o totalitarismo e a teocracia imperam com o discurso de que tudo é de acordo

¹⁸ There isn't anything in the book not based on something that has already happened in history or in another country, or for which actual supporting documentation is not already available. (READER'S GROUP COMPANION, 1998)

com o bem para o povo e abençoado por Deus, o velho discurso puritano¹⁹ É somente através da Bíblia - completamente distorcida - que chegaremos a uma sociedade melhor. Para tal, a liberdade e os direitos conquistados são eliminados. A lei agora é cumprida, através de agressiva medida disciplinar e ataque a democracia.

Passado em um Estados Unidos futurista no início do século XXI, após um golpe militar ter varrido o presidente e o Congresso, Gilead é um regime totalitário dirigido em linhas patriarcais derivadas do Antigo Testamento e do puritanismo americano do século XVII, além de uma forte infusão de Ideologia da Nova Direita americana da década de 1980 (HOWELLS, 1986, p. 127, tradução minha)²⁰.

Nos últimos anos, tem-se enfrentado tempos difíceis em relação à política. Discursos de ódio dominam o mundo e a democracia corre perigo. Embora alarmante nos dias de hoje, alguns países já foram vitimados pelo totalitarismo. Alemanha é um grande exemplo da dominação de um grupo radical. A busca incessante pela pureza racial, dominação ariana, causou a morte de um número incalculável de judeus, negros, homossexuais e pessoas contrárias ao Nazismo. Ao falar sobre esse tempo imagina-se algo muito distante, porém aconteceu ontem, entre as décadas de 30 e 40 do século passado.

Assim como em Gilead, nada aconteceu de repente. Já havia sido difundido um discurso machista, nacionalista e extremista até que não houve mais poder de reação. Na obra, Offred perde seu direito de trabalhar, depois o de comprar, usar seu próprio cartão, ter algo em seu próprio nome, tudo acontece inesperadamente. Paulatinamente o regime é instaurado. Através do discurso masculino: eu cuido de você, não se preocupe, você tem a mim, o machismo enraizado, as mulheres vão sendo desfavorecidas até se tornarem escravas do sistema.

Políticos defensores da moral familiar e religiosa autoafirmam-se conservadores, contrários às minorias, justificando sua postura em prol da família tradicional que vê a comunidade LGBTQIA+²¹ e as feministas, os negros e os

¹⁹ Aquele que defende o Puritanismo, que é tanto uma teoria política como uma doutrina religiosa; o que será abordado no capítulo três.

²⁰ Set in a futuristic United States at the beginning of the twenty-first century after a military coup has wiped out the President and the Congress, Gilead is a totalitarian regime run on patriarchal lines derived from the Old Testament and seventeenth-century American Puritanism plus a strong infusion of the American New Right ideology of the 1980s. (HOWELLS, 1986, p. 127)

²¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros e qualquer outra pessoa que não esteja presente nas iniciais.

indígenas, imigrantes e minorias, de um modo geral, como uma ameaça para os valores que defendem, o que denota extrema incoerência, partindo do princípio de que se autodenominam cristãos.

Em um passado não tão remoto e ainda em tempos atuais, observa-se também alguns exemplos que podem ser relacionados ao romance. A utilização de burcas pelas muçulmanas; a divisão das pessoas durante o nazismo, nos campos de concentração - homossexuais usavam um triângulo rosa na roupa, Testemunhas de Jeová, um triângulo roxo, Judeus, dois triângulos amarelos, um sobre o outro, formando a Estrela de Davi, triângulo negro, lésbicas etc.

O sequestro de bebês, durante a Ditadura Argentina em 1976, em que crianças foram retiradas de presos políticos, torturados e desaparecidos e entregues para a elite. Em 1966, o presidente Nicolae Ceausescu da Romênia criou uma política para aumentar a população do país, segundo André Biernath em reportagem da revista Veja (2017). Com a intenção de elevar o número de romenos de 23 milhões para 30 milhões até o ano 2000, tornou o direito de procriação preocupação e exigência do Estado. Primeiro proibiu métodos contraceptivos. Em seguida, criminalizou todo tipo de aborto. Até que criou leis que obrigavam todas as mulheres a serem examinadas por médicos estatais, que deviam fazer perguntas como “com que frequência você faz sexo?” ou “por que você não consegue engravidar?”. Esses médicos eram chamados polícias da menstruação.

Pode-se observar também casos de extremismos nos países muçulmanos, em que prevalece a lei da sharia. De acordo com esse código penal islâmico, pautado no Alcorão e na Sunnah, até mesmo o homossexualismo pode ser punido, pois é considerado ilegal. O objetivo é, atendendo aos preceitos de Maomé literalmente, barrar a modernidade ocidental, ratificando valores morais e conservadores. Existem países que adotam a sharia em diferentes níveis, total ou parcial. Nos países onde a sharia predomina, não existe uma separação entre a religião e o direito dos cidadãos, como acontece nos países ocidentais. Assim como é nesses países, Gilead mistura religião e legislação.

Com o governo de Trump, os extremistas dos Estados Unidos ganharam força para construir um país conservador, xenófobo, manipulador de fatos e com fortes tendências à violência estatizada, o que gerou um estado de medo entre os cidadãos do país, e apreensão de outros. A ficção especulativa se abre como um campo de hipóteses e previsões perante tais acontecimentos.

O dia 21 de janeiro de 2017 ficou marcado nos Estados Unidos com o início do movimento Marcha das mulheres. Manifestações pacíficas pelos direitos humanos dominaram estados como Dallas, Denver, Miami, Seattle, Filadélfia e San Francisco, Nova Iorque, Los Angeles, Chicago, entre outras cidades do país. As mulheres protagonizaram o protesto no primeiro dia do mandato de Donald Trump que tinha, justamente, o intuito de protestar contra a postura do até então candidato.

Neonazistas fazem manifestações erguendo a suástica em 21 de abril de 2018 na Geórgia, manifestantes contrários à defesa de George Floyd ateam fogo na entrada de uma delegacia em Minneapolis em maio do ano passado, em 6 de janeiro de 2021 apoiadores do presidente invadem o Capitólio, uma área cercada superlotada mantém famílias imigrantes presas em um Centro de Processamento da Patrulha de Fronteira em McAllen, no estado do Texas, nos EUA, em 11 de junho de 2019, além de muitas outras ocorrências, que serão tratadas no capítulo três.

Margaret Atwood afirma que seu livro *O Conto da Aia* foi inspirado por estudos que ela fez da América do século XVII e de seus valores puritanos que ainda hoje são representados: Trump quis restringir os direitos ao aborto e penalizar mulheres que passaram pelo procedimento. Paralelo a isso, Tia Lydia julga as mulheres que não queriam ter filhos; falava que eram preguiçosas, mulheres vagabundas, chamava-as de “não-mulheres”, aquelas que faziam ligadura de categute eram jezebéis que desprezavam as dádivas de Deus. Em contrapartida, os bebês reprovados, os *unbabies*, os não-bebês, em Gilead, eram descartados. Não havia acompanhamento, através de equipamentos de hoje, do crescimento do bebê, gerando incerteza, pois “não havia como saber”. “Houve um tempo em que eles podiam dizer, com o uso de máquinas, mas hoje isto está banido”. Afinal, de que adiantava fazer exames para isso, se não iriam mandar tirá-los? Então podiam nascer “com uma cabeça de alfinete ou um focinho como o de um cachorro, ou com dois corpos ou um buraco no coração, ou sem braços, ou com mãos e pés colados como nadadeiras”, aí sim seriam descartados secretamente. O que é uma tamanha contradição.

Paralelo a isso, no ano de 2020 os Estados Unidos e o Brasil se uniram em uma aliança antiaborto, denominada Declaração de Genebra, formada por trinta países - muitos deles ditaduras ou países de maioria muçulmana: Egito, Arábia Saudita e Paquistão. Bahrein, Bielo-Rússia, Benin, Burkina Faso, Camarões, Congo, República Democrática do Congo, Djibuti, Egito, Suazilândia, Gâmbia, Haiti,

Hungria, Indonésia, Iraque, Quênia, Kuwait, Líbia, Nauru, Níger, Omã, Paquistão, Polônia, Arábia Saudita, Senegal, Sudão do Sul, Sudão, Uganda, Emirados Árabes e Zâmbia. A formação do grupo foi desenvolvida pela diplomacia do governo Trump e consolidada depois que o Conselho de Direitos Humanos da ONU reconheceu o acesso ao aborto como um direito universal. Entretanto, com a vitória de Biden, o país saiu do acordo.

Além disso, o governo Trump se encarregou de segregar populações inteiras e proibir a entrada de pessoas de algumas nacionalidades que eram consideradas uma ameaça em potencial. Isso é um claro retrocesso ao período a que a autora se refere. O ex-presidente banuiu vistos de estudantes muçulmanos, suspendeu estudantes internacionais em 2020 (como se esses fossem dominados pela praga), planejou criar um muro que separasse os Estados Unidos do México, enfim, criou uma política anti-imigração, sexista, conservadora muito forte, mobilizando cidadãos radicais.

Se algum escritor se baseasse nessa realidade para compor uma distopia, como seria vista a atual sociedade no futuro, caso essa nuvem extremista tomasse conta da vida nos países que hoje se definem como democráticos? Atwood fez exatamente isso, demonstrou um futuro em que há união entre a Igreja e o Estado, dominado pelo conservadorismo e fundamentalismo religioso. Será possível? O objetivo de Atwood foi justamente esse: “[...] chocar os leitores com a consciência de tendências perigosas em nosso mundo atual, embora ela sempre incluía ‘algo que não deveria estar lá’ para ‘surpreender o leitor’” (INGERSOLL, 2001, p. 193, tradução minha).²²

1.3 Ganhando visibilidade... do papel para televisão

Atualmente, adaptações de obras literárias estão muito em voga, em especial as direcionadas ao meio cinematográfico, televisivo e *streaming*. Os motivos que corroboram essa tendência são diversos, dentre eles, temos a ampla divulgação de

²² [...] shock readers into an awareness of dangerous trends in our present world, though she always includes “something which isn’t supposed to be there” in order “to surprise the reader” (INGERSOLL, 2001, p. 193).

obras já conhecidas e bem aceitas pelo público, divulgação essa intensificada por sites de entretenimento e pelos chamados *youtubers*; crescente número de consumidores deste grupo midiático devido às políticas de uso dos *streamings* - baixos valores para assinatura, possibilidade de dividir o acesso com outras pessoas e desfrutar dos serviços em modo on-line ou off-line -; aumento no número de sites e plataformas nos quais podem ser encontradas tais produções; e facilitação de vivenciar a história através de recursos visuais, pois há uma economia de tempo despendido, já que é mais rápido assistir ao filme do que ler o livro que o inspirou – unindo à essa economia o fator esforço, pois é cômodo assimilar as imagens fornecidas pela tela, ao passo que a criação imagética, ao ler, dispense maior esforço do leitor.

O contexto globalizado unido ao progressivo uso de plataformas de *streaming*, assim como do consumo de produções cinematográficas de um modo geral, afirmam um momento sociocultural de intensificação das novas produções e da maior recorrência de adaptações que, segundo Hutcheon (2013, p. 17), são “produto e processo, as obras pertencem a um contexto, um tempo e um lugar, uma sociedade e uma cultura”.

Algumas das adaptações do romance *O Conto da Aia* (1985) são: um filme dirigido por Volker Schlöndorff, cujo roteiro é de Harold Pinter (1990), e uma ópera escrita por Paul Ruders e Paul Bentley, encenada inicialmente na Royal Danish Opera (2000) e apresentada na Ópera Nacional Inglesa de Londres e na Ópera de Minnesota, estas últimas em 2003. Em 2017, o *Hulu*, canal de *streaming* americano, concorrente da *Netflix* e da *Amazon*, passou a transmitir a adaptação mais recente, homônima, da obra de Atwood, produzida por Bruce Miller. A série adaptada faturou muitos prêmios, sendo a primeira temporada vencedora de oito Emmy's em 2017, já a segunda, que estreou em 2018, conquistou dois Globos de Ouro nas categorias Melhor série dramática e Melhor Atriz em série dramática para a protagonista, interpretada por Elisabeth Moss. A terceira temporada estreou em 2019 e a quarta já está disponível na Amazon e na Paramount.

Interessante e, de certo modo, reconfortante para os fãs do livro, é o fato de que a própria escritora participa ativamente do projeto como produtora executiva. Atwood participou também do primeiro episódio da obra e sua presença por trás das câmeras legitima a verossimilhança da série, da visão da mulher, da perspectiva feminina ao abordar temas atuais, violações vividas pela mulher.

Contudo, é notório que, mesmo com o envolvimento de Margaret Atwood, a série traz algumas diferenças cruciais no que tange ao caráter e idade de alguns personagens, assim como a cor de vestimenta da casta das Esposas (no livro, a cor é mais próxima do azul escuro e, na série, isso não fica tão evidente, devido aos filtros amarelos aplicados, tornando as vestes esverdeadas). Existem semelhanças mais gerais, como a estrutura – capítulo/episódio – e o enredo.

Uma semelhança entre o romance e a série do ponto de vista da recepção do leitor/telespectador é a possibilidade de antecipar fatos folheando o livro ou avançar nas cenas do episódio, assistir vídeos sobre a narrativa e ler resenhas e resumos com os famosos *spoilers*. Outro ponto de convergência é a divisão em capítulos ou episódios para efetuar a interrupção do clímax de um momento ou cena importante, interessante, revelador(a), gerando no receptor tensão, ansiedade, curiosidade, indignação e/ou frustração.

Partindo para a análise da adaptação televisiva, há o que Jost e Gaudreault referem-se como o narrador implícito, o “grande imagista” (2009, p. 39) que fala através de imagens e de sons e o explícito, o qual realiza os relatos com o uso das palavras. Portanto, o narrador implícito - o diretor e todo o aparato técnico dos bastidores – é responsável pela narrativa dupla, som e imagem, enquanto podemos sem problemas identificar os personagens que narram a história explicitamente, como June Osborne (Elisabeth Moss) e Luke Bankole (O. T. Fagbenle). A narradora-protagonista narra de modo intimista, dando a impressão que os telespectadores podem ler sua mente ou que ela está conversando diretamente com eles, pois conseguem ouvi-la, entendê-la, acompanhar sua luta e suas angústias sem julgá-la ou puni-la.

O grande imagista é notado por trás das câmeras e da edição, pois “registra a interpretação do ator”, sendo da mesma forma capaz de “por simples movimentos, intervir e *modificar* a percepção que o espectador tem da *performance* dos atores”, forçando “o olhar do espectador e, nem mais, nem menos, dirigi-lo” (JOST; GAUDREULT, 2009, p. 40 - 41, grifos originais). As expressões de dor, de raiva da protagonista são, muitas vezes, focadas pela câmera com relevante proximidade para provocar empatia por parte do telespectador, assim, ele acompanha ao lado dela sua trágica jornada.

A trilha sonora é fundamental quanto à contribuição da atmosfera narrativa, traduz em som descrições de lugares, sentimentos e participa ativamente da catarse

do destinatário. Em outras palavras, som e imagem se fundem sob o olhar da câmera ao narrar o enredo da obra literária na adaptação televisiva. Músicas componentes da trilha sonora misturam-se com sons de choros e respirações, por exemplo, completam as falas das personagens e preenchem a cena. O gótico é retomado com músicas instrumentais que deixam a atmosfera sombria, pesada, intensificando a experiência do espectador. Os enquadramentos e movimentos da câmera, os planos utilizados e os ângulos de filmagem são identificações do grande imagista (MARTIN, 2005, p. 44). Com o passar das temporadas, recursos sonoros como maior intensidade do canto dos pássaros foram inseridos para reforçar as mudanças ambientais do novo sistema de governo.

Segundo Martin (2005), por meio da edição, o telespectador compreende o contexto das imagens, das sequências narrativas como uma montagem, outrossim terá maiores noções em relação ao tempo da narrativa (JOST; GAUDREAU, 2009, p. 74). Os *flashbacks* são trechos componentes dessa montagem que explicam e relatam momentos de recordação, fechados em períodos passados, desencadeados por eventos vividos no presente. A edição promove uma colagem dessas cenas para que o destinatário possa perceber o contraste entre passado e presente, interpretando-as e atribuindo significados ao conectá-las (PRAMAGGIORE; WALLIS, 2008, p. 193).

A protagonista recorda como era a relação com seu marido, antes da República de Gilead ser instaurada, com sentimentos de amor e de desejo em *flashes* narrativos. Essas tomadas, *flashes*, estão intercaladas com acontecimentos presentes de June. Um deles é enquanto está sendo estuprada legalmente, por assim dizer, durante tentativas frias e desesperadas de seu Comandante e da esposa dele serem “abençoados” com um filho. Em outro momento, sabemos sobre o início da relação com Luke, enquanto ela vive um amor clandestino, inicialmente, mais pela razão que pela emoção, com o motorista, Nick (Max Minghella), da casta Olhos de Deus. Nick é “o outro” em relação ao Comandante, assim como a própria June já fora “a outra” quando começou um relacionamento com Luke quando este ainda era casado com outra mulher. Um acontecimento do presente desencadeia uma recordação semelhante, sob algum aspecto.

O telespectador atento percebe uma considerável diferença entre os momentos do antigo Estados Unidos da América e da dominação ditatorial teocrática. Quando ainda não havia Gilead, as roupas eram diversificadas, coloridas,

assim como os cabelos. As ruas eram mais alegres e cheias de vida, de cores. Por outro lado, após a mudança governamental, as cores nas ruas são sóbrias, discretas, frias. Não é qualquer um que pode transitar a qualquer momento, o que se reflete inclusive no semblante até mesmo das Esposas inférteis, mesmo que ricas, são prisioneiras: não podem ler nem utilizar aparelhos tecnológicos, concentram-se em cuidar dos filhos que têm por intermédio das Aias, fazer tricô, participar de eventos com as outras Esposas, cuidar do jardim e mandar seus empregados – Aias, Tias, dentre outros – fazerem o que elas quiserem.

A fotografia transmite as impressões por meio das imagens, ou seja, propicia um maior entendimento sobre o desenvolvimento de temas, sobre o tempo narrativo, sobre os personagens, seus humores e ações (PRAMAGGIORE; WALLIS, 2008, p. 107). Compondo a fotografia, as cores e seus contrastes possuem um papel fundamental. As cores podem ser quentes – como o amarelo e o vermelho – ou frias – azul, verde, cinza etc. –, as primeiras propendem a sugerir agressividade, estimulação, excitação e as outras, frieza, tranquilidade, apatia, distanciamento (Costa apud OLIVEIRA, 2020, p. 07). A sociedade americana era composta por todas as cores, havia liberdade de expressão, ao passo que Gilead é marcada por cores frias, uma falsa tranquilidade, uma sociedade indiferente e distante tanto dos ideais quanto dos direitos humanos. As cores que compõem a fotografia de Gilead instauram o sombrio e colaboram com o suspense. Podemos dizer que há na fotografia um toque do gótico.

O único ambiente repleto de cores é um estabelecimento no qual os Comandantes e seus convidados podem divertir-se com Jezabels. O destaque para a cor vermelha na vestimenta das aias retoma essas ideias de violência e agressividade tal qual são tratadas para serem aias e quando desempenham suas funções de provedoras de prole. O vermelho ainda representa, de acordo com o *Dicionário de Símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, “o símbolo universal do princípio de vida”, também “seduz, encoraja, provoca” (2019, p. 994), ou seja, a Aia é aquela que pode trazer à luz filhos, chama a atenção do homem, contudo, pode ser perigosa.

Importante destacar o jogo de luz e sombras em diversas cenas, como quando June, ou como é chamada, a aia Offred, está na janela de seu quarto. O aposento e toda a casa do Comandante Fred apresentam uma escuridão intrínseca, cores frias nas paredes, móveis e roupas. Sentada em frente à janela, é iluminada

por um forte raio de sol, revelando seu papel como resistência e “luz”, a que é iluminada ou entendida, que busca, mesmo com seus altos e baixos, alguma mudança. Esta cena é uma dentre as várias que se repetem ou se assemelham, marcando o cotidiano.

Não apenas os recursos cinematográficos são responsáveis por toda a produção da série, cada detalhe que compõe a visão geral, o todo, é essencial. Um conceito utilizado para englobar os elementos dessa tessitura é a *mise-en-scène*, do francês, “colocar no palco”, ou mais especificamente, como no caso aqui tratado, colocar na tela. O figurino, a maquiagem, a performance dos atores como personagens, o cenário, a iluminação configuram a aparência geral da obra, sob o comando do diretor unidos ao aparato técnico possibilitam ao público uma melhor ou pior experiência de contemplação e de interação.

Em relação ao enredo há inúmeras diferenças entre o livro e a série. A começar pelo nome da protagonista. Ao lermos *O Conto da Aia* entramos em contato com uma narradora que tem seu nome proibido e trocado para o nome de seu dono, sendo que este é o único que a representa no romance, como será abordado no outro capítulo. Já na série, desde o início a conhecemos como June, uma mulher que abre essa verdade para seu amante Nick. A escolha desse nome não foi aleatória. No livro aparecem alguns nomes quando a protagonista está apresentando o quarto onde as Aias dormem. Ela diz Janine, Dolores, Moira e June, o que pode ter sugerido que a última era Offred, numa cena de livro em que várias criadas conversam no dormitório e seus nomes verdadeiros são sussurrados entre elas. Desses nomes, “June” é o único que nunca mais aparece. De acordo com Atwood, em entrevista a *Showrunners*, June não foi o nome idealizado para Offred, mas se encaixa, então, os leitores estão livres para fazerem suas inferências. O diretor Miller revela ter simplesmente pensado naturalmente que seria June, pois é o único nome citado que não se refere a nenhuma outra personagem. Ainda em entrevista, Atwood diz que

é uma coisa importante que ela tenha um nome porque parte do show é que ela não vai deixar isso passar. Ela é forte e teimosa, mesmo que ela tenha que estar do lado de fora olhando e silenciosa e mansa e mantendo sua identidade era uma parte tão importante que precisava do nome para fazê-lo. (MILLER, 2017, tradução minha)²³

²³ it's an important thing that she has a name because part of the show is that she's not going to let that go. She is strong and stubborn, even though she has to be on the outside kind of content looking and silent and meek and keeping ahold of her identity was such an important part that it needed the name to do it. (MILLER, 2017)

Quem assiste June e lê Offred costuma enxergar a primeira como uma grande força reacionária e a segunda como pacífica e frágil mulher. A própria autora afirmou em uma entrevista que June é mais ativa que Offred, “parcialmente por se tratar de uma série de televisão, e parcialmente porque é uma série americana”²⁴(VINEYARD, 2017, tradução minha) As duas foram criadas a partir de perspectivas diferentes. A série é carregada de ação e movimento, adrenalina e medo para manter o espectador vidrado. O dinamismo da série é mais intenso. Já a partir do livro podemos inferir que Offred está mais próxima do real, da mulher comum, mas que não deixa de ser uma heroína por isso. Sua bravura está em gravar sua história, contar tudo o que vive na esperança de um dia os relatos chegarem a alguém. Reduzir Offred a uma mulher pacífica é desprestigiar toda sua força de resistência ao fazer e contar história, o que é feito pelo professor Pieixoto na Conferência sobre Gilead. Ele chega a questionar a existência de tudo que Offred viveu e faz algumas piadas machistas. Será que se um homem tivesse feito as gravações teria tido a mesma recepção?

Essa questão o livro desenvolve bem mais que a série. Denominado *Historical Notes*, o final do romance é o registro de um machismo que fundou Gilead, e que infelizmente ainda acende a luz em pleno 2195, os princípios formativos de Gilead não tendo de forma alguma ainda desaparecido por completo, permanecem sendo denunciados involuntariamente através dos discursos, da prática da linguagem.

O muro onde as pessoas consideradas pecadoras são expostas é muito mais descritivo e identificável no livro. Atwood chegou, inclusive, a revelar que se inspirou no muro da Universidade de Harvard. Na série o local é mais explorado no sentido de que as Aias além de olharem para os corpos, são obrigadas, em determinada cena, a limpá-lo. O muro é símbolo de adestramento. É através dele que a punição vai se naturalizando e, aos poucos, sendo encarada como graça divina.

No livro, Serena já é uma mulher de idade avançada que usa bengala e tem artrite e na série tem uma idade próxima à da protagonista, o que acirra ainda mais a rivalidade entre as duas. Como uma mulher com as mesmas capacidades físicas que ela poderia gerar um filho e ela não? A rivalidade entre as duas é bastante

²⁴ Partly because it's a television series, and partly because it's an American television series. (VINEYARD, 2017)

explorada, chegando a levantar hipóteses sobre uma possível parceria contra Gilead.

Ainda no livro, cada Aia possui uma tatuagem no tornozelo, já na série elas têm uma etiqueta vermelha na orelha. A tecnologia de hoje torna muito mais fácil usar o rastreamento GPS em pessoas com dispositivos pequenos, de forma que cada Servente é observada de perto por meio dessas etiquetas vermelhas e números de identificação correspondentes. É por isso que June diz que "uma criada não iria longe" quando alude à fuga.

Offred narra como fora realizado o golpe. Fala da dissolução do Congresso, quando as mulheres foram perdendo direitos, e revela que não participou de manifestações como sua mãe havia feito na época dela. Offred temia pela sua vida e pela vida de sua família. E Luke a tranquiliza, dizendo que cuidaria dela. Já na série, a protagonista aparece com sua melhor amiga, Moira, protestando próximo a um café, onde se escondem dos policiais.

Na série o terror é potencializado. Prova disso é a punição que Janine, Ofwarren, sofre logo no início: ela perde um olho após uma desavença com as Tias, deixando em intensa evidência que se não se submeterem às ordens de Gilead serão fortemente punidas. No livro o leitor é informado que as Aias podem sofrer punições corporais severas, mas Offred não descreve nenhuma ocorrência.

Janine recebe muito mais destaque na série. Depois de dar à luz a Angela, filha do Comandante Warren Putnam, ela sofre um colapso nervoso. Não aceita entregar uma filha que carregou durante toda gestação. Sequestra a menina e ameaça pular de uma ponte. Offred chega e tenta acalmá-la, ela entrega o bebê, mas tenta se suicidar mesmo assim. O livro fala sobre essa filha, mas não apresenta esse desenrolar para o enredo de Ofwarren.

A personagem Ofglen é a parceira de compras de Offred e de fato tem um papel na resistência, mas não sabemos muitos detalhes sobre ela. Depois que é levada, substituída por uma nova Aia, Offred nunca mais ouve falar dela. A nova Ofglen afirma que ela se enforcou quando viu a van vindo para prendê-la. Na série, sabemos que seu nome verdadeiro é Emily e que ela era casada com uma mulher, com quem tinha um filho. É pega tendo relações com uma outra mulher, sendo considerada traidora de gênero, o que a faz se submeter à cliteridectomia; mais tarde rouba um carro e atropela um Guardiã, sendo lançada nas Colônias por isso.

Na série, a personagem ganha maior destaque, permitindo o debate acerca das causas LGBTQIA+. Ofglen, cujo nome na série é Emily, tem na adaptação sua vida prévia ao regime revelada. Ela era professora universitária de biologia celular e é homossexual. Em Gilead, ela se torna Aia, mas faz parte do Mayday. Assistimos à sua prisão e à cliteridectomia que ela sofre como punição por ter uma relação amorosa com uma Martha. Na cena de seu julgamento, o promotor acusa-a de “traição de gênero, em violação das Escrituras, Romanos, capítulo 1, versículo 26” (The Handmaid’s Tale, 2017, temp. 01, ep. 03) Como Ofglen é fértil, é liberada e passa a servir a outro Comandante. Entretanto, mais tarde, pega o carro do serviço secreto e atropela vários guardas. Como última punição é mandada para as Colônias, onde utiliza de seu conhecimento pré Gilead para sobreviver, e matar uma Esposa por envenenamento.

Nick é outro personagem mais explorado na série. Com o livro sabemos que ele é um homem misterioso por quem Offred se apaixona – mesmo antes de Serena pedir para que façam sexo na esperança de gerarem logo um filho para ela, eles se beijam. Nick é muito mais quieto e vago sobre seus verdadeiros sentimentos. Os leitores só têm acesso aos pensamentos mais íntimos de Offred, e sua relação com Nick, mas as motivações dele nunca são deixadas claras no livro. Ele nunca contou uma história de vida e os leitores nunca descobrem se ele é um Olho ou um membro da resistência.

Miller explora a chegada de turistas em Gilead. No livro, Offred está fazendo compras quando um guia turístico se aproxima e pergunta se ela está feliz, como se seu papel fosse a atração do momento. Na série, o Comandante Waterford chega a hospedar mexicanos. Na cena, uma mulher também pergunta se ela está feliz, mas está cercada de homens da elite. O acréscimo dessa delegação traz especulações, como será que as Aias serão comercializadas?

O grupo de resistência também ganha maior destaque na série. Offred é chamada à missão de receber um pacote. Em nenhum momento ela sabe o que é, mas assume o risco e pede ao Comandante para que a leve na casa de Jezebel, onde ele está. Ela falha, mas Moira a ajuda e ela consegue pegar. Mais tarde, ao abrir, encontra várias cartas antigas de mulheres que buscam por ajuda. Esse evento acontece apenas na série.

No final da primeira temporada, após saber da gravidez de Offred, Serena a leva para ver sua filha, o que só acontece na série. Serena a conforta com a

chantagem de que enquanto “seu” bebê estiver bem, a filha de Offred também estará. No livro, a protagonista não sabe o paradeiro da filha, não sabe nem se ela está viva. Mas na série, Hannah aparece em várias cenas, inclusive com a família que a acolheu.

Essas dentre outras diferenças tornam a série um material complementar ao romance distópico. A adaptação faz com que a imaginação ganhe concretude e maximiza o discurso, potencializando o drama da vida de Offred. Com o livro adentramos em um universo sombrio, mas sem noção da dimensão sobre tudo que é narrado, e com a série, experimentamos o poder de Gilead.

2 PURITANISMO: AS RAÍZES DE GILEAD

“Sem compreensão do Puritanismo, e isso em sua fonte, não há compreensão da América”. (MILLER, 1982, tradução minha)²⁵

Semelhante ao panóptico de Bentham e, posteriormente, de Foucault, a sociedade estadunidense no século XVII vivia sobre extrema vigilância, e, assim como Offred, sob normas religiosas, pautadas nas interpretações da Bíblia. Por volta de 1620 o puritanismo chegava nos Estados Unidos, construindo a identidade de um país que ainda mostra valores tão extremistas e conservadores em pleno século XXI. Atwood, no artigo Carta sobre a América, afirma:

Sua casa já pode ser acessada sem o seu conhecimento ou permissão, você pode ser pego e encarcerado sem justa causa, sua correspondência pode ser espionada, seus registros particulares podem ser pesquisados. Por que esta não é uma receita para roubo generalizado de negócios, intimidação política e fraude? Eu sei que disseram a você que tudo isso é para sua própria segurança e proteção, mas pense nisso por um minuto. Enfim, quando você ficou tão assustado? Você não costumava se assustar facilmente. (ATWOOD, 2003, tradução minha)²⁶

Tudo começou na Inglaterra do século XVI com a contestação à igreja católica. Um grupo radical, insatisfeito com a postura da igreja e o advento do Renascimento, decide apresentar uma nova igreja, uma igreja que combinaria com o modo de vida de um verdadeiro cristão. O antropocentrismo unido à razão desagradava esse grupo de cristãos mais radicais. Os costumes liberais iam de encontro ao modo de vida defendido por eles.

Então, em 31 de outubro de 1517, Martinho Lutero, alemão, líder desse grupo, elencou argumentos contrários à igreja, denunciou o papa e sua doutrina, dando início à Reforma Protestante. Conseguiu alguns aliados, pessoas interessadas em dinheiro e poder, para se opor à igreja e formou o que conhecemos hoje como Protestantismo. Cristãos insatisfeitos com a união de valores religiosos

²⁵ “Without some understanding of Puritanism, and that at its source, there is no understanding of America”. (MILLER, 1982)

²⁶ Already your home can be entered without your knowledge or permission, you can be snatched away and incarcerated without cause, your mail can be spied on, your private records searched. Why isn't this a recipe for widespread business theft, political intimidation and fraud? I know you've been told that all this is for your own safety and protection, but think about it for a minute. Anyway, when did you get so scared? You didn't used to be easily frightened. (ATWOOD, 2003)

com ideais políticos, a corrupção generalizada, fez com que perdessem a crença em uma igreja que tanto pregava, mas não agia de acordo.

Enfurecido com a Igreja, pois não permitia seu divórcio, tão almejado por sua esposa Catarina de Aragão não lhe gerar um herdeiro, o rei Henrique VIII declara guerra ao papa: determinando que a figura do rei passasse a ter o poder de nomear os ocupantes dos cargos eclesiásticos e opinar sobre assuntos de ordem religiosa. Foi excomungado e criou-se a Igreja Anglicana, que já vinha sendo idealizada por problemas políticos entre Inglaterra e Roma desde a Guerra de Cem Anos. Assim, em 1534, o rei passava do papa para si a autoridade sobre os cristãos ingleses, gerando grandes benefícios financeiros para nobreza e burguesia. Afinal, as propriedades da Igreja se tornaram propriedades privadas, permitindo a ascensão dos burgueses que também tinham seus ideais religiosos.

A burguesia, então, encontrou no Puritanismo sua base religiosa, se opondo ao Anglicanismo. Defendiam a separação entre igreja e estado, queriam construir uma igreja que fosse pura, mas enxergavam o lucro como uma bênção.

o objetivo puritano era completar o que a Reforma da Inglaterra começou: terminar de remodelar o culto anglicano, introduzir a disciplina da igreja nas paróquias anglicanas, estabelecer a retidão nos campos político, doméstico e socioeconômico²⁷ (PACKER, J. I., tradução minha)

O catolicismo estimulava os fiéis a desprezar a carne e seus prazeres, defendendo a vida no céu como o paraíso, mas não era o que acontecia entre o clero, pois ofereciam absolvição dos pecados através da venda de indulgências. Somando essa questão de corrupção dentro da igreja a ideias novas, como a predestinação, a crença de que já nascemos destinados ao céu ou ao inferno, João Calvino fundou o que conhecemos hoje como Calvinismo, uma nova doutrina que buscava a purificação da fé. Então, isso se espalhou pela Europa e pela Inglaterra com o auxílio, por exemplo, de livros como *As Institutas da Religião Reformada*, publicado em 1536. Como a salvação para eles não era uma garantia, algo que se você pagasse, você receberia, procuravam a salvação que era concedida de acordo com a capacidade de cada um agir moralmente. Logo, por defenderem uma vida o mais próximo da pureza, foram denominados puritanos. A palavra fora cunhada por oponentes, carregando um tom pejorativo para ridicularizá-los como pessoas que se

²⁷ the Puritan goal was to complete what England's Reformation began: to finish reshaping Anglican worship, to introduce church discipline into Anglican parishes, to establish righteousness in the political, domestic, and socio-economic fields. (PACKER, J. I.)

consideravam mais sagradas ou melhores do que outras. No entanto, os destemidos puritanos reivindicaram o nome para si mesmos, adotando-o como um emblema de honra.

Foi o calvinismo que inspirou o modo como os Puritanos agiam na sociedade e, nessa perspectiva, torna-se necessário entender as bases da sua doutrina. Para os Puritanos, Lutero e Calvino eram os heróis da fé, homens que lançaram uma grande reforma na Igreja corrompida de Roma, reforma essa que eles pretendiam continuar na sua própria aventura na Nova Inglaterra. (NUNES, 2009, p.34)

Os calvinistas, também conhecidos como puritanos acreditavam que o pecado original teria deixado o homem corrompido. O homem já nascia como um potencial ser do mal. Sendo assim, ninguém conseguia a salvação, ainda que tivesse uma vida regrada de orações e confissões, já nascia condenado. A única esperança era a fé. Para eles, o único interesse era saber se faziam parte do povo eleito ou se iam arder no fogo do inferno. Ficavam à espera de sinais para descobrirem o fim. Queriam ver uma igreja reformada, o que denominou a doutrina deles de fé reformada. A igreja não tinha mais a capacidade de absolver os fiéis de seus pecados e definir quais iriam para o reino dos céus. Também não tinha mais o direito de, através de papas e bispos, padres e reis interferir na relação que se estabelecia entre o homem e Deus, através da bíblia.

Mas os puritanos achavam que ainda seguiam muito os preceitos da Igreja Católica. Para fugir da perseguição da Igreja Inglesa e ter mais liberdade para praticar a fé, um grupo de puritanos mudou-se para a Holanda em 1608. Ainda insatisfeitos com as condições de vida, resolveram se mudar novamente. E assim navegaram a bordo do Mayflower, em 1620, para os Estados Unidos, que para eles era a terra prometida, o paraíso, a chance de ter uma vida voltada para suas crenças. Aportaram em Plymouth, Massachussetts, onde tiveram muita dificuldade para se estabelecer. O frio era rigoroso e a plantação não o suportou. Muitos morreram. O auxílio dos nativos que ali viviam foi essencial para os colonos.

A reforma da Igreja na Inglaterra, todavia, foi conservadora, porque manteve o velho sistema de governo da Igreja e muitas das antigas formas de culto. Por isso, o partido dos puritanos desejava reformas mais radicais, tais como: simplificação do culto, abolição do episcopado, adoção do sistema presbiteriano de governo, congregacionalismo e disciplina rigorosa. Contudo, muitos deles perderam a esperança de ver a Reforma da Igreja da Inglaterra e emigraram para a América, à procura de liberdade religiosa (MENDONÇA, 1997, p. 59).

O objetivo dos puritanos era chegar na terra que hoje é denominada Nova York. Entretanto, foram obrigados a mudar de rota no meio da viagem devido a questões climáticas, desembarcando em Massachusetts. Antes de pisarem na terra, escreveram o *Mayflower Compact*, um documento que lhes dava poder, considerando-os independentes.

Neste capítulo será abordado o alcance que esse grupo de pessoas atingiram, alterando e construindo a identidade de nações. Os puritanos, além de mudarem a vida da Inglaterra e da Escócia, construíram o que conhecemos hoje como Estados Unidos.

Há quem diga que o pastor William Tyndale fora o primeiro puritano, devido à sua versão da Bíblia em 1536, que fez dele o primeiro homem a desobedecer a coroa para o avanço do protestantismo inglês, e quem acredite que o primeiro uso do termo puritano fora em 1564, após a reivindicação de Henrique VIII. De acordo com a obra *The A to Z of the puritans* (2009), o início do puritanismo se deve ao momento de fuga das perseguições da rainha católica Maria I. Esse foi o momento em que muitos exilados passaram um tempo sob influência de João Calvino, que já havia publicado *Institutes of the Christian Religion* em 1536.

Em 1547 Henrique VIII morre e Eduardo VI assume o trono, um menino enfermo que não reinou por muito tempo. O governo perfeito para instituir mudanças na igreja. De acordo com Bremer (2009),

A ascensão do menino-rei Eduardo VI em 1547 foi uma dádiva de Deus para aqueles que buscavam mais reformas. Tutelado por homens zelosos defensores da reforma evangélica, Edward deu sua aprovação a vários passos há muito favorecidos por tais homens. Santuários que honraram santos foram fechados, estátuas religiosas que os protestantes acreditavam que promoviam a idolatria foram destruídas ou desfiguradas, pinturas na parede de igrejas foram caiadas de branco, vitrais com imagens e cenas religiosas substituídos e instrumentos musicais vendidos, vandalizados ou destruídos (BREMER, 2009, p. 5, tradução minha).²⁸

Mais ainda assim não era suficiente. Havia um grupo que queria mais transformações. Até que Eduardo morreu e Maria I, filha de Henrique VIII, assumiu o

²⁸ The accession of the boy-king Edward VI in 1547 was a godsend for those seeking further reform. Tutored by men who were zealous advocates of evangelical reform, Edward gave his approval to various steps long favored by such men. Shrines that honored saints were closed, religious statues that Protestants believed promoted idolatry were destroyed or defaced, church wall paintings whitewashed, stained glass windows depicting religious scenes replaced, and musical instruments sold off, vandalized, or destroyed. (BREMER, 2009, p. 5)

poder. Ela estava determinada a devolver à Igreja Católica seu espaço. Maria I chegou para inverter a direção do processo religioso. Com a católica no comando, iniciou-se uma caçada aos protestantes. Muitos foram queimados, mortos, exilados, foragidos. Houve muito derramamento de sangue. Dentre os assassinados estão os bispos Hugh Latimer, Nicholas Ridley e o arcebispo da Cantuária Thomas Cranmer. Isso deu o apelido de sanguinária para a rainha – Bloody Mary.

Em 1558, Maria I morre e Elizabeth I assume o trono. Com a rainha virgem no comando, a Inglaterra superou o período de oposição e perseguição violenta ao protestantismo e passou a adotar a doutrina anglicana, restabelecendo o equilíbrio no país. O protestantismo fora restabelecido; evitaram-se as guerras de religião; a nobreza fora desarmada; já não havia mais qualquer perigo de revolta feudal. “A independência nacional da Inglaterra fora assegurada pela vitória sobre a Armada Espanhola e pelo estabelecimento de relações amistosas com a Escócia” (HILL, 1991, p. 21).

Após a era de ouro dos puritanos, com a morte de sua rainha, não conseguiram engajar governadores políticos e eclesiásticos a adotar as reformas que defendiam. Entretanto, já haviam atraído elevado número de ingleses, espalhando sua mensagem durante a Era Elisabetana. Dando continuidade à Dinastia Stuart, James, que havia sido rei da Escócia, passa a ser rei da Inglaterra. A igreja da Escócia era Presbiteriana e os puritanos esperavam que isso tornasse o novo monarca simpático às reformas propostas. Contudo, ele rejeitou a maioria dos pedidos puritanos, embora ele tenha providenciado uma nova tradução da Bíblia - que se tornou conhecida como Versão Autorizada ou Bíblia King James.

Preocupações puritanas sobre uma conspiração anti-calvinista para mover a Inglaterra de volta para Roma foram acentuados quando o rei James casou seu filho e herdeiro Charles com uma princesa católica francesa e concedeu-lhe o direito de ter culto católico aberto no tribunal. Clérigos puritanos, como John Preston, que havia sido favorecido pelo rei no início de seu reinado, começaram a perder influência. Essa tendência se intensificou após a ascensão de Carlos I em 1625. Os desafios resultantes forçaram os puritanos a desenvolver novas estratégias para sobreviver e implementar o reino de Deus na terra.

Havia dois grupos de puritanos: os separatistas, os mais extremistas, que queriam de qualquer jeito separar igreja do estado, porque a igreja já estava um tanto quanto corrompida, e o grupo de Massachussetts, mais equilibrados, que

queriam reformar a igreja, mantendo algumas coisas. De modo geral, se viam como o povo escolhido destinado à terra prometida que acreditavam em um deus irado e nada misericordioso, afinal, compreendiam o Antigo Testamento literalmente. Para ser um puritano de verdade, o indivíduo devia seguir um código de conduta que dizia: Deus está acima de todas as coisas; ser temente a Deus e seus castigos; deve-se sempre trabalhar pesado; os homens estão acima das mulheres; mulheres devem sempre casar e ter filhos; a vaidade é um pecado; outras religiões não devem ser toleradas; deve-se ter uma vida simples; as pessoas devem trabalhar juntas pelo bem da comunidade; não há tempo nem lugar para lazer; as crianças devem ser vistas e não ouvidas; deve-se reprimir as emoções; a educação é importante para compreender Deus e qualquer atividade que não for destinada a Deus é pecaminosa. Em uma passagem do famoso sermão *City upon a hill* de John Winthrop, apresenta-se outra característica do puritano: a vigilância.

Os olhos de todas as pessoas estão sobre nós. De tal forma que, se agirmos falsamente com nosso Deus nesta obra que empreendemos, e assim fizer com que Ele nos retire Sua atual ajuda, seremos transformados em uma história e um exemplo de algo que deu errado em todo o mundo.²⁹
(WINTHROP, tradução minha)

Os puritanos também tinham outra característica peculiar: acreditavam em bruxaria. Não bruxas de filmes, como Harry Potter, mas pessoas do mal infiltradas para executarem o projeto do diabo. Para eles, se havia um Deus que punia quem andava fora das normas, havia um ser do mal que trabalhava para corromper os indivíduos, o reino do diabo coexistia com o mundo físico. Quando algo dava errado, quando surgiam doenças, desastres naturais ou quaisquer tragédias, acreditavam que só podia ser fruto do diabo. Enquanto Deus selecionaria os “eleitos” para receber a bênção da salvação, o diabo escolheria indivíduos para cumprir sua missão de derrotar a Deus e seu projeto. Esses indivíduos, recrutados pelo Diabo, com quem faziam um pacto, eram os que os Puritanos chamavam de “bruxas”, enquanto eles eram os eleitos, pois faziam parte de uma sociedade predestinada por Deus, o que lhes conferia um caráter superior perante os outros. Para tal, buscavam justificativas na Bíblia.

²⁹ The eyes of all people are upon us. So that if we shall deal falsely with our God in this work we have undertaken, and so cause Him to withdraw His present help from us, we shall be made a story and a by-word through the world. (WINTHROP)

Tal como os hebreus no Egito, também eles foram perseguidos na Inglaterra. Tal como os hebreus, eles atravessaram o longo e tenebroso oceano, muito semelhante à travessia do deserto do Sinai. Tal como os hebreus, os puritanos receberam as indicações divinas de uma nova terra (KARNAL *et al.*, 2007, p. 47)

Os puritanos sempre mantinham a guarda levantada enquanto se perguntavam se o vizinho do lado ou a pessoa nos bancos ao lado deles na igreja poderia secretamente ser uma bruxa. Embora qualquer pessoa pudesse ter sido atingida, as mulheres eram consideradas facilmente tentadas pelo diabo e, portanto, mais suscetíveis à bruxaria. Se um indivíduo era acusado de feitiçaria e não admitia o crime, geralmente era enforcado. Admitir o crime de bruxaria salvaria a vida, mas negar as acusações resultaria em morte (geralmente enforcamento).

O caso de bruxaria mais famoso é a história das bruxas de Salém. Sabe-se que Salém era colônia britânica, uma região teocrática de Massachussets dominada por puritanos no século XVII, ou seja, as pessoas daquele lugar viviam sob um governo no qual “Deus” é o líder supremo, ou melhor, as pessoas que se sentiam no poder de um deus se sentiam na liberdade de fazer e desfazer o que bem quisessem em nome de Deus. Quem não estivesse satisfeito estaria se manifestando contra a Bíblia ou o próprio Deus.

A origem da histeria foi no ano de 1692, quando algumas meninas da Vila de Salém faziam brincadeiras para descobrir sobre o futuro delas. Foram para floresta, onde colocaram uma bola de cristal para ver as revelações, porém tudo o que viram foi “alguma coisa com aparência de caixão” (KARLSEN, 1989, p. 36). Duas dessas meninas, a filha e a sobrinha de Samuel Parris, Elizabeth e Abigail, reverendo de Salém odiado pelo povo, foram acometidas por uma doença estranha. Ela apresentava sintomas fora do comum: contorcia-se de dor, gritava e alegava estar sendo picada por insetos. O mesmo ocorreu com a sobrinha de Parris, de 11 anos, e outra garota da mesma idade, até que atingiu mais e mais garotas. Como tudo que não se conhece é denominado obra de outro mundo, o médico William Griggs sugeriu que a origem do problema seria de ordem sobrenatural.

Naquela época pairava uma forte crença no diabo, comum aos puritanos que ali viviam, havia facções entre as famílias da Vila de Salém e a rivalidade com a cidade vizinha combinada com uma epidemia de varíola recente e a ameaça de ataque por tribos indígenas – a ameaça dos índios era a ameaça do demônio- em guerra criaram um terreno fértil para o medo e a suspeita. Somado a isso, um livro

fazia muito sucesso. Escrito por Cotton Mather, *Memoráveis Providências* descrevia o caso de uma lavadeira de Boston suspeita de bruxaria. O comportamento das meninas doentes era semelhante ao descrito no livro. Foi o que bastou para saírem à caça às bruxas, um evento que, de acordo com Federici transformou a visão da mulher perante a sociedade: Na época da queima das mulheres na fogueira por práticas de bruxaria, elas eram vistas como selvagens, rebeldes e insubordinadas, mas depois desse movimento aterrorizante contra as mulheres, elas passaram a ser retratadas como seres “passivos, assexuados, mais obedientes e morais que os homens” (FEDERICI, 2017, p. 205). A primeira a ser condenada foi a escrava caribenha Tituba, que costumava contar lendas de bruxas e vodus do folclore de seu país para as meninas, além de praticar uma religião não-cristã. Para se livrar da força, assumiu a culpa. Também foram acusadas Sarah Good, uma mendiga e Sarah Osborne, uma idosa pobre, mas, como disseram ser inocentes, foram presas. Além dessas apareceram outras mulheres acusadas por Tituba: Ann Putnam, menina de treze anos; Martha Correy, que riu durante o julgamento, afirmando que não havia bruxas na Nova Inglaterra e acabou sendo presa; Dorcas Good, uma menina de quatro anos, que prendeu sua mãe; Rebecca Nurse, idosa de setenta e um anos; Dorcas Hoar, Susanna Martin; Bridget Shop; Elizabeth Proctor, de quarenta e sete anos, além de muitas outras que pelo parentesco foram descobertas e acusadas. Inclusive, o esposo dessa última, John Proctor, que foi o primeiro homem a ser condenado por defender sua esposa. Para tentarem se livrar, as mulheres confessavam ser bruxas, encorajando as outras, e assim foram aumentando o número de “bruxas”, propagando a histeria coletiva.

Outra mulher que merece destaque nessa história é Mary Webster, conhecida como Half-Hanged Mary e tida por Margaret Atwood como sua ancestral. Casada com William Webster, vivia na cidade puritana de Hadley, em Massachusetts. Era pobre, morava em uma casa pequena e às vezes contava com a ajuda dos vizinhos para sobreviver, o que não afetava seu temperamento impetuoso. “Desprezada e às vezes maltratada, ela se irritou com o mundo e tornou-se rancorosa com alguns de seus vizinhos; eles começaram a chamá-la de bruxa e a maltratá-la. Mary Webster supostamente lançou um feitiço em gado e cavalos para que eles não pudessem passar por sua casa. Os donos desses animais a encontraram e espancaram para que estes pudessem passar. O júri de Massachusetts a absolveu de bruxaria em 1683, mas seus vizinhos ainda a consideravam uma bruxa - especialmente porque

ela sobreviveu depois que a deixaram pendurada em uma árvore. *O Conto da Aia* é dedicado a ela.

O governador, William Phips, então, criou uma corte para julgar os casos de bruxaria, formado por cinco juízes. Os réus não tinham direito de ter testemunhas a seu favor. A primeira a ser julgada fora Bridget Bishop. Como já possuía um histórico complicado, tinha poucos amigos e vivia em conflito com os vizinhos, era a ré perfeita. Logo foi enforcada. Mais de 150 pessoas foram presas. Houve 20 execuções, sendo uma de um homem por apedrejamento. Em seguida, foi formado um novo tribunal de justiça para substituir o tribunal da feitiçaria, que libertou aqueles que aguardavam julgamento e perdoou aqueles que esperavam execução. Dessa forma, os julgamentos das bruxas de Salém acabaram. Os julgamentos de Salém podem ser considerados os mais terríveis de toda história: sem provas, sem lei e sem justiça. O grande questionamento é: será que tudo isso foi fruto de um medo coletivo ou se deveu à política puritana?

Há quem diga que existia uma diferença entre os acusados e os acusadores: os primeiros eram da elite do Sul e os outros pertenciam a uma classe menos prestigiada. Em vários casos, os acusadores chegaram a tomar as propriedades das consideradas bruxas, como o caso da família Proctor. Assim as disputas por propriedades eram um ponto a ser considerado para decidir quem viveria e quem morreria. Essas perseguições são fruto da resistência das mulheres perante as mudanças na economia e o poder sexual conquistado por elas.

As bruxas foram só uma desculpa, uma forma de mascarar o objetivo real por trás da famigerada caça às bruxas de Salem. É sabido que ninguém escapou à perseguição, mas, se o medo real que tinham estes fanáticos religiosos fosse realmente da possível ameaça das bruxas, qualquer um poderia ser acusado; porque, então, a maioria das acusações foram direcionadas a uma determinada camada da população de poder aquisitivo mais alto? (CIANCONI, 2014, p. 73)

A soberania puritana tem seu declínio com o clérigo Increase Mather. Ele era da família fundadora do puritanismo na Nova Inglaterra e o manteve por anos. Entretanto, após a revogação da carta original de Massachusetts, em 1684, de Carlos II, dando fim ao autogoverno puritano, o anglicanismo agora era a religião oficial. As simples capelas foram substituídas pelos vitrais das igrejas anglicanas. O direito a voto agora se estendia a todos e não apenas aos que professavam aquela

fé, como fora durante a ascensão do puritanismo. Essa reorganização atraiu outros colonos interessados em conquistar novas terras.

Não há uma exatidão sobre quando a Cidade na Colina começou a se desfazer. Diante de seu isolamento, rigidez, o endurecimento na sua crença ortodoxa, o radicalismo, todo estilo de vida que organizava a vida dos habitantes em torno de sua teologia, o puritanismo não sobreviveu.

Essa união entre fé religiosa e política há muito tempo é sincretizada e enraizada no discurso público. O puritanismo disso não escapou. Como pudemos ver, houve essa junção na construção da primeira colônia nos Estados Unidos. A sociedade era teocrática e autoritária. Diferente dos outros movimentos religiosos – Catolicismo, Luteranismo, Calvinismo etc – que foram institucionalizados, com declarações oficiais, o puritanismo nunca chegou a ter uma identidade clara. Simplesmente, começaram a nomear as pessoas que se diziam puras, piedosas e humildes assim. Era na verdade uma ironia, eram vistos como hipócritas, “santos do pau oco”. Assim pensavam seus inimigos. Entretanto, como já mencionado, os puritanos eram aqueles que buscavam reformar si próprios e sua sociedade, purificando suas igrejas dos vestígios de ensinamentos e práticas católicas romanas então encontrados na pós-Reforma da Inglaterra em meados do século XVI. De acordo com Bremer (2009, p. 49), “Os puritanos acreditavam que a criação foi um dom de Deus e, portanto, intrinsecamente boa. O pecado veio não de usar o que Deus havia disponibilizado, mas de abusar disto”.³⁰ Segundo Atwood, em entrevista ao New York Times, em 1986,

Muitas vezes somos ensinados em escolas que os puritanos vieram para a América para a liberdade religiosa. Disparate. Eles vieram para estabelecer seu próprio regime, onde eles poderiam perseguir as pessoas ao seu coração apenas a maneira como eles mesmos tinham sido perseguidos. Se você acha que tem a palavra e o caminho certo, essa é a única coisa que você pode fazer.³¹ (ATWOOD, 1986)

2.1 Conservadorismo: a sustentação de Gilead

³⁰ Puritans believed that all of creation was a gift of God and thus intrinsically good. Sin came not from using what God had made available, but from abusing it.

³¹ We're often taught in schools that the Puritans came to America for religious freedom. Nonsense. They came to establish their own regime, where they could persecute people to their heart's content just the way they themselves had been persecuted. If you think you have the word and the right way, that's the only thing you can do.

Quando publicou *O Conto da Aia*, em plena Era Reagan, Atwood abordou o contexto de política reacionária, em que o governo promoveu privatizações, afrouxamento de direitos trabalhistas, aumento nos gastos militares, cortes nos gastos públicos e redução de impostos, além da formação de grupos políticos que misturavam valores estatais com familiares: o movimento da Nova Direita. Ele se refere à reação política conservadora contra as modernidades que foram surgindo e “abalando” a moralidade, ou melhor, a falsa moralidade da sociedade estadunidense, que, como vimos, já vem de uma postura “puritana”. Esse movimento cresceu durante as décadas de 60 e 70 com pessoas brancas, protestantes e de classe média contrárias ao aumento das taxas de criminalidade, motins raciais, uso desenfreado de drogas e exposições públicas de sexualidade desenfreada. Culpavam o crescimento do liberalismo, que viam como contribuição para a má administração e corrupção do governo federal. O presidente Ronald Reagan é visto como o herói icônico da Nova Direita.

Neste período, grupos de antifeministas se reuniram contra a Emenda dos Direitos Iguais e as novas formações de família, e muitos americanos criticaram o movimento pelos direitos dos homossexuais, pois eram tidos como pecadores, além de ter havido a expansão do movimento contra o aborto, da popularidade dos programas de televisão evangélicos e do fortalecimento de grupos como *Moral Majority*, uma organização política associada à direita e ao partido republicano, que buscava levar os preceitos religiosos para o âmbito político. Com a “moralidade” abalada, uma combinação de líderes religiosos cristãos e políticos conservadores deu início ao que conhecemos como Nova Direita, que foi sustentada pela *Moral Majority*, fundada em 1979 por Jerry Falwell, um líder religioso e televangelista. Apesar de ser dissolvida em 1989, ajudou a estabelecer a direita como força na política americana, auxiliando Reagan a chegar no poder. “A Moral Majority seria uma peça fundamental na eleição de Reagan, servindo como uma espécie de exército *grassroot* na divulgação da candidatura e na mobilização de eleitores” (SCHNEIDER, 2009 e DIAMOND, 1995) Os cristãos evangélicos viram em Ronald Reagan um líder forte cujas convicções cristãs fariam com que a América permanecesse fiel à sua fundação. A ascensão da nova direita teve um efeito direto na ascensão de Ronald Reagan nas décadas de 1970 e 80, teve um efeito direto na

ascensão de Donald Trump em 2015-16 e continua a ter um impacto duradouro na política americana hoje.

A união entre fundamentalismo religioso e poder político tem consequências perigosas para as vidas das mulheres, como Atwood procura demonstrar em sua obra. “A Nova Direita da década de 80 e 90 dirigiu às mulheres a mensagem de que elas seriam parte da propriedade emocional e sexual dos homens e de que a autonomia e a igualdade das mulheres ameaçam a família, a religião e o Estado” (RICH, 2010, p. 19). Mercer (2015) também aponta a relação direta entre o fundamentalismo religioso e a inferiorização das mulheres, argumentando que o fundamentalismo religioso e sua insistência na “tradição” desempenharam um papel essencial na desigualdade das mulheres dentro das sociedades ocidentais. E faz parte da realidade brasileira em pleno século XXI. Afinal, em fevereiro de 2021, a secretária da Família do Ministério de Direitos Humanos do Brasil marcou presença em Varsóvia para apoiar a restrição ao aborto. Com o movimento desses grupos extremistas, o aborto só é permitido em caso de estupro, incesto e quando a vida ou a saúde da mãe estiverem em perigo. Quando há má formação do feto, a gravidez deve ser mantida, com exceção dos fetos anencéfalos. No dia 7 de setembro de 2021, Angela Gandra também participou do Prayer Breakfast, um evento que começou nos Estados Unidos em 1935 e que envolve a reunião de políticos e movimentos cristãos conservadores. Em suas redes sociais, a secretária afirmou ter defendido o conservadorismo no evento. A ucraniana Anna Purtova agradeceu as visitas estrangeiras e disse que o Brasil é um parceiro estratégico.

Estruturalmente, a Nova Direita é dividida em três setores: um que está mais preocupado com a liberdade econômica; a direita religiosa, que está mais focada em ataques a religiosos, liberdade e valores tradicionais; e a direita social, que se opõe ao aborto, a E.R.A. (Emenda de Direitos Iguais) e, de maneira mais geral, o movimento feminista e as questões que ele representa. Sendo a sexualidade e a família seus pontos centrais de “defesa”, não apenas em nível retórico, mas também em nível de organização em massa.

Ao longo da eleição de 1980 foi não um programa agressivo de gastos com defesa e corte de impostos (que os democratas liberais também apoiaram), mas a oposição ao aborto e à E.R.A que consolidou a direita no poder. É nítido que o Partido Republicano e Reagan recorreram ao “divino” para legitimar suas escolhas políticas, enquanto a Nova Direita, com seus grandes tentáculos, tentava absorver a

comunidade política. Eles perceberam que conquistariam votos de religiosos e de conservadores, em geral, ao alinhar seu discurso com a expectativa desse público em ver a nação novamente dominada pelos princípios judaico-cristãos. A aliança do Partido Republicano com a Nova Direita teve seu início no final da década de 1960, período em que os conservadores

foram bem-sucedidos não apenas em fazer alianças com os políticos republicanos, mas em mudar a agenda do partido. Desta vez, eles focaram mais nas guerras de cultura do que na Guerra Fria. Os protestantes conservadores que se mobilizaram contra o feminismo, aborto, pornografia e direitos dos gays, assumiram o controle do Partido Republicano, parcialmente por causa das alianças de longa data com políticos republicanos. No entanto, talvez mais por causa da frente comum que apresentaram, e por causa das mudanças demográficas e políticas que favoreceram os evangélicos. (WILLIAMS, 2010, p. 3-4, tradução minha)³²

A liderança de fundamentalistas no Partido Republicano tem como plano de fundo o fim dos movimentos dos direitos civis, contribuindo para uma nova união política cristã e permitindo a integração entre fundamentalistas e evangélicos, conforme afirma Williams (2010, p. 6-7): “fundamentalistas como Jerry Falwell aceitaram a realidade da integração racial e começaram a forjar alianças políticas”.

Apesar dessa coalizão ter sido implementada pela Nova Direita, e não pelo próprio Partido Republicano, os líderes desse partido desempenharam papel fundamental para tal. Como eram minoria na década de 1970, deixaram que o próprio Partido Democrata afastasse seus eleitores com sua postura cada vez mais liberal em relação ao aborto, ao direito dos homossexuais e ao feminismo, agregando, assim, novos republicanos conservadores e católicos. Em 1978, a Nova Direita começou a levar a mensagem “pró-vida” além de seus comitês. Assim, arrastaram grupos dedicados à preservação da tradição, dos papéis sociais da família, das igrejas e das escolas.

Esse conservadorismo mais extremado e responsável pela “guinada à direita” do Partido Republicano, caracteriza-se por políticas ultraconservadoras, tais como aquelas presentes na plataforma republicana de 2012: rejeição sistemática ao aborto; ênfase na família como uma instituição constituída exclusivamente por um homem e uma mulher; apoio irrestrito a Israel; defesa enfática e unilateral dos valores norte-americanos

³² Succeeded not only in making alliances with Republican politicians, but in changing the agenda of the party. This time, they focused more on the culture wars than the Cold War. Conservative Protestants who mobilized against feminism, abortion, pornography, and gay rights acquired control of the Republican Party, partly because of their long-standing alliances with Republican politicians, but perhaps more important because of the united front they presented, and because of demographic and political shifts that favored evangelicals. (WILLIAMS, 2010, p. 3-4)

no mundo; rejeição ao estado de bem estar social através da diminuição sistemática do papel e do tamanho do governo na economia norte-americana; entre outras. (VIDAL, 2013, p. 262)

Um grande apoiador dessa nova frente política e religiosa foi o católico Paul Weyrich, herói anônimo da direita da era Reagan nos Estados Unidos. Weyrich tornou-se um grande defensor dos conservadores evangélicos, oferecendo conselhos, apoio moral e tático, e até mesmo assistência financeira aos fundamentalistas (Williams 2012, 135).³³

Weyrich se opôs ferozmente à homossexualidade e ao aborto; teologia da libertação; “Neo-modernistas” dentro e fora da Igreja Católica; o enfraquecimento da fé e do misticismo trazido pela modernização; mulheres que não “colocaram a família em primeiro lugar”; e uma série de outros males.³⁴

O conservadorismo nos Estados Unidos tem suas origens na década de 50, no contexto pós-guerra, do fortalecimento da ciência e do *New Deal*. O primeiro trabalho a promover o ideal conservador foi *Ideas have consequences (1948)* de Richard Weaver, em que são estudadas as causas e as consequências da decadência dos princípios e valores que até então regiam a sociedade estadunidense. Nele, Weaver aponta a dominação da racionalidade científica, que estaria dissolvendo o Ocidente, criando um abismo moral e religioso. Assim, o autor busca reforçar e ratificar a necessidade da religião.

O segundo trabalho foi *God and men at Yale (1951)*, de William F. Buckley Jr. De acordo com o autor, a universidade estava enfraquecendo a fé dos alunos e promovendo o keynesianismo³⁵. Para ele, o retorno a uma sociedade cristã, a uma economia de livre mercado e a uma política onde os preceitos religiosos tivessem espaço eram essenciais. Outra obra relevante para a construção do conservadorismo é *The Conservative Mind*, de Russell Kirk (1953). Foi a partir dela que o conservadorismo recebeu esse nome. De acordo com o autor, o pensamento conservador é baseado em alguns pilares, dentre eles:

³³ A Catholic, Weyrich became a major supporter of evangelical conservatives, offering advice, moral and tactical support, and even financial assistance to fundamentalists (Williams 2012, 135).

³⁴ Weyrich ferociously opposed homosexuality and abortion; liberation theology; “neo-modernists” within and outside the Catholic Church; the weakening of faith and of mysticism brought on by modernization; women who did not “put the family first”; and a host of other perceived ills.

³⁵ conjunto das teorias e medidas propostas pelo economista britânico John Maynard Keynes 1883-1946e seus seguidores, que defendiam, dentro dos parâmetros do mercado livre capitalista, a necessidade de uma forte intervenção econômica do Estado com o objetivo principal de garantir o pleno emprego e manter o controle da inflação. (Oxford Languages)

1. Crença de que uma intenção divina rege a sociedade e também a consciência, forjando uma cadeia eterna de direitos e deveres [...]. Os problemas políticos são, no fundo, religiosos e morais;
2. Afeição pela proliferação da variedade e do mistério da vida tradicional;
3. Convicção de que a sociedade civilizada requer ordens e classes. A única igualdade verdadeira é a igualdade moral;
4. Persuasão de que propriedade e liberdade são inseparáveis. Separe a propriedade da posse privada e a liberdade foi apagada; [...]

Esses primeiros autores conservadores fundaram o que conhecemos hoje como conservadorismo. O foco deles era ratificar o liberalismo econômico, diminuir o poder do estado e oferecê-lo à autoridade local, seja ela, família, igreja, comunidade. Enquanto publicavam e divulgavam, a igreja e os empresários moviam forças. O liberalismo econômico se aproveitou da fraqueza econômica e social, apresentando-se como uma aura virtuosa. Esse tipo de liberalismo, então, veio acompanhado de justificativas religiosas. A religião se tornou um instrumento para aliviar o conflito social e promover o anticomunismo; passou a ser uma característica intrínseca tanto no movimento conservador quanto no partido republicano.

Reagan, que era ator de cinema, começou a se interessar por política. Em 1954 foi contratado pela GE, terceira maior empresa empregatícia dos EUA, que passava por uma campanha de reeducação política e encontrou nele uma liderança.

Reagan, então, passaria a visitar as unidades da GE dando palestras e conversando informalmente com funcionários numa tentativa de “catequizá-los” acerca do funcionamento da economia. Inicialmente as palestras focavam-se nesse único ponto: as vantagens do livre mercado para a economia; no entanto, com o desenvolver do tempo, Reagan passaria a incorporar outros temas como o anti-comunismo. Da mesma forma, passaria a dar essas palestras não só nas fábricas da GE, mas também em associações, escolas, e Câmaras de Comércio. Quando deixou a empresa, sua filosofia política já estava bastante definida e os laços com o PR começavam a ser orquestrados. (VIDAL, 2016, p. 82)

Reagan nunca demonstrou apoio ao movimento pelos direitos civis em seu apogeu durante os anos 60. Ele se opôs à histórica Lei dos Direitos Civis de 1964. E justamente nesse ano, o partido republicano foi derrotado nas urnas, em contrapartida, o movimento conservador galgava seus passos à solidificação na política. As décadas de 60 e 70 foram fundamentais para a organização do movimento, de modo a conquistar sucesso nas eleições de 1980. Foi nesse período que revistas de estilo conservador, como a National Review, ganharam destaque.

Os temas em debates estavam associados aos “problemas sociais”, como moralidade, religião, sexualidade, família, educação e questões relacionadas ao gênero e a raça. “Em específico, temas como aborto, direitos homossexuais e a adoção de certos livros nas escolas seriam a pauta desses grupos nesse período” (Rozell apud PEELE e ABERBACH, 2011, p. 70).

Em 1980, os Estados Unidos eram governados pelo democrata Jimmy Carter. O país enfrentava uma forte crise econômica: inflação dos preços e altos níveis de desemprego. Esse período marca a queda do partido democrata e a ascensão do republicano, momento em que Reagan, a pessoa preparada para tirar vantagem da situação, mostra sua força. Assim como no Brasil da era bolsonarista, o antigo presidente dos Estados Unidos não era visto como um forte candidato, devido ao seu potencial conservadorismo. Dizia-se ser não um político, mas um homem comum, contrário aos impostos, regulamentos governamentais, grandes gastos, desperdício e fraude, bem como o atual presidente do Brasil.

Mas nem sempre o presidente fora republicano. Começou sua vida adulta como um democrata liberal e partidário. Ele só se tornou um anticomunista no final dos anos 1940, como muitos liberais o fizeram, quando a Guerra Fria tomou forma. Somente durante a década de 1950, com um novo empregador corporativo e uma nova esposa conservadora, Nancy Davis Reagan, ele abraçou a extrema direita. Ronald Reagan emergiu como o redentor primeiro do conservadorismo da Califórnia e depois do conservadorismo nacional.

A direita religiosa, preocupada com as mudanças sociais, trouxe, assim, um novo conservadorismo, o neoconservadorismo, que desponta na década de 70 e difere do primeiro por conta da origem de seus principais proponentes. Irving Kristol, Daniell Bell, Nathan Glazer, Seymour Martin Lipset e Daniel Moynihan vinham da esquerda norte-americana – eram democratas e Trotskistas. A partir da década de 1950 passariam a questionar o partido democrata por entender que esse estaria desenvolvendo políticas comunistas.

Assim como todo governo totalitário se apropria das maselas e desgraças para se autopromover, o neoconservadorismo, chamado também de Nova Direita, foi fundado sob problemas econômicos que assolavam os Estados Unidos, provocando a união de conservadores, anticomunistas, intelectuais e tradicionalistas religiosos – o que inclui protestantes e católicos, que foram embalados pela repulsa ao aborto, dieito dos homossexuais e pornografia. Assim, “O *New Right* atualizou

ideias conservadoras de longa data e apresentou-as em um formato mais moderno e populista”.³⁶ (SCHALLER, 2007, p. 30, tradução minha)

Moderno, pois ao invés de pregar apenas para o público restrito a um salão ou igreja, os ditos neoconservadores foram pregar para o mundo, através do televangelismo. Programas de tv foram ao ar com o intuito de arrebanhar o máximo de fiéis para o movimento. Dentre os mais famosos estão *700 Club*, *the PTL Club*, and *the Old Time Gospel Hour*. “Dentro de alguns anos, a igreja eletrônica atraiu audiências semanais de cerca de 100 milhões”³⁷ (SCHALLER, 2007, p. 32, tradução minha).

Nesse interim, emerge Reagan como figura pública. Sua trajetória no meio cinematográfico é um importante fator para compreendermos sua posição conservadora, desde seu entusiasmo anticomunista nos anos 40 e 50 ao seu comportamento aliado aos empresários e executivos de Hollywood. Chegou a ser um dos articuladores da criação de políticas para expandir o cinema hollywoodiano, sugerindo, até mesmo, que o Departamento de Estado cortasse auxílios aos países que se negassem a importar filmes estadunidenses. E o mais importante, Reagan contribuiu para vincular o cinema à batalha ideológica contra o comunismo. Sua perseguição contra os comunistas também fora veiculada através do *Screen Actors Guild* (SAG), o sindicato de atores e atrizes hollywoodianos. Como presidente do SAG de 1947 à 1952 trabalhou na elaboração de listas negras, que denunciavam atores, diretores, roteiristas e outros trabalhadores do meio cinematográfico por supostas alianças ao comunismo.

Depois desse cargo de destaque, foi eleito e reeleito governador da Califórnia, ampliando seus tentáculos conservadores.

Com a condenação das políticas de bem-estar social, o tom apocalíptico e rebelde no discurso, um anticomunismo inflamado, aquele típico anti-intelectualismo e apelo à moralidade e religiosidade em nome de um resgate dos “valores tradicionais” estadunidenses, Reagan mantinha a postura e os discursos alinhados às pautas mais constantemente defendidas pelos conservadores desde os anos 1950. (SCHALLER, 2007)

O conservadorismo estadunidense eram fortalecido pelos *Think Tanks*, que eram organizações que produziam conteúdo para ser difundido e funcionar como um

³⁶ " The "New Right" updated longstanding conservative ideas and presented them in a more modern and populist format.” (SCHALLER, 2007, p. 30)

³⁷ Within a few years, the electronic church attracted weekly audiences of around 100 million. ³⁷ (SCHALLER, 2007, p. 32)

catalisador. O norte dos Estados Unidos era composto por neoconservadores moderados e o sul era ultraconservador, ligados, principalmente, à Nova Direita. A inserção desse mecanismo aproveitava o contexto de crise para difundir ideias conservadoras, não apenas no setor econômico, mas na esfera política, social e moral. Desse modo, o projeto encampado por Reagan em sua ascensão incorporava não apenas soluções econômicas, mas se legitimava em um argumento moral, que enfatizava a importância da família [...] (SILVA, 2021, p. 57)

Neste contexto, Reagan se tornou presidente dos Estados Unidos em 1980, e a partir de 1981 implementou o plano conservador dos republicanos que, de acordo com seu discurso, era o único capaz de resolver os problemas do país. Isso se deu em dois aspectos: a política econômica – Reganomics – e a ligação dela com um discurso que enfatizava a moralidade, embasada por princípios religiosos, como solução para uma sociedade degenerada.

Reagan teve forte apoio religioso em sua campanha, além da crença de que os indivíduos deveriam voltar-se para Deus e a ter fé, que obteve apoio financeiro, na medida em que a Nova Direita corporativa sustentava a Nova Direita religiosa. “É, inegável que um elemento-chave, a estratégia da direita era usar as igrejas e particularmente o movimento "direito à vida" como modelo e base organizacional” (PETCHESKY, 1981, p. 212). Essa aliança é nítida pela ascensão do já citado apoiador Jimmy Falwell, que adquiriu um programa de tv de amplo alcance que fazia propaganda para Reagan. De acordo com Petchesky (1981, p. 217), “Falwell transmite diariamente mais de 300 estações de televisão e 280 estações de rádio em trinta e um estados” Associavam democratas e progressistas a homossexuais, feministas, socialistas e a todos contra a moral estadunidense.

Essa aproximação entre religião e política se tornou mais forte no segundo mandato de Reagan. “Difundia-se um discurso que associava a busca de um passado idealizado e de uma tradição religiosa legítima ao retorno da religiosidade como fio condutor da vida dos cidadãos” (SILVA, 2021, p. 63) Neste sentido, a ideia era fazer com que a busca pela fé reconstruísse a família e a comunidade como instituições, logo, como a grandeza da nação.

A crença de que o mal da sociedade estava nas ideias progressistas, associadas à promiscuidade e ao direito das minorias levava multidões a crerem nessa visão apocalíptica do Estado. Ela sustentava que os Estados Unidos haviam perdido os valores morais, que haviam alçado o país ao posto de grande nação,

valores esses que já estavam pervertidos pela difusão de pornografia, consumo de drogas, homossexualidade, violência e aborto. São esses os mesmos problemas enfrentados pelos Estados Unidos da ficção que estudamos. O grande argumento para construção de Gilead fora a crise moral pela qual o país estava passando. E assim como na realidade, surgiram líderes religiosos envolvidos em questões políticas. Além dessas questões entra em cena um novo fator, que não aparece com tanta clareza na ficção, mas que determinou o comportamento político na realidade:

A emergência da aids em fins dos anos 1970 e início dos anos 1980 ajudou a reforçar a retórica moralista. Não estava em jogo apenas avaliar a efetividade desse tipo de argumento, mas, muito mais que isso, o debate no âmbito moral catalisava força para o campo conservador ao passo que colocava a questão sexual como uma forma de combater os progressistas e, ainda, aliada a outras questões como o anticomunismo e o neoliberalismo, que compunham um poderoso arsenal ideológico. (SILVA, 2021, p. 65)

Nos Estados Unidos, a ascensão da Aids ocorrera simultaneamente à da Nova Direita de Reagan. Apesar de que a doença nunca foi uma questão exclusiva da comunidade gay, nem somente uma questão de saúde pública: a pandemia é um problema de todos, um componente que devia ser crítico para a agenda de toda a sociedade (KRIEGER; MARGO, 1994, p.4), assim foi estigmatizada e marginalizada. Devido à indiferença e falta de mobilização contra a doença, o presidente chegou a ser denominado, pelo dramaturgo e ativista Larry Kramer, de “Adolph Reagan” em 2004. Wilentz argumenta que

o fracasso do presidente, até o final de 1985, em abordar seriamente a disseminação, o contágio da síndrome da imunodeficiência adquirida, ou AIDS, refletia tanto um profundo antagonismo público em relação à homossexualidade quanto uma determinação política por parte da Casa Branca para não ofender partidários da direita religiosa (WILENTZ, 2008, p. 185, tradução minha).³⁸

Os Estados Unidos viveram o terror nas mãos de Reagan e, em tempos mais recentes, de Trump. “Donald Trump é um populista conservador e o descendente e herdeiro legítimo de Ronald Reagan³⁹”. (Buchanan, 2017, tradução minha) Trump superou Reagan como o presidente preferido dos republicanos, e é considerado o

³⁸ “the president’s failure, until late 1985, to address seriously the spreading contagion of acquired immunodeficiency syndrome, or AIDS, reflected both a deepseated public antagonism toward homosexuality and a political determination by the White House not to ire supporters of the religious right” (WILENTZ, 2008, p. 185)

³⁹ Donald Trump is a conservative populist and direct descendant and rightful heir to Ronald Reagan.

pior presidente por 79% da população, de acordo com o Instituto YouGov. Entretanto, no dia nove de dezembro de dois mil e vinte e um, noticiou-se em todo o mundo o novo posicionamento do atual presidente dos Estados Unidos, Joe Biden. Todo quadro de retrocesso exibido pelo governo Trump está ameaçado pela cúpula pela democracia criada pelo atual presidente. Uma união de cem diferentes nações vem se formando com o intuito de anunciar novos compromissos, reformas e iniciativas com base em três pilares: a defesa da democracia contra o autoritarismo, a luta contra a corrupção e o respeito aos direitos humanos, como afirmam os noticiários referentes à Cúpula pela Democracia⁴⁰.

2.2 Sob a mão dele: o fundamentalismo religioso

*Tudo esboroa; o centro não segura; Mera anarquia
avança sobre o mundo, Maré escura de sangue
avança e afoga Os ritos da inocência em toda parte;
Os melhores vacilam, e os piores Andam cheios de
irada intensidade.*

(Yeats)

Falar sobre fundamentalismo religioso é de suma importância nos dias de hoje, visto o avanço nefasto que essa ideologia tem tomado pelo mundo, influenciando a política e como as pessoas pensam. A intolerância e o discurso de ódio pautado nas palavras bíblicas regem Gilead, mas também muitos lugares da vida real. Diferente do que se costuma pensar, o fundamentalismo religioso não é oriundo do islamismo, nem de agentes exterministas do Talibã, mas suas primeiras formulações foram elaboradas pelo Protestantismo dos Estados Unidos, no final do século XIX.

O final do século XIX foi um tempo de incertezas nos EUA, o que certamente favoreceu o ressurgimento de ideias apocalípticas, o reavivamento das doutrinas bíblicas e a certeza que só Deus salvaria a pátria e o mundo decaído pelo modernismo e o cientificismo materialista. (CHEVITARESE, CAVALCANTI, DUSILEK, DE MARIA; 2021; p. 197)

⁴⁰ União entre mais de cem países em prol da democracia, liderados pelo presidente dos Estados Unidos Joe Biden.

Os fundamentalistas defendem o retorno às escrituras como verdade a partir dos princípios: “a absoluta inerrância do texto bíblico; reafirmação da divindade de Cristo; Cristo nasceu de uma virgem; redenção universal garantida pela morte e ressurreição de Cristo; ressurreição da carne e certeza da segunda vinda de Cristo” (PACE E STEFANI, 2002, p. 28). Presbiterianos e batistas formavam os grupos fundamentalistas nos Estados Unidos. Em 1919 formaram *World’s Christian Fundamentalist Association* (WCFA) na Filadélfia para angariar novos fieis. Inclusive, o debate acerca de *homeschooling* é desse período, momento em que, para garantir que as crianças tivessem acesso ao ensino do criacionismo, pais defendiam a educação em casa.

As diferentes crenças dentro da mesma igreja oportunizaram a criação de diferentes grupos religiosos. O movimento fundamentalista teve sua participação nessa questão, como em 1920, em que um grupo se afastou da Convenção Batista do Norte, descontentes com o liberalismo teológico, fundando a *Bible Baptist Union*. O reverendo presbiteriano Carl McIntire, um dos principais divulgadores dos ideais fundamentalistas, fundou a igreja Presbiteriana Bíblica e o Seminário Teológico da Fé. Assim, o movimento conservador foi se expandindo e conquistando também empresários. “Calcados no princípio da inerrância bíblica condenavam qualquer exegese bíblica que buscasse uma contextualização dos ensinamentos das Escrituras, eram literalistas e ahistóricos na sua interpretação da Bíblia”. (CHEVITARESE, CAVALCANTI, DUSILEK, DE MARIA, 2021, p. 197)

Quando falamos em fundamentalismo religioso logo vem à mente o cenário do Oriente Médio, muçulmanos extremistas ostentando armamento de peso, ainda mais após o 11 de setembro. Entretanto, o fundamentalismo não advém dos cenários de terror criados pela Al Qaeda e dos grupos terroristas da faixa de Gaza, ele tem uma origem muito diferente e mais próxima de nós: os Estados Unidos.

O fundamentalismo tem uma origem bastante diferente: não as paisagens áridas do Oriente Médio, mas as cidades dos Estados Unidos; não as suras do Alcorão, mas os versículos da Bíblia; e não uma postura genérica de radicalismo religioso, mas um movimento específico, com identidade própria, nascido no protestantismo evangélico nos Estados Unidos em meados do século XX. (DE SOUSA, 2021, p. 103)

De acordo com Chevitarese, Cavalcanti, Dusilek, de Maria (2021, p. 104), “o termo fundamentalismo nasce nos Estados Unidos do século XX [...] Ele denotava uma posição teológica que, até algumas décadas antes, era o padrão da maioria das

denominações evangélicas”. Denominaram-se assim os fiéis mais rigorosos, para se diferenciarem dos mais liberais.

O termo não é singular, possui diferentes acepções, que podem ser até mesmo contraditórias. Fundamentalismo pode aparecer “como sinônimo de conservadorismo, sectarismo e fanatismo; como movimento ou corrente amarrados a modelos culturais e religiosos do passado [...]” (ORO, 1996, p. 23) Historicamente, a palavra se refere a uma manifestação contrária às descobertas científicas da Modernidade, inclusive, a visão de que a Bíblia faz parte da literatura. O fundamentalismo cristão é originário da escrita de uma série de livros denominados *The Fundamentals* (1909), que abordava a oposição de fé e as novas perspectivas da Modernidade.

O fundamentalismo é baseado na interpretação literal da Bíblia e na prática de fé a partir disso. Tudo é baseado em uma verdade universal intocável e inalterável. O texto bíblico é lido por uma lente limitada, que empobrece sua riqueza hermenêutica, construindo um embate com a cosmovisão gestada pela Ciência e manipulando milhões de fiéis, controlando-os e destruindo os discursos do outro, pois são considerados desvios, em nome de Deus.

O fundamentalismo surge como uma reação às modernidades. É uma resposta aos questionamentos dos séculos XVIII e XIX. Anseiam em retornar para o fundamento, princípio de tudo, em um movimento contrário a tudo que surgiu após a descoberta da Ciência. Visto que as novas verdades contradizem a verdade mítica de seus livros sagrados, criando uma suposta ameaça à sua fé e seu ideal de vida. Afinal, as novas perspectivas lançadas pelo saber científico visavam, de certa forma, a criação de uma espiritualidade sem Deus, limitando o espaço da religião. Segundo Armstrong (2009, p. 199), “A espiritualidade conservadora, que ajudara os homens a adequar-se às limitações essenciais e aceitar as coisas como elas são, não os ajudaria naquela atmosfera iconoclasta e futurista”. Assim como os pensadores do século XX não podiam mais ver o mundo sob o mesmo prisma dos séculos passados, os religiosos pareciam possuídos pelo desejo de libertar-se das amarras do passado, queriam reconstruir e inovar o que até então era conhecido por religião, queriam algo novo. O poeta irlandês W. B. Yeats (1865-1939) já avistava uma “Segunda Vinda”, que representava não o triunfo da justiça e da paz, e sim o surgimento de uma era selvagem e impiedosa”. (ARMSTRONG, 2009, p. 197)

Fiéis renovados foram submetidos a criação de novos ritos, crenças e práticas, de modo a dar sentido ainda para vida religiosa de meados do século XX. Da mesma forma como os anos 700 a 200 antes de Cristo foram marcados pela descoberta de que o paganismo não fazia mais sentido para época, a segunda Era Axial ⁴¹fora acometida por um desafio parecido que não é apenas fruto do período moderno, mas da contemporaneidade. Não há uma unidade religiosa, mas uma gama de tentativas, em que o fundamentalismo se destaca pelo mundo.

Em 1909, Charles Eliot, professor de Harvard, fez um discurso com o título “O futuro da religião”, apavorando os fiéis mais conservadores. A nova religião seria fundamentada em apenas um mandamento: o amor a Deus, que deveria ser refletido na relação com o outro, ignorando qualquer liturgia ou dógma.

Não existiriam igrejas nem escrituras; nem teologia do pecado, nem culto. A presença de Deus seria tão evidente e poderosa que não haveria necessidade de liturgia. Os cristãos não teriam o monopólio da verdade, pois as idéias dos cientistas, dos secularistas ou dos que professavam outra fé seriam igualmente válidas. (ARMSTRONG, 2009, p. 200)

Essa versão extremista de igreja representava a repulsa por disputas doutrinárias. Em uma sociedade que valorizava apenas a razão, a verdade comprovada, o dogma era um problema. Ao descartar a doutrina, Eliot buscou recuperar o fundamento, a essência da religião: o amor a Deus e ao próximo. Assim, ele tentou solucionar o principal dilema dos cristãos, propondo uma religião baseada na prática e não apenas em crenças convencionais.

Entretanto, os conservadores ficaram espantados. Como poderia haver religião sem doutrina? Até que em 1910, os presbiterianos divulgaram uma lista de dogmas que consideravam essenciais: (1) a infalibilidade das Escrituras; (2) o nascimento virginal de Jesus; (3) a remissão de nossos pecados pela Crucifixão; (4) a ressurreição da carne e (5) a realidade objetiva dos milagres de Cristo. E entre 1910 e 1915 publicaram uma série de panfletos reunidos na obra *The Fundamentals*, em que abordavam doutrinas como a da Trindade, refutavam o novo modelo de fazer igreja e ressaltavam a importância da verdade do evangelho, ou seja, o objetivo era educar os crentes de acordo com os princípios fundantes do

⁴¹ É a linha que divide a história da humanidade. É o período em que apareceu a mesma linha de pensamento em três regiões do mundo: a China, a Índia e o Ocidente.

cristianismo. Mal sabiam que esse era o germe do movimento fundamentalista, pois naquele tempo tiveram pouca repercussão.

Contudo, durante a Primeira Guerra Mundial, o protestantismo ganhou nova identidade e se tornou fundamentalista. Em 1917, William Bell Riley se reuniu com um dos editores de *The Fundamentals* e com Reuben Torrey e decidiu fundar uma organização para promover a interpretação literal da Palavra e de suas doutrinas. Em 1919, realizou na Filadélfia um congresso que contava com a presença de seis mil cristãos conservadores, criando a World's Christian Fundamentals Association (WCFA). Logo realizaram uma turnê por dezoito cidades americanas, em que os oradores fundamentalistas reagiram como se estivessem em uma batalha, tendo seus líderes inclusive utilizado imagens bélicas. E em 1920, o pastor Curtis Lee Laws, líder do *Northern Baptist Convention*, definiu a palavra fundamentalista como característica de quem está disposta a recuperar territórios perdidos para o “Anticristo”.

Assim, muitas brigas foram travadas ao longo do tempo. Até a questão do ensino do Darwinismo nas escolas virou assunto de debate, fervorosas discussões tendo sido travadas acerca desse tema. Afinal, para os religiosos só o Criacionismo tinha seu valor como verdade. No tribunal, os fundamentalistas perderam a argumentação com o discurso pautado na palavra de Gênesis, enquanto os liberais, na voz do advogado Clarence Darrow, venceram a disputa teológico-científica, em um episódio que ficou conhecido como *Scopes Trial*. Mas isso não intimidou os fundamentalistas, “Na verdade os fundamentalistas não só não se renderam, como depois do julgamento radicalizaram-se ainda mais. Estavam amargurados e profundamente ressentidos com a cultura predominante”. (ARMSTRONG, 2009, p. 209)

Os fundamentalistas pertencem ao passado, não se renovaram e não estão abertos ao novo, ao moderno, ao contemporâneo. Na época radicalizaram ainda mais suas posições, mas nunca souberam defender seus pontos. Antes da guerra, se dividiram entre o grupo dos que apoiavam a esquerda e o outro que defendia a extrema direita. Enquanto os fundamentalistas de esquerda tentaram desenvolver sua fé moderna, os de direita, chamados também de pentecostais, adotavam uma rejeição à modernidade racional advinda do Iluminismo. Enquanto os fundamentalistas tentavam retornar aos princípios da doutrina cristã, os pentecostais se voltavam para práticas primitivas, como falar em línguas. No culto pentecostal

homens e mulheres falavam línguas desconhecidas. Os dois grupos se detestavam, afinal, um ia de encontro ao outro. Segundo Armstrong (2009, p. 214), “A desrazão dos pentecostais constituía uma afronta ao controle científico e verbal que os fundamentalistas tentavam ter sobre a fé para assegurar sua sobrevivência num mundo que parecia hostilizá-la”. Apesar de suas diferenças, os dois movimentos procuravam preencher o vazio deixado pelo racionalismo no Ocidente moderno.

Após o evento de Scopes e a fatídica derrota do movimento fundamentalista, embora esses não quisessem ser vistos como retrógrados, conservadores, intolerantes, atrasados e autoritários, seus holofotes foram se apagando, chegando a quase sumir. Mas, após certo tempo, veio uma segunda onda fundamentalista. Entre os anos 1930 e 1960, criaram escolas, seminários e faculdades, marcando presença também em rádio e televisão (como abordado no capítulo referente à política). Chegaram, inclusive, a desenvolver uma cruzada evangelista, que culminou em um culto público no Capitólio, em 1952, marcando o fusionismo entre política e religião. Mas havia o outro lado da força, aquele que era visto como o caos: revolução cultural, defesa de direitos iguais para homossexuais, negros e mulheres, essas modernidades abalavam as bases da sociedade. Muitos estavam convencidos de que essas transformações, aliadas ao tumulto no Oriente Médio, só podiam indicar o fim dos tempos.

O movimento televangelista fez com que já em 1979 tivessem arrebanhado muitos fieis, “um terço dos americanos adultos consultados passara por uma conversão religiosa [...]; quase a metade acreditava na infalibilidade da Bíblia-, e mais de oitenta por cento viam Jesus como uma figura divina” aponta Armstrong (2019, p. 307). Esse ressurgimento fundamentalista, essa segunda onda é fruto de três fatores.

O primeiro, o desenvolvimento do Sul, região que, até então, não era atingida pelos movimentos religiosos, pois eram mais voltados para vida agrária. Entretanto, na década de sessenta, o Sul começou a modernizar-se. Receberam muitos nortistas em busca de emprego, gerando industrialização e urbanização que o Norte já havia sofrido. Foi então que Pat Robertson instalou sua *Christian Broadcasting Network* e o popularíssimo *700 Club* nas fronteiras do Sul, o primeiro é uma rede televisiva de produção evangélica e o segundo é um dos programas da rede.

Em 1963, os fundamentalistas sentiram-se intimidados pela medida da Suprema Corte de proibir a leitura bíblica nas escolas públicas. O Estado não era

contra a religião, apenas a queria restrita ao âmbito privado. Entretanto, cristão evangélicos pensavam não haver lógica em tal medida. Afinal, para eles, o cristianismo era absoluto e soberano, era a lei. Além disso, foi estabelecido nível de igualdade entre o cristianismo e as outras religiões que não eram cristãs, o que os enfurecia ainda mais. Sentiam-se incomodados por sujeitarem-se a potências estrangeiras, além de ter o Estado definindo questões que invadiam o seio familiar, como o direito da mulher ao trabalho – para eles era um absurdo, pois o lugar da mulher é em casa, cuidando do lar- e o direito ao castigo físico limitado aos pais – para eles, já que estava Bíblia, deviam ter tal liberdade-, além disso, concediam-se direitos civis e liberdade de expressão aos homossexuais e legalizava-se o aborto, tudo que ia de encontro ao pensamento conservador. Para eles, esse novo mundo era contra Deus, contra a moral, contra a América, conforme destacou Tim LaHaye, um famoso ideólogo. Armstrong (2009, p. 313) vai além, ao dizer que “A visão que os fundamentalistas protestantes tinham da sociedade moderna em geral e da americana em particular era tão satânica quanto a de qualquer muçulmano”.

Em meados da década de 70, os fundamentalistas já haviam conquistado certa força e estavam preparados para dominar o Estado. Viviam em sociedades que marginalizavam ou excluíaam Deus, mas estavam prontos para colocar a casa em ordem. Obrigariam o mundo moderno a abandonar sua fé no homem e ressuscitar a soberania do divino. Mas, como podemos constatar hoje, em pleno século XXI, é difícil esse grupo manter sua integridade perante um mundo tão plural e contemporâneo.

Uma revolução contra a tirania pode tornar-se tirânica; uma campanha para abolir as separações da modernidade e chegar a uma integração holística pode tornar-se totalitária; é perigoso traduzir em logoi políticos as visões míticas, messiânicas ou místicas dos fundamentalistas. Contudo, após décadas de humilhação e opressão, os fundamentalistas julgavam-se invencíveis e acreditavam que reconquistariam o mundo para Deus. (ARMSTRONG, 2009, p. 320)

Apesar de conquistarem espaço, os fundamentalistas não conseguiram ainda a soberania plena pelo contexto plural e contemporâneo em que vivemos. A ofensiva já fora lançada, alguns já se posicionaram, mas enquanto houver literatura, arte e história para nos fazer refletir e enxergar a vida e tudo que a cerca, há esperança de um mundo mais equilibrado e harmônico.

2.3 A religião: os cristãos são cristãos?

Todas as ficções começam com a pergunta E se. O e se varia de livro para livro ... mas sempre há um e se, para o qual o romance é a resposta. (HOWELLS, 2006, p. 161, tradução minha)⁴²

Quando Atwood escreveu *O Conto da Aia* buscava resposta para a pergunta: se os Estados Unidos vivessem uma ditadura, de que natureza seria? E ainda hoje, pode-se fazer este questionamento, o que torna a obra atemporal. O crescimento do discurso conservador e extremista só cresce no mundo, alimentando a literatura e provocando o leitor. E se as mulheres se tornassem escravas? E se o Congresso fosse dissolvido? E se Gilead se tornasse real? São questionamentos e mais questionamentos que nutrem o romance e intrigam o leitor.

O poder de Gilead está na Bíblia, ou melhor, na deturpação da mesma. Tudo é lido e proclamado por conveniência dos que estão no poder. Partes são retiradas, partes são acrescentadas, o discurso é manipulado de modo a fazer parecer que tudo é pautado na palavra de Deus, justificando que, até mesmo, atrocidades são o melhor para o povo, afinal, não são atrocidades, são bênçãos. “Estou viva, eu vivo, respiro, estendo minha mão para fora, aberta, para a luz do Sol. Estar onde estou não é uma prisão e sim um privilégio, como dizia Tia Lydia [...]. (ATWOOD, 2006, p. 16) Tudo vai se tornando tão natural na vida de Offred que ela acaba se contentando. Apesar de querer que tudo fosse diferente, se entrega. Assume uma posição passiva e sem esperança: “Quero tudo de volta, da maneira como era. Mas não adianta nada, não tem nenhum objetivo esse querer (ATWOOD, 2006, p. 149)

A tentativa de cunho cristão altamente moralista apresentou como fundamentação a “decadência” geral dos indivíduos, como o aparecimento de bebês deficientes, esterilidade, doenças sexualmente transmissíveis, devastação ambiental, relações homoafetivas e a liberdade da mulher. Esses fatores, segundo o pensamento dos conspiradores líderes do golpe que transformou os Estados Unidos da América na República de Gilead, levaram o meio ambiente à degradação e à praga divina da infertilidade, causando uma baixa taxa de natalidade. O colapso era iminente, conseqüentemente, a solução deveria ser radical. Se era uma praga divina

⁴² All fictions begin with the question What if. The what if varies from book to book . . . but there is always a what if, to which the novel is the answer (Howells, 2006, p. 161)

imposta devido à iniquidade, seria necessário retomar as rédeas das mais rigorosas leis cristãs, as vividas no Antigo Testamento.

Neste sentido, a obra é permeada pelo discurso religioso – que não tem o nome de uma religião, mas, possivelmente, pentecostal. Já no início da obra, a autora insere um evento denominado Cerimônia, uma espécie de ritual mensal, pautado em palavras bíblicas do Antigo Testamento, mas que não passa de um estupro legal. Este é o momento primordial em Gilead, pois é ele capaz de resolver o problema de fertilidade que assola o país.

Nesse ritual é colocada em prova a fertilidade da Aia. Aqui ratifica-se todo seu subjugamento, sua posição de objeto de procriação. No caso dela não cumprir com seu objetivo, nunca será uma causa masculina “um homem estéril não existe, não oficialmente, afinal, os homens são perfeitos e Comandantes. São só as mulheres que não podem, que permanecem teimosamente fechadas, danificadas, defeituosas” (ATWOOD, 2006, p. 243). E caso não gerem nenhum bebê podem ser jogadas nas Colônias. A fertilidade masculina não é questionada “porque tal fato significaria que seu desejo sexual e a subjugação sexual à qual forçam as mulheres não tem nenhuma relação com a vontade de Deus de que a humanidade se perpetue e se multiplique” (PEREIRA, 2021, p. 98). Aí está contida a contradição dos Comandantes e de suas leis. Não podem se entregar a prazeres, mas criam um vestíbulo para tal, onde as mulheres são esterilizadas, rompendo grotescamente com o ideal de exterminar a crise de fertilidade, na famosa casa Jezebel, onde Comandantes gozavam dos prazeres da vida, ignorando a tão defendida e blasfemada moral.

Sendo a Cerimônia um ritual, cada ato é planejado e praticado de acordo com uma organização, praticado de forma mecanizada e fria. O desconforto serve justamente para que não tenha nenhuma chance de prazer ou fuga. Presa e bem posicionada, Offred é penetrada:

Deito-me de barriga para cima, completamente vestida exceto pelos amplos calções de algodão. [...] Não há calor neste quarto. Acima de mim, em direção à cabeceira da cama, Serena Joy está posicionada, estendida. Suas pernas estão abertas, deito-me entre elas, minha cabeça sobre seu estômago, seu osso púbico sob a base de meu crânio, suas coxas uma de cada lado de mim. Ela também está completamente vestida. Meus braços estão levantados; ela segura minhas mãos, cada uma das minhas numa das dela. Isso deveria significar que somos uma mesma carne, um mesmo ser. O que realmente significa é que ela está no controle do processo e, portanto, do produto. Se houver algum. Os anéis de sua mão esquerda se

enterram em meus dedos. Pode ser ou não vingança. Minha saia vermelha é puxada para cima até minha cintura, mas não acima disso. Abaixo dela o Comandante está fodendo. O que ele está fodendo é a parte inferior de meu corpo. Não digo fazendo amor, porque não é o que ele está fazendo. Copular também seria inadequado porque teria como pressuposto duas pessoas e apenas uma está envolvida. Tampouco estupro descreve o ato: nada está acontecendo aqui que eu não tenha concordado formalmente em fazer. Não havia muita escolha, mas havia alguma, e isso foi o que escolhi. (ATWOOD, 2006, p. 85)

Para fundamentar esse momento, é lido um trecho da Bíblia em que Raquel pede que Bila, sua serva, lhe dê um filho tendo relações sexuais com seu marido, pois ela é infértil.

Dá-me filhos, ou senão eu morro. Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto do teu ventre? E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva Bilah; Entra nela para que tenha filhos sobre meus joelhos, e eu, assim, receba filhos por ela. (GÊNESIS, 30: 1-3)

No contexto bíblico, essa passagem ilustra a necessidade de descendência, uma mulher estéril não tinha valor e servia de vergonha para o marido. O que já não era mais uma realidade nos tempos de antes de Gilead, afinal, a mulher podia seguir vida acadêmica, profissional, estabelecer um relacionamento homoafetivo ou simplesmente não querer ter filho. Raquel utiliza uma tradição do antigo Oriente, em que a concubina dava à luz literalmente sobre os joelhos da esposa, simbolizando que a esposa é quem dava um filho legítimo ao seu esposo.

Como na sociedade gileadiana esse valor é retomado, a mulher que não tem um filho é descartada e, para que isso não ocorra às mulheres que são esposas dos Comandantes, elas se apoderam de Aias. Se isso está nas sagradas escrituras, é o que deve ser feito na ocasião em que o Comandante e a Esposa se encontram, afinal, “nada mais natural, sagrado e inquestionável que a reprodução desse sistema se faça pela sociedade de Gilead” (DE ABREU, 2012, p.40).

A Bíblia em *O Conto da Aia* é trancada “da mesma maneira como as pessoas antigamente trancavam o chá, para que os criados não o roubassem” (ATWOOD, 2006, p. 107). Visto que era um instrumento poderoso, algo que poderia desmascarar o regime ou ser reinterpretado de modo que a palavra dos Comandantes cairia por terra e as Aias ganhariam força para se rebelar. Então, não podiam lê-la, apenas ouvi-la, fazendo com que o governo pudesse deturpá-la, manipulá-la a seu favor, como “aquele negócio velho e bolorento”, como a própria narradora diz, que repetiam todo dia de manhã durante o desjejum, enquanto

sentavam na cafeteria da escola, durante as Beatitudes. Essa privação corrobora para a manutenção do controle que, aos poucos, é assimilado com menos resistência à medida em que a ignorância vai persuadindo.

No Centro Rachel e Lia ou Centro Vermelho também, na hora do almoço, havia as Beatitudes, em que colocavam uma gravação de um homem dizendo: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os misericordiosos. Bem-aventurados os mansos. Bem-aventurados os que se calam. (ATWOOD, 2006, p. 109). A protagonista sabe que o último fora “inventado, sabia que estava errado, e que tinham excluído partes também, mas não havia nenhuma maneira de verificar. Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados (ATWOOD, 2006, p.109)”, só não é sabido quando. Essa abordagem teocrática estabelecida em Gilead, Atwood atesta:

E o resultado final desse processo seria a união entre Igreja e Estado, de qual este país desde 1776 tem se esforçado para manter distância, com grande dificuldade, porque a fundação deste país não foi feita com separação entre Igreja e Estado.⁴³(ATWOOD, 1986, tradução minha)

Isto é evidenciado através da combinação de ideologia com o New Right – como será abordado no próximo capítulo - pela representação do topo da hierarquia em Gilead, já que a família e a procriação são prioridades do Estado. Para resolver esse problema familiar, que ganha proporção social, Atwood insere no romance a reorganização dessa família: as mulheres casadas ilegalmente, aquelas que têm relação fora do casamento, são selecionadas para serem Aias. Então, elimina-se o problema da formação familiar e da crise de fertilidade.

Há agora uma seita, uma seita católica carismática, que chama as mulheres de aias. Eles não adotam a poligamia deste tipo, mas ameaçam as aias de acordo com o versículo bíblico que eu uso no livro – senta-se e cala-se a boca (ATWOOD, 1986, tradução minha)⁴⁴

Na série há um momento de grande comoção e sofrimento em que uma menina de 15 anos, chamada Eden, é condenada pela justiça de Gilead. Ela era

⁴³ And the ultimate result of that process would be the union of church and state, which this country since 1776 has striven to keep apart, with great difficulty, because the foundation of this country was not separated of church and state. || (ATWOOD, 1986)

⁴⁴ There is a sect now, a Catholic charismatic spinoff sect, which calls the women handmaids. They don't go in for polygamy of this kind but they do threaten the handmaids according to the biblical verse I use in the book - sit down and shut up. || (ATWOOD, 1986)

uma menina criada dentro do regime, tudo que ela conhecia era o relatado pós “tempos de antes”, como fala a narradora. Ela se casa com o Olho Nick, conforme a cerimônia exige. Sabe exatamente que nascera para se casar e agradar ao marido. Faz de tudo para atrair Nick, porém a paixão dele é June – nome da protagonista na série. Cansada de não ter o amor retribuído e carente, se apaixona pelo novo guarda da casa dos Waterford, Isaac. No seu julgamento é instruída a pedir misericórdia, perdão pelo seu pecado. Entretanto, não consegue, pois não se arrepende de se entregar e tentar fugir com seu amor. Em prol desse sentimento puro, nutrido por Isaac, sua pena é morte por afogamento. O juiz utiliza a passagem “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo. [...] para nos limpar de toda injustiça”, de João 1, 1-9 e diz que violaram Êxodo, capítulo 20, versículo 14, cometendo crime de infidelidade. Ao final, insere a fala “pela mão dele”, o que sempre reproduzem quando querem se justificar, como se fosse a vontade de Deus. Neste momento, Eden se apropria de Coríntios 13, 4 e se entrega: “O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha”.

Serena, mesmo sendo da classe das Esposas – que se pressupõe ter mais dignidade, visto que não possuem obrigação doméstica alguma -, na série, em uma cena, é punida por ter mexido nos documentos do marido, Fred Waterford. Para justificar o fato de este ter batido na esposa com o próprio cinto, são utilizados os versículos 22 ao 24 de Efésios 5, em que é dito que a mulher deve se sujeitar ao homem, porque ele é a cabeça, ignorando a parte em que o homem deve amar a esposa, assim como Jesus amou a Igreja.

Tanto no livro quanto na série as Aias utilizam a expressão “bendito é o fruto”, que é retirada da passagem de Lucas 1,39-45: “Bem-aventurada aquela que acreditou! Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre!”. A parte da mulher, como a abençoada, quem é capaz de gerar um milagre, é ignorada, pois o que vale não é quem gera e sim o que é gerado, pois qualquer uma pode gestar, não importa qual Aia, o que importa é que seja fértil e procrie. A resposta sempre é “Que possa o senhor abrir”. Essa expressão ganha um tom formal toda vez que se encontram, estabelecendo um elo de comunicação que as subordinam à vontade “divina”. É nítida também a força da manipulação pela palavra. “O poder da linguagem na constituição da identidade é uma visão foucaultiana importante para as feministas. Mas, como argumentam críticas feministas, preservar a materialidade do corpo também é” (MCLAREN, 2016, p. 139). Em outras palavras, a construção

da identidade de um ser não se dá apenas pelo discurso, mas pelo controle submetido ao corpo através do discurso, em um mecanismo no qual discurso manipula mente que manipula corpo que promove a subjugação. Em *O Conto da Aia* também existem inúmeras designações que retomam o texto bíblico, como — Marthas, Jezebel, Lydia e Gilead. A última refere-se a um território que na Bíblia designa tanto um lugar bom quanto um lugar mau. A ambiguidade sugerida possibilita pensar essa República como espaço desejado por uns e odiado por outros. Martha, irmã de Lázaro, hospeda Jesus em sua casa. É responsável pelos afazeres domésticos, chegando a ser repreendida por Jesus por se preocupar mais com os valores materiais da hospedagem do que com seus ensinamentos (Lucas 10:38-42), isto é, as Marthas na obra são as mulheres que não se importam com nada além de seus afazeres domésticos, cuidado com os bens materiais, além de que seu nome provém da palavra aramaica que significa “senhora” e que hoje também é traduzida como “dona de casa”. Jezebel foi a princesa fenícia condenada pelo pecado da idolatria, uma vez que renegou Javé e continuou fiel aos deuses fenícios, lutando contra tudo que fosse incompatível com seus desejos. Perseguiu os chamados servos de Deus e adorava o deus pagão da fertilidade, Baal. Ficou com fama de manipuladora, inescrupulosa e até devassa. No romance seria, então, representação da transgressão das leis e dos desejos carnis. E Lydia é um território onde ficavam as áreas mais férteis e cultivadas da península, eram também mulheres consideradas viúvas ou solteiras, como é a tia Lydia da história.

Muitos dos nomes e títulos de pessoas e lugares são desenhados da Bíblia. Os guardas são chamados de anjos; soldados são chamados de anjos do Apocalipse e os Anjos da Luz; o centro de treinamento onde as aias são doutrinadas são chamadas de Rachel e Leah Centers; carros chamados Chariots, Whirlwinds e Behemoths dirigem as ruas, e as lojas são chamadas de Leite e Mel, Toda Carne, Lírios do Campo, Diário Pão, Pães e Peixes. (GULICK, 1991, p.26)

E de acordo com Maria Cecília Amaral de Rosa (2009, p. 88), em *Dicionário de Símbolos: O alfabeto da Linguagem Interior*, —Na Bíblia, o olho é símbolo da onisciência, da vigilância e onipresença protetora de Deus, o que justifica a atuação do Olho Nick. Como um Deus que tudo vê, “A República de Gilead, dizia Tia Lydia, não conhece fronteiras. Gilead está dentro de você”. (ATWOOD, 2017, p.34)

O Centro Vermelho, também chamado de Centro Raquel e Lia, local onde as Aias são adestradas, recebe esse nome bíblico também com uma proposta. Raquel e Lia foram duas esposas de Jacó. A primeira era infértil e a segunda gerou quatro

filhos. Este nome faz sentido no romance, pois aquele é o lugar onde as Aias – férteis – aprendem a se subordinar às Esposas – inférteis. Lá as Aias são punidas como medida educativa. As Tias, mulheres mais velhas, já viúvas, são as responsáveis pelo adestramento, o que será abordado no próximo capítulo, referente ao mecanismo de docilização. Em uma das punições, na série, uma Aia é submetida à cliteridectomia, uma prática comum no continente Africano. Por se envolver amorosamente com uma mulher é condenada a perder o clitóris, simbolizando a perda do prazer. Se antes ela se sentia na liberdade de gozar de seu prazer, agora é condenada. Essa penalização é amparada pela deturpação de Mateus 5:3–16. Ao falar das bem-aventuranças, é inserida a frase “bem-aventurados os que se calam”, ratificando a política de silenciamento realizada em Gilead. A voz que deve ser proferida e tida como lei é a de “Deus”, porque “Dele” é o reino dos céus.

Tia Lydia também utiliza Deuteronômio 6:5 “Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças” para pregar uma peça nas Aias. Ela arma um cenário em que várias mulheres são enforcadas em uma arena, mas depois desmascara tudo, refletindo que o que sentiram, o que viram, pode se tornar real caso não se entreguem ao “Senhor”, isto é, à Gilead. Essa cena se passa na série, mas no livro também é possível imaginar os cenários criados por Tia Lydia para adestrar as Aias.

O maior crime é tentar contra a própria vida, e pior é quando se está grávida. Se tentarem suicídio, serão brutalmente penalizadas. E esse é o maior medo de Gilead. “Não é de fugas que eles têm medo. [...] São daquelas outras fugas, aquelas que você pode abrir em si mesma, se tiver um instrumento cortante”. (ATWOOD, 2017, p. 16) Perder uma Aia é diminuir as oportunidades de aumentar a taxa de natalidade, matar um bebê então...A Aia Ofwarren – Janine na série- tenta. Apesar de ser a mais envolvida com o regime, sendo, muitas vezes, odiada pelas colegas, por aceitar se submeter facilmente a todas as ordens, sendo considerada “maluca” – o que fica mais nítido na série, nesta adaptação não aceita o fato de gerar um filho que não será seu. Então, vai até uma ponte e, quando tenta se jogar, todos chegam e a prendem. Após isso, é condenada ao apedrejamento, uma prática punitiva em Gilead, também inspirada na Bíblia. Todas são reunidas no pátio, onde são postas pedras para cada Aia. Elas são instruídas a pegar e jogar em Ofwarren, porém Offred começa a oposição e, enfim, nenhuma consegue apedrejá-la, como é feito

em alguns relatos bíblicos, porém, diferente da Bíblia cristã, na obra não há Cristo, apesar de ser invocado sempre como uma entidade punitiva – “pela mão dele”. A cena acontece na série, marcando a sede de revolta contra o regime.

Nesse momento, a personagem atinge um estado psíquico em que o medo não a paralisa mais.

Esse amadurecimento não se assemelha às atitudes da personalidade mais apreensiva que a personagem principal da obra literária possui. Porém, ele é condizente com o tom do programa e com o arco de desenvolvimento de June na série, pois a personagem é inicialmente passiva, obediente e amedrontada, mas as suas experiências ao longo da temporada a fortalecem; ademais, ele se coaduna com as expectativas acerca do final de uma temporada, que necessariamente quer trazer o público para assistir à próxima. O ato de desobediência civil de June e das Aias que a seguiram criou mais dramaticidade e gerou conflitos que tiveram continuidade na temporada seguinte. (PEREIRA, 2021, p. 53)

Essa revolta e a esperança não têm tanta visibilidade no livro, que é carregado de um tom pessimista e mórbido. No livro, a única forma de resistência possível para protagonista é a gravação de tudo que acontece com ela. Assim, Offred rompe com o silêncio que lhe é imposto. Contar histórias é o único gesto de resistência possível para esta mulher presa – como em *As Mil e Uma Noites*-, condenada ao silêncio, assim como se torna o principal meio para sua sobrevivência psicológica. Em processo de se reconstruir como um indivíduo, Offred torna-se o mais importante historiador de Gilead.

Offred, no romance, não age como June e não fica clara a atuação do grupo Mayday na história. A protagonista não se envolve. De acordo com Macpherson (2010, p. 87, tradução minha), “para Offred, o conhecimento de que existe um movimento de resistência é o suficiente - ela não busca contato direto com ele. Até certo ponto, ela ainda resiste, especialmente quando ela se apaixona por Nick [...]”⁴⁵

Já na série, o cenário é de extremo dinamismo. O final da primeira temporada prenuncia a conspiração das mulheres na segunda temporada. A protagonista comenta: “Eles nunca deveriam ter nos dado uniformes se eles não quisessem que fôssemos um exército”. Já no livro, Offred prefere não se posicionar. Afinal, poderia ser condenada à morte tóxica nas Colônias ou enforcada no muro para exibição pública.

⁴⁵ “for Offred, knowledge that a resistance movement is out there is enough—she does not pursue direct contact with it. To some extent, she even resists it, especially once she falls in love with Nick [...]”.(MACPHERSON, 2010, p. 87)

Offred não é corajosa o suficiente para contradizer as Tias quando elas deliberadamente alteram o que para elas é considerado um texto sagrado; ela também acha mais seguro dizer que "não tem opinião" sobre Gilead quando o Comandante pergunta a ela.⁴⁶ (MENEGOTTO, 2020, p. 98, tradução minha)

A ausência de embate, confronto contra Gilead, o alívio quando Ofglen não consegue participar do grupo Mayday caracterizam a protagonista como passiva. A “passividade” de Offred é metáfora da postura de tantas mulheres pelo mundo. Ela representa a mulher real, a mulher comum. Segundo Macpherson “Atwood caracteriza Offred desta forma, a fim de reforçar seu status não heroico, a posição de todas as mulheres, seus fracassos e seus medos”. A própria autora afirma que “Minhas mulheres sofrem porque a maior parte das mulheres com quem eu converso parecem já ter sofrido de alguma forma”⁴⁷. No entanto, apesar da aparente passividade, Offred continua com sua história e imagina um público futuro”. (2010, p. 87). Em contrapartida, deixa seu recado em forma de fita, rompe com o silenciamento que lhe fora imposto. Seu poder de reação não está em suas atitudes perante Gilead, mas em seu ato de registrar sua história para outros se inspirarem em diferentes possibilidades que a linguagem oferece aos que são bravos e ousem usá-la.

Isso não significa, no entanto, que nós devemos entendê-la de uma forma puramente negativa: sua rejeição ao credo de Gilead, sua resiliência, sua vontade incessante de sobreviver, suas leves manipulações do Comandante para reunir informações, seu despertar sexual e, acima de tudo, seu compromisso em compartilhar sua história individual caracterizam-na como uma mulher que suporta os horrores da realidade distópica de Gilead. (MENEGOTTO, 2020, p. 98, tradução minha)⁴⁸

Como exposto, *O Conto da Aia* é amplamente marcado pelo discurso religioso. A Palavra é proclamada em diferentes momentos para amparar atos estatais, apoiando-os e embasando-os. Tudo é feito de acordo com a “palavra de

⁴⁶ Offred is not brave enough to contradict the Aunts when they deliberately alter what for them is supposed to be a sacred text; she also finds it safer to say that she has “no opinion” about Gilead when the Commander asks her. (MENEGOTTO, 2020, p. 98)

⁴⁷ “My women suffer because most of the women I talk to seem to have suffered.

⁴⁸ This does not mean, however, that we must understand her in a purely negative way: her rejection of Gilead’s credo, her resilience, her unceasing will to survive, her slight manipulations of the Commander to gather information, her sexual reawakening and, above all, her commitment to sharing her individual story [...] features of her characterization as a woman enduring the horrors of a dystopian reality in Gilead. (MENEGOTTO, 2020, p. 98)

Deus". Mas, como visto, esse estaria mais para um Deus maligno, que executa tudo sem misericórdia, indo de encontro com o que o Cristianismo prega. Assim como Gilead, muitas seitas religiosas pregam baseadas em suas próprias interpretações bíblicas, mas não há um nome, uma seita explícita. Há discussões sobre os novos pentecostais. Nisto Atwood foi esperta. Não se comprometeu com uma seita, deixou a questão aberta para o leitor.

Assim, cabe a cada um a reflexão: seriam pentecostais, muçulmanos, islâmicos? Qual religião seria a de Gilead? Independente de um nome, o fato é que há a necessidade de questionar o discurso pautado na bíblia, o discurso que manipula, que articula tudo ao seu bel prazer, sem um compromisso com a verdade, até porque essa é subjetiva. Como ser, de fato, cristão? Gilead é um Estado cristão? Independente da resposta, o importante é analisar as condições de interpretação da Bíblia. Até porque, apesar de todo o livro ser permeado pela ideologia religiosa, "este livro não é sobre os males da religião. Não é um comentário sobre aquele tipo de religião. É uma especulação sobre como, caso você desejasse assumir o poder nos Estados Unidos, você faria isso". (A Moveable Feast)⁴⁹ De acordo com Gulick (1991, p. 26, tradução minha),

Atwood não parece condenar a própria religião, nem mesmo práticas religiosas conservadoras. Do que ela discorda são dos grupos que usam seu próprio dogma para criar leis para o resto da sociedade, na tentativa de regular comportamentos privados, como direitos de procriação, sob o pretexto de crença religiosa e estabelecer um comportamento "moral".⁵⁰

Diante do quadro conservador que encontramos tanto na realidade quanto na ficção, a personagem que mais é afetada é a mulher. No próximo capítulo, pretende-se buscar esse espaço feminino, e o que o discurso ao qual esse é submetido pode provocar.

⁴⁹ Religious ideology clearly pervades this text although Atwood herself, in an interview with Tom Vitale, contends that "this book is not about the evils of religion... It is not a comment about religion of that kind. It is a speculation of how, if you wish to take over power in the United States, you would go about it" (A Moveable Feast).

⁵⁰ Atwood does not seem to condemn religion itself, even conservative religious practices. What she objects to are groups who use their own dogma to create laws for the rest of society, who attempt to regulate private behaviors, such as procreative rights, under the guise of religious belief and establishing "moral" behavior. (GULICK 1991, p. 26)

3 O CORPO FEMININO

A frase “Atrás de cada homem há uma grande mulher” é profanada há tempos. Essa necessidade de colocar um à frente do outro e não ao lado só revela o machismo velado nessa sociedade patriarcal em que vivemos. A verdade é que o corpo feminino vem sendo, ao longo dos séculos, alvo de violações e agressões, sendo massivamente visto como simples objeto de prazer ou de subserviência. A supremacia masculina enraizou-se tanto na cultura popular que, muitas vezes, nos vemos comentando: mas o que ela estava fazendo lá àquela hora, mas olha a roupa que ela estava usando!, mas ela também provocou. E quando percebemos já estamos reproduzindo o velho discurso que inferioriza e denigra a imagem feminina, esquecendo-nos da tão sonhada igualdade de gêneros tão difundida pelo movimento feminista no século XX.

O Ministério da Saúde apontou que, entre 2009 e 2010, houve 75633 notificações de violência doméstica e sexual contra mulheres. A maioria das agressões aconteceu dentro de casa, 57%, contra apenas 13% na via pública. Do total, 48% das agressões foram resultado do uso da força e de espancamento. (OLGA, 2014, p. 12)

Agressões, que não são apenas físicas, mas também verbais são perceptíveis na realidade de muitas mulheres pelo mundo. De acordo com o projeto *Think Olga*, em agosto de 2013, foi publicado um questionário sobre assédio, elaborado pela jornalista Karin Hueck, que 7762 mulheres responderam: “83% afirmou não gostar do que são obrigadas a ouvir nas ruas; 81% já deixaram de fazer tarefas cotidianas por medo de assédio; 90% já trocaram de roupa para evitar cantadas; 85% já sofreram com a tal ‘mão-boba’”. O resultado evidencia o quão a violência está mascarada em brincadeiras ou maus hábitos, além de retratar o quanto a liberdade das mulheres está cerceada.

Em agosto de 2013, o site do projeto *Think Olga* publicou um questionário sobre assédio, elaborado pela jornalista Karin Hueck. Em apenas duas semanas, 7762 mulheres o responderam. O resultado foi que 83% afirmaram:

Dizer não ao assédio é dizer que não aceitamos mais ser vistas como objetos sexuais passivos, como corpos sedutores disponíveis para confirmar a virilidade alheia ou como vítimas frágeis dessa estrutura

desigual de poder. Dizer não ao assédio é afirmar não a agência de nossa sexualidade, é mostrar que buscamos equalizar nossa voz e nosso poder na sociedade, é não se submeter aos papéis sociais tradicionais aos quais somos associadas. (OLGA, 2014, p. 29)

Em *Corpos que importam*, Judith Butler (2019) problematiza a questão de corpo e alma refletida por Foucault e Aristóteles. De acordo com os pensadores, o corpo é a materialização da alma, ou seja, a alma traz o corpo à existência e o corpo figura, reproduz o que está contido na alma, em seu skhema. Skhema, por sua vez, “significa forma, modelo, figura, aparência, vestido, gesto, figura de um silogismo e forma gramatical”, ou seja, o corpo é a reprodução de skhemas, capazes de caracterizar o que chamamos de gêneros.

Aristóteles não evidencia o corpo almejado pela luta feminista, mas mostra a que modelo de corpo a mulher é corporificada, de acordo com suas capacidades biológicas. “Dessa forma, argumenta-se que as mulheres devem desempenhar certas funções sociais e não outras, que as mulheres devem se restringir apenas ao domínio reprodutivo” (BUTLER, 2019, p. 69), conforme determina o estado de Gilead. O corpo feminino é lugar de reprodução, é prole, logo, deve ser preservado para tal, logo, não pode ser meio para realizar atividades que lhe gere “riscos” à sua função natural, à sua função por excelência.

Em *Vigiar e punir*, Foucault (2014) reforça que a “alma é tomada como um instrumento de poder mediante o qual o corpo é cultivado e formado”. Ora, já que o corpo realiza atividades perante sua alma, cabe ao estado, manipular, confundir, trabalhar para reprodução de almas escravas, servas de seu ideal. Construindo almas cientes de suas funções, corpos são deformados e constituídos para a realização da vontade daqueles que estão sob seu poder e domínio. Nas palavras de Foucault (2014, p. 33), Uma ‘alma’ o habita e o leva à existência, que é ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo. A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma, prisão do corpo.”

Toda essa visão acerca do corpo feminino tem origem histórica, mas, principalmente, como aponta Simone de Beauvoir (2009), biológica. A autora parte suas reflexões levantando questionamentos, como: por que é bonito o homem ser reconhecido como macho e soa, no mínimo estranho, a mulher ser chamada de fêmea? O que existe dentro desse universo complexo dos seres que os segrega em dois sexos, capazes de serem classificados por suas funções mais primitivas. O

termo “fêmea” não é depreciativo, como afirma, Beauvoir, porque concebe a mulher como fruto da natureza, mas porque a limita em seu próprio sexo. A palavra fêmea é abrangente e é capaz de suscitar **nele** adversidade, que quer encontrar justificativas biológicas para tal. Nesse sentido, duas perguntas vêm a mente: Que representa a fêmea no reino animal? E que espécie singular de fêmea se realiza na mulher? (Beauvoir, 2009, p. 30)

Essa inferiorização da mulher é oriunda também da reprodução. É, muitas vezes, creditado à mulher a mera função de carregar e alimentar a semente viva, e ao homem, o macho da relação, ser o criador de tudo. Limitar a mulher à sua mera capacidade de reprodução e encontrar um homem para tal como um imperativo perene e intrínseco à mulher corrobora para a visão preconceituosa que ainda percebemos hoje. O feto é produzido pelo encontro do esperma com o mêsruo, e “nessa simbiose a mulher fornece apenas uma matéria passiva, sendo o princípio masculino força, atividade, movimento, vida” (BEAUVOIR, 2009, p. 34). Esse pensamento é advindo de Aristóteles, dono da teoria que perdurou toda Idade Média e que ainda fundamenta o pensamento de uma camada da sociedade.

Somente no século XVII, chegou-se à conclusão de que o que era denominado testículos femininos eram os ovários. Entretanto, continuou-se a denominar o ovário como uma glândula masculina e as discussões prolongaram-se pelos séculos. E, mesmo assim, as ideias de Aristóteles não caíram totalmente em descrédito. Hegel também defende que os dois sexos são diferentes, sendo uma ativo (masculino) e o outro passivo (feminino). Mesmo após o reconhecimento do óvulo como um princípio ativo, os homens se movimentaram para mostrar que o espermatozoide é mais ágil e que então, constituiriam a parte ativa do processo e não o contrário. Hoje, o que percebemos é o contrário:

[...] em algumas espécies a ação de um ácido ou de uma excitação mecânica bastaria para provocar a segmentação do ovo e o desenvolvimento do embrião; partindo daí, supôs-se ousadamente que o gameta masculino não seria necessário à geração, sendo, quando muito, um fermento; talvez a cooperação do homem na procriação se torne inútil um dia. (BEAUVOIR, 2009, p. 36)

Além dessas questões biológicas, em *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* (2017), Silvia Federice aborda a perspectiva de gênero sobre o capitalismo, assumindo uma via distinta de Marx. De acordo com a autora, a

economia estabelece uma relação direta com a posição da mulher na sociedade. Sabe-se que o capitalismo certamente não inventou a subordinação das mulheres, mas estabeleceu outros modelos especialmente “modernos” de sexismo (ARRUZZA; BHATTARYA; FRASER, 2019, p. 87). Afinal, para ter produção, a mulher deve reproduzir e o homem deve trabalhar. De acordo com Frederice, “as próprias mulheres se tornaram bens comuns, dado que seu trabalho foi definido como um recurso natural” (2017, p. 192). As Aias são bens comuns, recursos naturais disponíveis para o Estado. Além disso, a aquisição de herança e de propriedades por muito tempo cercearam às mulheres a independência econômica, inserindo-as em uma posição de tutela masculina. Tutela essa que é nítida no nome da esposa. Quando se casa, passa a “pertencer” ao seu marido, recebe o nome dele, o que nos coloca em uma posição próxima de Offred, que passa a ser chamada pelo nome de seu Comandante.

Assim, podemos inferir o seguinte paralelo: se no nosso mundo, a vida real é baseada na divisão de trabalho entre a burguesia e o proletariado, em *O Conto da Aia*, “as Aias são um símbolo do proletariado, subjugado pela burguesia até a escravidão, severamente doutrinado de uma forma psicologicamente degradante e perdendo os direitos mais básicos” (ROOZBEH, 2018, p. 16). Nesse sentido, podemos dizer que se as mulheres pré Gilead morriam por sua extensa liberdade, as de Gilead são submissas, categorizadas, hierarquizadas, disciplinadas e coisificadas aos interesses do regime teocrático fundamentalista cristão.

Essa desigualdade de poder, perceptível na ficção e na realidade, reforça os papéis tradicionais de cada gênero. Ora, se ainda há evidências de que o poder econômico da mulher é inferior ao do homem, essa naturalmente, em uma situação hipotética na qual alguém precisa cuidar de uma criança pequena, um filho, será incumbida de voltar-se para o lar, afinal, a grosso modo, seu salário não fará tanta falta quanto o do homem, criando um ciclo ao qual ela se sentirá presa e limitada. E, nessa criação, esses valores serão transmitidos e perpetuados entre gerações. No livro *Mulheres que correm com os lobos*, Clarissa Pinkola (2018), reflete sobre a mulher selvagem, a mulher por trás de toda maquiagem nela incutida. Em uma de suas reflexões, aborda o conto Barba-azul, mostrando que, assim como as esposas, personagens do conto, muitas esposas buscam em seus maridos algo irreal, criam esperanças de curar quem amam, nas palavras de Estés (2018, p. 65), “poderíamos dizer que elas passaram muito tempo dizendo que a barba dele afinal não é tão azul

assim". Estar nessa posição denigre, abafa, despotencializa a mulher como ser humano, dotado de valor e dignidade.

3.1 A sociedade de Gilead

Gilead é o nome dado ao novo Estados Unidos da América. Um substantivo que carrega uma simbologia religiosa, que se refere ao monte do testemunho, de acordo com Gênesis 31:21: “uma região montanhosa a leste do rio Jordão”, mas também quer dizer uma sociedade patriarcal, onde somente homens tem direito a educação. Esse termo pode sugerir diferentes interpretações, como local de testemunhar, confessar, colocar a mostra a vontade do Estado. Um país totalitário e teocrático, em que os valores tradicionais, pautados na Bíblia, são a ordem.

Foi depois da catástrofe, quando mataram a tiros o presidente e metralharam o Congresso, e o exército declarou um estado de emergência. Na época, atribuíram a culpa aos fanáticos islâmicos. [...] O governo inteiro massacrado daquela maneira. Como conseguiram entrar, como isso aconteceu? Foi então que suspenderam a Constituição. (ATWOOD, 2017, p 208)

Dissolvida a Constituição, fanáticos religiosos definem que a Bíblia é a nova lei, porém com alguns ajustes, que funcionam de acordo com a conveniência de quem está no poder; é definida através de uma rígida estrutura. No topo da classe masculina, estão os Comandantes, os homens que fazem as leis; os Olhos, homens que estão em todos os lugares e têm o poder de delatar qualquer um para as autoridades e os Guardiões, aqueles que fazem vigilância na rua, como guardas. Esses últimos “São usados no policiamento de rotina e em outras funções sem importância, cavar o jardim da Esposa do comandante [...] e ou são burros ou mais velhos ou incapacitados ou muito jovens”. (ATWOOD, 2006, p. 31)

Por sua vez, “Na república de Gilead, uma teocracia estabelecida nos Estados Unidos pelos fundamentalistas do New Right leva o código masculino ao absoluto extremo, designando o regime das mulheres em várias classes – as Esposas, as Aias, as Marthas, as Econoesposas, as Tias – de acordo com suas

funções.⁵¹(BOUSON, 1993, p. 137, tradução minha) As Marthas são responsáveis pelos afazeres do lar; as Tias, responsáveis pelo adestramento das Aias; as Esposas, aquelas que “cuidam” das crianças e do jardim; as Econoesposas, as mulheres de classe social baixa que cumprem todas as funções e as Aias, as parideiras. Assim, é estabelecido pelo patriarcado uma rede de mulheres que regulam mulheres através da divisão do trabalho doméstico. É perceptível também essa maneira que encontraram de impedir alianças entre as mulheres, alienando-as umas das outras pelas suas respectivas funções. Os idealizadores de Gilead eram orientados pela convicção de que “a melhor maneira e a mais eficiente em termos de custos de controlar mulheres para propósitos reprodutivos e outros era por meio das próprias mulheres” (ATWOOD, 2017, p. 362).

Para legitimar a função de cada uma, elas recebem uma vestimenta característica de sua posição: Marthas vestem verde, Tias marrom, Esposas azul e vermelho Aias.

A indumentária utilizada pelas mulheres de Gilead é inspirada na iconografia religiosa ocidental – as Esposas vestem azul de pureza, remetendo à Virgem Maria; as Aias usam vermelho, do sangue do parto, mas também de Maria Madalena. Além disso, a cor vermelha é mais fácil de notar se alguém está fugindo. As esposas dos homens das classes inferiores, chamadas de Econoesposas, vestem listras. Eu devo confessar que os cones que ocultam a face não foram inspirados apenas na indumentária vitoriana ou nos hábitos das freiras, mas também no rótulo de Old Dutch Cleanser [um produto de limpeza dos anos 40], que mostrava uma mulher com a face coberta, e que me assustava quando eu era criança. Muitos regimes totalitários usavam a vestimenta, proibida ou imposta, como forma de identificar e controlar pessoas – pense nas estrelas amarelas ou no roxo dos romanos – e, muitas vezes, isso teve como base premissas religiosas. Assim é mais fácil fazer com que as pessoas sejam vistas como hereges. (ATWOOD, 2017, tradução minha)

Em Gilead a defesa da família tradicional e a procriação são prioridades. As Aias são um exemplo disso. Como já abordado, são as mulheres que em suas vidas passadas tiveram relacionamentos extraconjugais e agora servem ao Estado como procriadoras para as Esposas, as mães de família, ditas inférteis. Na formação dessa família então, tem-se casamentos arranjados, eliminando os casamentos clandestinos, em que a função de gerar um filho é terceirizada em uma nova modalidade de casamento que, ao mesmo tempo em que carrega valores

⁵¹In the Republic of Gilead, a theocracy established in the United States by New Right fundamentalists, the masculine code is carried to its absolute extreme in the regime’s consignment of women to various classes – the Wives, the Handmaids, the Marthas, the Econowives, the Aunts – according to their functions. (BOUSON,1993, p.137)

tradicionais, rompe com eles. Afinal, a relação se dá através do trio Comandante-Esposa-Aia, na qual a Aia se encontra como intrusa indesejada, mas necessária. “Assim, o casamento dentro de *The Handmaid's Tale* torna-se menos uma questão de unidade reprodutiva e mais uma questão de significação social” (MATTHEWS, 2018, p. 12, tradução minha)⁵².

O casamento passa a ser simbólico, representativo, meio de enquadrar cada um a seu restrito papel. As Tias são representadas na história, principalmente, pela Tia Lydia, a treinadora das aias no Centro Vermelho. Elas repudiam o casamento, o trabalho, os métodos contraceptivos e o aborto dos tempos de antes. Tia Lydia achava que mulheres que não queriam ter filho ou mulheres homossexuais, aquelas que não se encaixavam no perfil desejado eram vagabundas, *unwomen*, que significa mulheres inúteis, descartáveis, pois não produziam. Lembrando Foucault, os corpos devem ser docilizados e producentes. Nessa mesma perspectiva, as Tias se referiam às Aias como meninas: “O que vocês devem ser, meninas, é impenetráveis. Ela nos chamava de meninas” (ATWOOD, 2017, p. 41), com o propósito de infantilizá-las, afinal, uma criança não pode responder por si, não é livre para fazer o que bem entende. Essa infantilização é um forte recurso que contribui para a dominação dessas mulheres, e aponta para o mecanismo ideológico para o qual as Tias trabalham. Ao ponto de, quando veem mulheres japonesas com a cabeça descoberta sentirem certa repulsa: “Estamos fascinadas, mas ao mesmo tempo sentindo repulsa. Elas parecem despidas. Foi preciso tão pouco tempo para mudar nossas ideias a respeito de coisas como essa” (ATWOOD, 2017, p. 40). Assim o conceito de liberdade se estreita e Gilead cresce como potência.

As Esposas não possuem nenhuma atribuição além de cuidar do jardim e dos filhos. Por serem ditas inférteis – afinal não há teste para comprovar que são – são muito rancorosas e possuem uma relação de ódio com as Aias. Tia Lydia dizia que era das Esposas que as Aias deveriam ter medo, pela posição em que elas estão. Dizia Tia Lydia: “É claro que se ressentem de vocês. É muito natural. Tentem ser solidárias, compadecer-se delas. [...] Perdoai-lhes, pois não sabem o que fazem”. (ATWOOD, 2006, p. 59) Nesse jogo de palavras, as Tias tentam fazer com que as Aias se sintam subordinadas às Esposas, mas em outro momento, as Tias referem-se às Esposas como fracassadas, tentando fazê-las entender que são inferiores,

⁵²Thus, marriage within *The Handmaid's Tale* becomes less a matter of reproductive unit and more a matter of social significance. (MATTHEWS, 2018, p. 12)

pois não conseguiram gerar frutos, afinal as Aias são para as Esposas um lembrete de que não podem ter filhos. O discurso bíblico aparece mais uma vez para instruir as Aias a serem “boas meninas”, corpos dóceis. E é o mesmo discurso que permite que as Esposas castiguem as Aias.

No caso de Serena Joy, a situação era ainda pior. Ela fora uma apresentadora de televisão, cantora e oradora, famosa por seus discursos sobre a posição da mulher dentro da família. Ela representa esses grupos fundamentalistas que disseminaram seus ideais, principalmente, nas décadas de 70 e 80. Nos “tempos de antes”, Serena

“era boa oradora [...] Seus discursos eram sobre a santidade do lar, sobre como as mulheres deveriam ficar em casa. Ela mesma não ficava, em vez disso, Serena Joy fazia discursos, mas apresentava essa sua falha como um sacrifício que estava fazendo pelo bem de todos. (ATWOOD, 2006, p. 58)

Sem pensar que seria vítima de suas próprias palavras, ela defendia a posição exclusiva da mulher como “do lar”. Isso seria a solução para os problemas sociais. “Como deve estar furiosa, agora que suas palavras foram levadas a sério” (ATWOOD, 2006, p. 58). No romance, Serena é bem mais velha que Offred e nunca tivera filhos. Já na série, ela é mais jovem e ativa na sociedade, e sofrera um atentado enquanto se apresentava, impedindo-a de ter filhos. Ela sofre esse ataque por seus ideais conservadores, defendendo que a maternidade seria um destino biológico. Alguém tenta matá-la a tiros, mas é sua secretária que é atingida. Apesar dessas diferenças, tanto a Serena da série quanto a do livro é uma mulher que exercia seu poder de fala e sofre o silenciamento, algo que ela estava tentando perpetuar, mas perdera o controle.

Essa perda da voz, bem caracterizada pela personagem Serena, foi bem explorada pela série no último episódio da segunda temporada, *The word*, em que Serena e outras esposas se pronunciam frente ao Conselho em defesa do ensino da leitura para mulheres, pautando seus argumentos com a Bíblia, que serve como base legal para fundamentação das leis de Gilead. E, por ler uma passagem diante o Conselho, tem seu dedo decepado. Essa Serena não aparece no romance. A série incrementa esse intenso teor de resistência, instigando o telespectador.

A história na série começa com a protagonista, sua filha e seu marido fugindo de uma confusão. Ela e sua filha se escondem, mas acabam sendo separadas: uma

vai para um lado e a outra para outro. Não fica claro o lugar para onde sua filha vai, mas ela vai para o Centro Vermelho – o livro se inicia já neste lugar-, lugar onde mulheres que têm relacionamentos extraconjugais e são férteis são reeducadas. Educadas para a liberdade de e não liberdade para, de acordo com Tia Lydia – a educadora do centro. “Existe mais de um tipo de liberdade [...] liberdade de e liberdade para, a faculdade de fazer ou não qualquer coisa, e liberdade de que significa estar livre de alguma coisa.” (ATWOOD, 2006, p.37). De acordo com Tia Lydia, a liberdade concedida às Aias é a liberdade de, ou seja, tinham liberdade de serem boas meninas, boas servas, cumprirem seus destinos biológicos, não tinham mais a liberdade para fazerem o que desejassem. E ainda lhes era dito para não subestimarem esse direito. Neste sentido, “quando apoiado por um sistema patriarcal que determina o destino da mulher a partir de seu “destino” biológico, um sociedade verdadeiramente horrível emerge, de fato” ⁵³(MATTHEWS, 2018, p. 17, tradução minha).Do Centro Vermelho, a protagonista é direcionada à casa do Comandante Fred Waterford. Ele não a trata bem nem mal, simplesmente participa da Cerimônia e nada mais. Ele encara este evento como uma obrigação, afinal, depende disso para ter um filho. Para ele “Isto não é recriação [...] Isto é trabalho sério. O Comandante também está cumprindo seu dever.” (ATWOOD, 2006, p. 116) e, de certa forma, também é uma vítima do sistema. O dever de fertilizar, procriar. Essa ausência de afetividade é perceptível também no ato de Serena em segurar os braços da protagonista e obriga-la a ficar em silêncio.

Mas, com o decorrer da história, isso vai se modificando. Fred começa a se afeiçoar a Offred. Não bem se afeiçoar, mas notar e necessitar de sua presença. Ele a chama para seu aposento. Ao ler um livro para ela, tem-se a noção de que a qualquer momento ele vai estuprá-la, maltratá-la, mas tudo que acontece é um pedido para jogar “mexe mexe”. Ali ele evidencia toda sua carência e tédio. De acordo com Menegotto (2020, p. 92), “O Comandante é, no retrato que Offred faz dele, mais ridículo do que induzir o medo ou aversivo; muitas vezes ele parece quase triste ou patético em seus desejos e comportamentos infantis.”⁵⁴ Malak (1987,

⁵³ When supported by a patriarchal system that determines woman’s destiny from her biological “fate,” a truly horrific society emerges, indeed. ⁵³(MATTHEWS, 2018, p. 17)

⁵⁴ The Commander is, in Offred’s portrait of him, more ridiculous than fear-inducing or aversive; often he seems almost sad or pathetic in his desires and childish behaviors. (MENEGOTTO, 2020, p. 92)

p. 12) completa dizendo que o Comandante é “mais patético do que sinistro, perplexo do que manipulador, quase, às vezes, um Idiota”⁵⁵

Fred começa a dividir com ela intimidades. Chega até mesmo a transparecer que não tem uma relação boa com Serena, pois não têm mais muito em comum; ela não o compreende. Offred, por sua vez, sente medo; acha que a qualquer momento alguém pode flagrar a infração gravíssima que cometera.

Minha presença aqui é ilegal. É proibido para nós estarmos sozinhas com os Comandantes. Somos para fins de procriação: não somos concubinas, garotas, gueixas, cortesãs. Pelo contrário: tudo o que era possível foi feito para nos distanciar dessa categoria. Presume-se que não há nada de divertido a nosso respeito, nenhum espaço para que luxúrias secretas floresçam é permitido; nem quaisquer favores devem ser obtidos por persuasão, por eles ou por nós não devem existir quaisquer oportunidades ou atividades que possam dar ensejo a amor. Somos úteros de duas pernas, apenas isso: receptáculos sagrados, cálices ambulantes. (ATWOOD, 2006, p. 165)

Até mesmo o próprio Comandante poderia estar armando um plano para testá-la. Ele “podia me entregar tão facilmente, por um olhar, um gesto, algum minúsculo deslize que revelaria a qualquer pessoa [...] que havia alguma coisa entre nós. ” (ATWOOD, 2006, p.194). Mas ao mesmo tempo vive o medo de não o obedecer, medo do que pode fazer com ela se recusasse o pedido. Não tendo opção, senta-se e começa a jogar. Se mostra mais esperta que ele, intrigando-o a respeito de sua vida passada. Então, começa a questioná-la; pergunta a ela qual sua profissão. E ela vai narrando tudo como se não sentisse um aperto no coração. E ele sabia disso: “[...] certamente devia saber quanto aquilo era doloroso para mim, ser lembrada de antes” (ATWOOD, 2006, p. 189).

É com Fred que a Aia consegue ter direitos que até então lhes foram tirados. Com ele ela pode jogar, ler e, até mesmo, sair para uma festa, mesmo que tenha sido para um bordel. Quando Fred lhe oferece uma revista, ela fica empolgada, quer a revista “com uma força que fez doerem as pontas de meus dedos” (ATWOOD, 2006, p. 187). Ela então receia, recua, afinal, “ele poderia estar me testando, para ver a que profundidade chegara realmente a minha doutrinação” (ATWOOD, 2006, p.188) Até que ele tenta fazê-la confiar nele: Aqui dentro, é permitido, disse ele baixinho”. E então ela se questiona: “[...] Tendo violado o tabu principal, por que eu hesitaria diante de outro algo banal? Ou mais outro e outro; quem saberia dizer onde

⁵⁵ “[...] more pathetic than sinister, baffled than manipulative, almost, at times, a Fool.” (Malak, 1987, p. 12)

poderia parar? Atrás daquela porta específica, os tabus se dissolviam.” (ATWOOD, 2006, p. 188)

Tudo isso vai dificultando as coisas. Após essa aproximação, a Cerimônia vai ficando mais difícil. “[...] senti vergonha dele, para começar, pois ele estava verdadeiramente olhando para mim, e não gostei disso.” (ATWOOD, 2006, p. 192) Ela queria que ele continuasse a vendo como se ela fosse um “vaso ou uma janela: parte do cenário, inanimada, transparente” (ATWOOD, 2006, p.194) Alguém que não é alguém, isto é, um objeto inanimado, incapaz de ter emoções.

Aquele ato mecânico de copulação foi ficando mais complicado à medida que a intimidade foi crescendo. “Ele não era mais uma coisa para mim. Esse era o problema. Eu me dei conta disso naquela noite e essa percepção ficou comigo. A coisa se complica.” (ATWOOD, 2006, p. 193) ainda mais que existe outra pessoa na jogada: a Esposa, que, se reparasse qualquer expressão diferente, poderia puni-la, pois tinha liberdade para isso. Só ela pode castigá-la: “[...] as transgressões de mulheres pertencentes à casa, quer sejam Marthas ou Aias, são consideradas como sendo de jurisdição exclusiva das Esposas. E Serena tinha motivos para odiar Offred. Ela não podia dar filhos a Fred, não poderia gerar e ter um ser com seu sangue. Ela “era uma mulher mal-intencionada e vingativa” (ATWOOD, 2006, p.194), e tratava Offred como se fosse um animal de procriação: quando acaba a Cerimônia, ela ordena que Offred saia do quarto, sabendo que deveria esperar, pelo menos, dez minutos para dar condições de gerar o feto. Ela a trata como se fosse uma peça de mobília.

Em contrapartida, Offred tem no “Olho” Nick o fio de vida que lhe resta, a chance de viver e não, simplesmente, sobreviver. “Estar aqui com ele é segurança; é uma caverna, onde nos aconchegamos juntos enquanto a tempestade continua lá fora”. Mas tudo é uma mera ilusão, pois na verdade a tempestade não passa, o que eles têm é simplesmente um breve momento. Com ele, aquela subjugação parece ser desconstruída. Inclusive, quando ela está no quarto do Olho diz a ele seu nome “Digo-lhe meu verdadeiro nome, e sinto que, portanto, sou conhecida” (ATWOOD, 2006, p.318). Nesse momento ela pode recordar que um dia já foi alguém porque, mesmo escondido, ela tem um espaço de liberdade com ele, quem ela idolatra. Offred tem em Nick seus melhores momentos. Momentos em que sua carência sexual aflora. Ela tem isso como uma “surpresa, um extra, um presente”. (ATWOOD, 2006, p. 318) tamanha é a paixão que ela não quer perder, não quer se desprender.

“O fato é que não quero mais partir, escapar, cruzar a fronteira para a liberdade. (ATWOOD, 2006, p. 319). Ela passa a se contentar com aquela vida ilusória. Ela sabe que não há nada que possa fazer para mudá-la. Então, tenta tirar algum proveito disso, já que não há mais esperança.

Mas cabe ressaltar que Offred só inicia um relacionamento com Nick por conta de Serena. É ela que sugere que façam sexo para aumentar as chances de a Aia gerar um filho, já que haviam se passado algumas Cerimônia e nada havia acontecido ainda. Por mais que ela tenha desejado Nick, ela não teve nenhuma atitude corajosa e protagonista para ir a seu encontro, foi somente por Serena que a paixão se desenrolou. Mas não chegam a se declarar com “eu te amo”. As falas dele são bem curtas e a narrativa bastante fria, não fica evidente se há amor, de fato, parece mais uma necessidade, desejo, atração. Até que ele pede para que confie nele e a orienta a ir com os homens que foram buscá-la no final da narrativa. Não sabemos seu destino, mas sabemos que ela grava sua história e imortaliza sua voz para o futuro: “Se isto é o meu fim ou um novo começo não tenho nenhum meio de saber: eu me entreguei às mãos de desconhecidos; porque não há outro jeito”. (ATWOOD, 2006, p. 347) “A ação é interrompida na beira de novas possibilidades”.⁵⁶ (HOWELLS, 1986, p. 10, tradução minha)

Tudo isso o leitor fica sabendo através de um livro, porém o livro é fruto de uma conferência, duzentos anos depois da morte da protagonista. Ela gravara tudo em fitas cassetes e um professor, chamado Pieixoto, encontrara e a transformara no livro que acabamos de ler, tornando Offred a principal historiadora de Gilead. Porém não destaca os sofrimentos e injustiças sofridas pela Aia; não destaca sua história,

sua versão ameaça apagar seu significado tão completamente quanto Gilead havia tentado apagar sua identidade. O professor não está interessado em suas memórias pessoais, exceto como evidência de sua grande narrativa impessoal da história de uma nação caída, e os leitores ficam com o desafio da história inacabada de Offred. (HOWELLS, 2006, p. 169)⁵⁷

Offred é uma prisioneira na casa do Comandante e, mesmo quando ela sai, é vigiada o tempo todo. Então ela encontra na fita cassete a possibilidade de evadir-se, exorbitar, sair desse contexto massacrante, sua dupla consciência. Ela precisa

⁵⁶ on the verge of new possibilities” (HOWELLS, 1986, p. 10)

⁵⁷ his version threatens to erase its significance as thoroughly as Gilead had tried to erase her identity. The professor is not interested in her personal memoir except as evidence for his grand impersonal narrative of a fallen nation’s history, and readers are left with the challenge of Offred’s unfinished story. (HOWELLS, 2006, p. 169)

contar histórias, mesmo que para si mesma. É uma forma de escapar da cruel realidade que vive. Caso contrário, ela apenas vive o momento, que é o que ela não quer.

O início do livro já é em Gilead – o presente da protagonista. Ela começa descrevendo o lugar onde está: “Nós dormimos no que antes havia sido o ginásio esportivo. O assoalho era de madeira envernizada, com listas e círculos pintados [...]” (ATWOOD, 2006, p. 11) A protagonista não se identifica nos nomes presentes no dormitório, só descobrimos que ela é uma Aia quando a narrativa se volta para o presente. Mas seu nome apresentado na história é seu nome oficial de Gilead e não seu verdadeiro, que é guardado como um talismã, como já mencionado. Para sobreviver, Offred vai e volta no tempo de sua história. Sua memória é fuga deliberada. Enquanto fica sozinha em seu quarto na casa do Comandante: “A noite é minha, meu próprio tempo, para fazer o que eu quiser, enquanto eu estiver quieto... O noite é meu tempo de folga. Para onde devo ir? Em algum lugar bom”. (ATWOOD, 2006, p. 49) Sua memória principal e que a mantém viva é a perda de sua filha e de Luke. A menina fora capturada e Luke levava um tiro quando estavam tentando fugir para o Canadá. Ela acredita, em alguns momentos, que um dia chegará uma mensagem e sua vida será restaurada.

3.2 O mecanismo de docilização e dispositivos de poder

Em *Vigiar e punir* (2014), Foucault nos faz refletir sobre a evolução do sistema prisional, o poder e o corpo. Ele começa o livro descrevendo uma execução trágica. Um homem que fora condenado ao esquartejamento com cavalos, mas que não foi realizada como pretendiam: o homem era muito forte e foram necessários seis cavalos para destroçá-lo. Em todo momento confessores se aproximavam dele, mas ele não confessava nada, só clamava pelo Senhor. Até que lhe cortaram os membros com uma faca e o jogaram na fogueira. Há quem diga que ele ainda mexia o maxilar. Esse tipo de execução é chamado de suplício: uma “pena corporal dolorosa, mais ou menos atroz; é um fenômeno inexplicável a extensão da imaginação dos homens para barbárie e a crueldade.” (FOUCAULT, 2014, p. 36)

O suplício ostenta a barbárie, um espetáculo para servir a todos como exemplo e entretenimento. Quanto mais violências, quanto mais gemidos de dor, gritos agonia, mais justa parece a condenação. Por essa razão, o castigo continua até mesmo após a morte do supliciado: homens são queimados, suas cinzas são jogadas ao vento, seus corpos são arrastados na grade, são expostos. “A justiça segue o corpo além de qualquer sofrimento possível”, de acordo com Foucault (2014, p. 37) Entretanto, se o supliciado suporta e não confessa, o carrasco deve retirar suas acusações. E caso o carrasco consiga puni-lo, ele mostra ao povo o morto e é ovacionado. Mas se ele fracassa, ele perde a premiação que lhe fora concedida e o condenado é perdoado. Em meio a tudo isso, o papel do povo é de grande importância. Ele é que assiste tudo de camarote – é espectador, ovacionando, gritando o crime cometido, humilhando o acusado, atacando-o.

Com o tempo, “desapareceu o corpo como alvo principal da repressão penal” (FOUCAULT, 2014, p. 8-26). Agora a punição não é uma vingança, mas uma defesa da humanidade. Assim, o espetáculo de punição, bem como a confissão pública foram se extinguindo e o papel do supliciado e do soberano foram se invertendo: agora o carrasco e os juízes são vistos como criminosos e assassinos e os supliciados se tornam alvo de piedade. “Desaparece, destarte, em princípios do século XIX, o grande espetáculo da punição física: o corpo supliciado é escamoteado; exclui-se do castigo a encenação da dor”, segundo Foucault (2014, p. 19). E a punição atinge a representação do corpo, a alma, e não mais o corpo físico.

Agora o fato de o homem ser punido por ter cometido algum delito é o que faz não querer cometê-lo, e não mais o espetáculo de horror. Os suplícios são a marca da barbárie, que foram extintos. Enquanto a nova forma de punir é tirar a vida do condenado sem fazê-lo ser ferido, supliciado, mas que perca seus direitos, ferindo a alma e não mais o corpo. “Quase sem tocar o corpo, a guilhotina suprime a vida, tal como a prisão suprime a liberdade, ou uma multa tira os bens (FOUCAULT, 2014, p. 18)”. O corpo não é mais propriedade do rei, em que o soberano imprimia sua marca. O corpo agora é visto como propriedade social, um corpo útil a serviço de todos. Ele é obrigado a trabalhar, de modo a melhorar sua situação dentro da cadeia. Lá ele será transformado e devolverá ao Estado o que lhe fora perdido. Por exemplo, se um criminoso traz perigo a um bairro, ao retornar da prisão, deverá lhe devolver a segurança. “Entre o crime e a volta ao direito e à virtude, a prisão constituirá um espaço entre dois mundos, um lugar para as transformações

individuais que devolverão ao estado os indivíduos que perdera”. (FOUCAULT, 2014, p. 121) A ideia é requalificar os criminosos como cidadãos de direito, reabilitá-los para viver em sociedade.

O *Conto da Aia* vive entre o suplício e o sistema prisional moderno. Há poder sobre o corpo de forma bárbara dentro de uma organização carcerária. As Aias são adestradas no Centro Vermelho e lançadas ao mundo “melhores” que quando entraram, saem prontas para serem corpos úteis. Elas são condicionadas a executarem seu papel com maestria. Ali são mostradas informações de tempos passados com teor sórdido para que rejeitem a vida anterior a Gilead; são humilhadas; são realizadas punições verbais e físicas contra quem tenta infringir a lei; recebem uma lavagem cerebral, de modo que se tornem seres docilizados e alienados como a Aia Janine - o exemplo de que o adestramento dos corpos funciona. A protagonista sente até raiva dela, por ver que ela se deixa levar pelo que as Tias dizem, se inferiorizando e idolatrando o sistema. O corpo humano se deixa levar por uma mecânica de poder que faz não apenas com que os corpos sejam manipulados como se quer, mas com a rapidez e eficiência que se deseja. Segundo Foucault, “A disciplina fabricaria, assim, corpos dóceis e submissos, prontos para servir ao sistema”. (2014, p. 135)

Em Gilead, o poder é instaurado totalmente de forma hierárquica, institucional, de maneira punitiva, violenta, como durante a Idade Média, em que o soberano punia o homem de acordo com seu erro, literalmente. O acusado não tem chances de reação. Até mesmo as Aias que eram protegidas pelo governo poderiam ser torturadas (podiam perder aquilo que as fizeram pecar, podiam ir para as Colônias, onde mulheres limpam lixo radioativo como escravas, ou forçadas à prostituição em bordéis que operam além das leis de Gilead, mas com a aprovação de membros de sua poderosa elite, nem sempre mortas – apesar de haver enforcamento em casos mais sérios-, o que as difere das condenações medievais. Prevale a lei de Talião “olho por olho, dente por dente”.

O tribunal funciona apenas para as Aias, os Comandantes e as Esposas. As outras classes eram mortas por apedrejamento, enforcamento ou qualquer suplício determinado pelo poder soberano (governo e Igreja). O governo é como se fosse o poder executivo e a Igreja o poder legislativo. A Igreja legisla através das palavras do Antigo Testamento, como em “se teu olho direito te leva a pecar, arranque-o fora, pois é melhor ter um membro retirado do que o seu corpo lançado ao inferno”

(Matheus 5:29). Assim, os corpos se tornam dóceis e manipuláveis, fazendo com que a ordem seja aplicada.

Ainda que o sistema prisional [de controle] de Foucault tenha sido aplicado em séculos passados, o policiamento em Gilead resgata seus princípios. A polícia é o principal meio de vigilância e de disciplina. É através dos Olhos que a ordem é aplicada. Como era acreditado que o olho de Deus tudo podia ver e punir, os personagens pertencentes a essa casta detêm o poder de delatar quem infringe alguma lei. Parecido com o panóptico, em que a classe inferior é vigiada, sem que percebam, “é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; vê-se tudo, sem nunca ser visto” (FOUCAULT, 2014, p.195). Assim, é através do medo, da onipresença que a disciplina é imposta.

O corpo se torna lugar de produção, logo, é através da docilização desse que o poder deve ser instaurado. As Aias são mulheres que deixam de ser ameaças para o governo porque perdem seus direitos ao próprio corpo e vontades, “Eu costumava pensar em meu corpo como [...] um implemento para realização de minha vontade. Eu podia usá-lo para correr, [...] fazer coisas acontecerem. [...] meu corpo era [...] parte de mim”. (ATWOOD, 2006, p. 90) Mas passam a ser interesse do próprio governo porque podem produzir, o que era de grande valia para eles, a prole. Através das relações, o corpo é visto como principal lugar de adestramento. “Agora a carne se arruma de maneira diferente, sou uma nuvem, congelada ao redor de um objeto central” (ATWOOD, 2006, p. 90)”, ou seja, seu corpo se transforma em uma coisa que responde a um poder central e não mais à própria vontade. O corpo da Aia não mais pertence a ela, mas ao estado, se torna um receptáculo “marionetizado” e controlado pelos poderes superiores, mas ao mesmo tempo é um corpo poderoso, pois é produtor. Ao mesmo tempo que ele não tem poder, porque é submisso, tem poder porque é o único capaz de gerar filhos.

Entretanto, há dois momentos na narrativa em que Offred liberta seu corpo. Quando é chamada, clandestinamente, pelo Comandante para seu quarto, solta uma gargalhada ao jogar *scramble*, e quando faz amor com Nick. Nos dois personagens, Offred encontra um pouco de vida, sustento para sua sobrevivência.

Como já abordado, o corpo das Aias é fonte de geração da prole, são submissos ao Estado para tanto. Em Foucault, o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo “corpo produtivo e corpo submisso”. Então, para um governo se consolidar, este corpo deve ser forçado a cumprir sua missão, ainda que contra a

vontade dele. Afinal, as Aias não têm mais vontade. Seus corpos devem ceder ao poder externo, mas de forma silenciosa, organizada e disciplinar.

Como uma Aia privada de seu próprio nome e identidade, ela não tem direitos como indivíduo, mas, em vez disso, foi recrutada para o serviço sexual ao estado, reduzida pela doutrina do essencialismo biológico ao seu papel feminino como criadora de criança [...] (HOWELLS, 2006, p. 165, tradução minha).⁵⁸

A perda da identidade é marcada pela troca de seu nome. Não pertencem mais a si mesmas. São produto do Estado e produzem para o Estado: somos úteros de duas pernas, apenas isso: receptáculos sagrados, cálices ambulantes” (ATWOOD, 2017, p. 165). Ao perder a identidade, personificada no próprio nome, elas são chamadas de “of” + o nome do seu Comandante. Isso significa que são pertencentes a alguém. No caso da protagonista, ofFred, significa que ela pertence ao Comandante Fred. Quando muda de casa, muda também “seu” nome. Ela agora faz parte de um novo tempo, de uma nova realidade, de um novo mundo que a cerceia de se conhecer, onde não quer estar, “Mas é nele que estou, não há como escapar disso. O tempo é uma armadilha e estou presa nele. Tenho que esquecer meu nome secreto e todos os caminhos de volta. Meu nome agora é Offred, e aqui é onde vivo.” (ATWOOD, 2006, p. 173) Sensata, a protagonista assume sua nova posição social com um nome nada arbitrário Segundo um ensaio intitulado Margaret Atwood on What ‘*The Handmaid’s Tale*’ Means in the Age of Trump, Atwood afirma que há religiosidade mesmo no nome da protagonista. Dentro deste nome está oculta outra possibilidade: ‘Oferecido’, denotando uma oferta religiosa ou uma vítima oferecida para o sacrifício.⁵⁹

No livro, a protagonista deixa claro que seu nome verdadeiro se torna seu nome de outros tempos – como ela se refere ao passado, momento em que ainda era uma pessoa comum – que agora é proibido, já que não pertence mais a si. Em meio à sua narrativa, ela diz que esse fato é sem importância, e logo se corrige, porque lá no fundo ela sabe que é muito importante. É como que dentro dela existisse uma força que a faz se submeter a essa sobrevida, mas outra diz que tem uma história, uma vida além-Gilead e que tem importância, porque representa quem é. “Repito meu nome antigo, recordo a mim mesma do que outrora eu podia fazer”.

⁵⁸ As a Handmaid deprived of her own name and identity, she has no rights as an individual but instead has been conscripted into sexual service to the state, reduced by its doctrine of biological essentialism to her female role as a child breeder [...]. (HOWELLS, 2006, p.165)

⁵⁹ Within this name is concealed another possibility: ‘offered,’ denoting a religious offering or a victim offered for sacrifice”

Seu nome “flutua por trás de seus olhos”, está escondido em seu subconsciente, mas, de certa forma, inalcançável, devido ao seu atual estado, portanto, “resplandecendo”, fulgura ao relento de sua alma, “na escuridão”.

[...] Meu nome não é Offred, tenho outro nome que ninguém usa porque é proibido. Digo a mim mesma que isso não tem importância, seu nome é como o número de seu telefone, útil apenas para os outros; mas o que digo a mim mesma está errado, tem importância sim. Mantenho o conhecimento desse nome como algo escondido, algum tesouro que voltarei para escavar e buscar, algum dia. Penso nesse nome como enterrado. Esse nome tem uma aura ao seu redor, como um amuleto, um encantamento qualquer que sobreviveu de um passado inimaginavelmente distante. Deito-me em minha cama de solteiro, de noite, com os olhos fechados e o nome flutua ali, por trás de meus olhos, não totalmente ao alcance, resplandecendo na escuridão. (ATWOOD, 2006, p. 105)

Outra evidência de que elas não têm mais identidade e direito sobre seu corpo, sendo anulada, é a ida ao médico. Ao fazer o exame seu rosto deve estar coberto para que não seja identificada pelo médico, que também não deve conversar com ela “Ele não deve falar comigo, exceto quando for absolutamente necessário. (ATWOOD, 2006, p. 56). Ela não pode falar, se manifestar e nem ter noção do que acontece durante sua gestação. Não tem direito de saber se o bebê está bem, qual o tamanho, a posição, ouvir os batimentos, enfim, ela não tem direito de ser mãe daquela criança, é apenas a progenitora. Através desse fato, torna-se evidente a opressão sofrida pela personagem. Seu corpo é o único elemento que importa, pois é ele que tem utilidade, o que reduz a mulher a um corpo-objeto.

O exame é o momento em que o corpo é avaliado para ver se chegou ao que é esperado naquela etapa. É quando ele é observado de perto, quando é sistematizado, colocado à prova. No livro observa-se isso quando a Aia precisa mensalmente ir ao médico para ver se o corpo dela está dentro dos padrões esperados. Quando ficam grávidas e nasce a criança, o filho é analisado para saber se é homem, mulher, se nasceu perfeito e desta forma, são classificadas como boas ou más Aias, ou seja, esse exame acontece de tempos em tempos para que o corpo não relaxe porque ele sabe que um dia será colocado à prova. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. (FOUCAULT, 2014, p. 134)

Isso também fica nítido durante o parto. A esposa fica na mesma posição que a Aia, numa espécie de farsa, em que as duas compartilham o mesmo espaço,

como se ambas estivessem parindo o mesmo filho. A Aia, como na Cerimônia, é aqui extensão do corpo da Esposa.

A Esposa do Comandante entra apressada, com sua ridícula camisola branca, as pernas magrelas se espetando para fora abaixo dela. Duas das Esposas em seus vestidos e véus azuis seguram-na pelos braços, como se precisasse disso; [...]. Ela sobe rápido no Banco de Dar à Luz, senta-se no assento atrás e acima de Janine, de modo que Janine fica emoldurada por ela: as pernas magras descem pelos dois lados, como os braços de uma cadeira excêntrica. (ATWOOD, 2006, p. 112)

Esse corpo, instrumento do Estado, não pode ser descartado, isto é, morto ou jogado à própria sorte, ele deve ser, então, docilizado, porque ele é necessário para a constituição desse governo ditatorial, porque produz. Ele deve ser protegido, pois é considerado a “riqueza nacional” (ATWOOD, 2006 p.80), visto que elas são as únicas capazes de resolver o problema de fertilidade do país. Para tanto, elas sofrem uma lavagem cerebral. Além de serem objetificadas, são “úteros de duas pernas”, são subordinadas à alienação a fim de que se tornem corpos docilizados que, com o tempo, passam a amar o estado em que estão por não conhecerem outra realidade. Segundo Howells (1996, p. 128, tradução minha), “sua definição essencialista de mulheres como 'úteros de duas pernas' funciona inteiramente no interesse de uma elite patriarcal, negando às mulheres qualquer liberdade de escolha sexual ou de estilo de vida”.⁶⁰

Como afirma Huxley (1989, p. 19), “tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar”. Elas precisam esquecer quem são, de onde vieram, para que se tornem as reprodutoras do Estado, como se estivessem fazendo um bem a elas: “da maneira como fazemos estão protegidas, podem realizar seus destinos biológicos em paz” (ATWOOD, 2006, p.261), distorcendo e manipulando os fatos para que se tornem seres alienados. Assim sendo, o discurso adotado é colocado como correto em relação ao antigo discurso:

Demos-lhes mais do que tiramos, disse o Comandante. Pense nas dificuldades que tinham antes. Não se lembra dos bares de solteiros, a indignidade dos encontros às cegas no colégio? O mercado da carne. Não se lembra do terrível abismo entre as que podiam conseguir um homem com facilidade e as que não podiam? Algumas delas ficavam desesperadas, passavam fome para ficar magras, enchiam os seios de silicone mandavam cortar pedaços do nariz. Pense na infelicidade humana. (ATWOOD, 2006, p.260)

⁶⁰This essentialist definition of women as 'two-legged wombs' works entirely in the interests of a patriarchal elite, denying women any freedom of sexual choice or of lifestyle (Howells, 1996, p. 128)

Em “A arte das distribuições” Foucault diz que os indivíduos não são aglomerados, são separados espacialmente, para que cada um dos corpos seja tratado de forma individualizada. “O isolamento assegura o encontro do detento a sós com o poder que se exerce sobre ele”. (FOUCAULT, 2014, p. 230) É preciso que haja um espaço em que as pessoas possam ter contato com quase tudo, mas que seja fechado, observado, delimitando a ação de quem nele está. Como Foucault chama de enclausuramento e afirma que não é o suficiente para manter o controle dos corpos, é preciso, então, dar a cada Aia seu lugar, um “quadriculamento. Cada indivíduo no seu lugar, e em cada lugar um indivíduo” (FOUCAULT, 2014, p. 140).

Não há individualidade, não são especiais – pois são tratados como massa popular, a massa da fertilização-, mas há certo tratamento individual dos corpos, porque se são tratados juntos, eles podem se rebelar, farão a força para destituir o governo. Ainda que isolados, esses corpos devem ser associados aos outros, “fazê-los participar em comum de exercícios úteis, obrigá-los em comum a bons hábitos, [...] mantendo o recolhimento pela regra do silêncio.” (FOUCAULT, 2014, p.230) Esse espaço a que o corpo é destinado é limitado, útil e produtor, como a cela em que Aias são confinadas no período de formação e como o quarto da casa de seus Comandantes.

O corpo singular torna-se um elemento, que se pode colocar, mover, articular com outros. Sua coragem ou força não são mais as variáveis principais que o definem; mas o lugar que ele ocupa, o intervalo que cobre, a regularidade, a boa ordem segundo as quais opera seus deslocamentos. O homem de tropa é antes de tudo um fragmento de espaço móvel, antes de ser uma coragem ou uma honra. (FOUCAULT, 2014, p. 161)

Em “O controle das atividades”, abordado em *Vigiar e Punir* (2014), o corpo é colocado como alguém que produz em determinado tempo e as distribuições se relacionam com o espaço, o controle das atividades se relaciona com o tempo, tempo de produção de cada corpo. Ele precisa exercer certas tarefas, cumprir certas obrigações para que ele seja útil. Então, ele precisa cumprir horário, não se atrasar, efetivar tudo em determinados prazos. Nesse caso, a obra mostra isso quando as Aias precisam cumprir uma rotina: pela manhã elas têm que fazer compras, à tarde elas têm outras atividades, uma vez por mês devem entregar o próprio corpo para tentativa de reprodução, todo mês devem ir ao médico etc. Neste sentido, todas as atividades são ritualizadas, o que é importante para que o corpo aprenda seu

espaço e o tempo que precisa ocupar durante aquele ritual, provando que cada coisa tem seu lugar e tempo.

Talvez nada disso seja a respeito de controle. Talvez não seja realmente sobre quem pode possuir quem, quem pode fazer o que com quem e sair impune, mesmo que seja até levar à morte. Talvez não seja a respeito de quem pode se sentar e quem tem de se ajoelhar ou ficar de pé ou se deitar, de pernas abertas arreganhadas. Talvez seja sobre quem pode fazer o que com quem e ser perdoado por isso. Nunca me diga que isso dá no mesmo. (ATWOOD, 2017, p. 163-164)

Em “A organização das gêneses”, abordado também em *Vigiar e punir* (2014), podemos ver como o corpo é colocado como uma segmentação: cada parte é analisada, cada passo é observado, cada coisa é colocada em sequência, há uma ordem para tudo, não se pode fazer as coisas de qualquer jeito. Dessa maneira então, as Aias são colocadas passo a passo dentro de uma organização estatal, mas que passa pelo corpo delas, porque elas sabem como caminhar, como falar, como não falar, como observar, em que momento elas devem abaixar a cabeça, em que momentos devem levantar a cabeça, a quem elas devem responder, a quem elas não devem responder, afinal são “adestradas”, condicionadas para tal. É o corpo produzido a partir de uma organização celular.

Em uma passagem da obra, é evidenciada a forma punitiva educacional que as Aias sofriam: o Testemunho. Através desse evento, as Tias apontam a infração que a Aia havia cometido e todas devem testemunhar, observar e julgar a acusada. A Tia pergunta de quem foi a culpa, e todas devem responder: foi dela, foi dela, foi dela, apontando o dedo para a “infratora”. Aqui, mais uma vez, é nítida a tentativa de alienação e docilização. Após o julgamento forçado, Tia Helena que já estava conduzindo tudo, faz Janine se

“[...] ajoelhar na frente da turma, com as mãos atrás das costas, onde todas podíamos vê-la, o rosto vermelho e o nariz pingando. O cabelo de um louro opaco, os cílios tão claros que pareciam não estar lá, os cílios perdidos de alguém que esteve num incêndio. Olhos queimados. Ela tinha uma aparência repugnante: fraca, se retorcendo toda agitada, manchada, avermelhada, rosada como um camundongo recém-nascido. Nenhuma de nós queria ter aquela aparência nunca” (ATWOOD, 2006, p. 88)

Após toda essa punição, a Aia acusada é humilhada enquanto as Aias mandadas, dizem: Bebê chorão, bebê chorão, bebê chorão. Ela, então, é mostrada como exemplo. E o pior de tudo é que ela, de certa forma, aceita essa sujeição. Há repetição de falas pelas Aias, como se estivessem programadas para tal e as que

não reproduzem a fala são passíveis de punição. Quando uma diz que a outra é culpada passa a se aceitar culpada também. Outra prova de adestramento através de punições é o caso de Dolores que pediu, em momento inoportuno para a Tia, para ir ao banheiro. Como a Tia não lhe autorizou a fazer xixi, ela urinou na roupa e ainda foi punida fisicamente. “Ninguém sabe o que foi feito com ela, mas era possível ouvir seus gemidos durante a noite”. (ATWOOD, 2006, pág. 72)

Algumas vezes também as Tias faziam uma sessão de cinema para manipulá-las a respeito da realidade das “não-mulheres”. Aquelas que não combinavam com o projeto político de Gilead, como já abordado. As Aias se sentavam em colchonetes e esperavam Tia Lydia e Tia Helena conseguirem ligar o projetor, o que não era uma tarefa fácil para elas. Os filmes eram pornográficos, em que “mulheres ajoelhadas chupavam pênis ou armas, mulheres amarradas ou com coleiras de cachorro ao redor do pescoço, mulheres [...] nuas, com as pernas mantidas abertas, mulheres sendo estupradas, surradas, mortas”. (ATWOOD, 2006, p. 145) A partir disso, as Tias faziam reflexões sobre os tempos passados, mostrando quão ruim era a realidade das mulheres, mencionando, por exemplo, como era andar na rua sozinha e sofrer assédio, o que não estava errado, mas não deveria ser a justificativa para aceitarem a atual condição, essa nova realidade em Gilead. Ao caminhar com Ofglen, Offred pondera: “homem nenhum grita obscenidades para nós, fala conosco, toca em nós. Ninguém assobia” (ATWOOD, 2017, p. 36). Ao mesmo passo que não há esse tipo de violência, Gilead usava erros passados para credibilizar e justificar a posição social da mulher, sua função de Aia. “Vocês veem como as coisas costumavam ser?” (ATWOOD, 2006, p. 145). Se o assédio hoje é condenado e combatido pelo movimento feminista, sua ausência, como vemos em Gilead, não necessariamente significa mais respeito para as mulheres, como pondera Atwood através de suas personagens. Uma vez que a violência contra a mulher é de domínio do Estado, legaliza-se a repressão e submissão feminina. “Estar protegido da violência dentro do Estado-nação é estar exposto à violência perpetrada pelo mesmo Estado-nação” (BUTLER, 2009, p. 26). Assim, “a tentativa de controle dos homens sobre as mulheres pode se ocultar em pretensões protetoras e paternalistas” (PEREIRA, 2021, p. 95). Esse Estado também precisa garantir sua sobrevivência e poder perante à sociedade e, para tal, faz uso dessas leis convenientes ocasionalmente.

Na composição das forças de *Vigiar e punir* (2014), o controle disciplinar não consiste simplesmente em ensinar ou impor uma série de gestos definidos; impõe a melhor relação entre um gesto e a atitude global do corpo, que é sua condição de eficácia e de rapidez. Já colocados em lugares individuais, cumprindo certas atividades, em determinados tempos, como uma ordem e uma rotina organizada, agora esses corpos podem produzir através de contatos uns com os outros. Dessa forma, os corpos são selecionados para trabalharem juntos, para colocarem à disposição suas capacidades, as suas possibilidades, os seus proventos para alimentar o poder. No livro e na série, isso pode ser observado quando as Aias são colocadas para andarem juntas, para que uma possa ser companhia da outra, para que possam ser vistas quando saem para as compras, mesmo que não sejam amigas, mesmo que fazer compras não seja uma tarefa legal.

Em “Os recursos para o bom adestramento” de *Vigiar e punir* (2014), há três subtópicos relacionados ao romance: a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e o exame. Aqui o corpo passa por processos para que se saiba se está pronto ou não para ser uma peça importante nessa engrenagem.

A vigilância hierárquica define-se como o sujeito se sente prisioneiro em qualquer lugar, a vida é uma prisão. As Aias estão sendo observadas o tempo todo e não só pelo Olhos, mas pelas próprias “companheiras”. Uma não pode confiar na outra, a conversa deve ser pautada no simples discurso rotineiro: “abençoado seja o fruto”, “que possa o senhor abrir” e, quando se despedem, “sob o olho dele”, reforçando que devem ter cuidado e seguir os comandos exigidos. Não é possível saber quem pertence ao grupo Mayday e quem já está completamente alienada.

A verdade é que ela é minha espiã, como eu sou a dela. Se alguma de nós escapulir da rede por causa de alguma coisa que aconteça em uma de nossas caminhadas diárias, a outra será responsável” (ATWOOD, 2006, p.30).

De acordo com Foucault, em *Vigiar e Punir* (2014), “A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)”. Ela faz funcionar as relações de poder, legitimando quem está no topo da pirâmide. A sanção normalizadora é constituída por pequenas punições para se lembrar ao corpo adestrado que precisa cumprir aquelas tarefas e se não o fizer será punido, mas não são grandes punições como a morte, o espancamento, são micro punições, ou “punições sutis, que vão do castigo

físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações (FOUCAULT, 2014, p. 175).

No romance, isso se manifesta através dos castigos das Aias dentro do Centro Raquel e Lia, quando veem pendurados os corpos no muro para servirem como exemplo. “Um é de um padre, ainda vestindo a batina preta. [...] Os outros dois têm cartazes púrpura pendurados ao redor do pescoço: Traição por Falsidade de Gênero” (ATWOOD, 2006, p. 55). Aqui se torna evidente a punição através do suplício. Em Gilead, o suplício traz o espetáculo de punições em diferentes níveis, de acordo com o “crime” do supliciado. Essa prática em Gilead é denominada Salvamento, o que evidencia, mais uma vez, o caráter religioso do regime. O suplício é uma oportunidade da alma herege e pecadora se redimir.

As mulheres olham aqueles corpos pendurados, olham a punição de outras Aias no Centro Vermelho, porque precisam olhar e se normalizar a partir dessas sanções. A punição como espetáculo objetiva amedrontar, impor a ordem, docilizar os corpos. “Espera-se que olhemos, é para isso que estão lá, pendurados no muro. Às vezes ficam lá expostos por dias a fio, até chegar um novo lote, de modo que o maior número possível de pessoas tenha a oportunidade de vê-los”. (ATWOOD, 2006, p. 44)

A partir do medo, as Aias vão internalizando que toda essa exibição é normal, pois há uma razão para tal, e faz parte de seu aprendizado. De acordo com a própria Tia Lydia, “O costumeiro é aquilo a que vocês estão habituadas. Isso pode não parecer costumeiro agora, mas depois de algum tempo será. Irá se tornar costumeiro”. (ATWOOD, 2006, p. 46) No fragmento abaixo, torna-se evidente a entrega de Offred ao regime. No começo ela ainda questionava, agora tudo que quer é se manter viva, mesmo que nessas condições.

Meu Deus, penso, farei qualquer coisa que quiseres. Agora que me deixaste escapar impune, eu me anularei, se é o que realmente queres; esvaziarei a mim mesma, verdadeiramente, tornar-me-ei um cálice. [...] pararei de reclamar, aceitarei meu destino. Eu me sacrificarei. Eu me arrependerei. Abdicarei. Renunciarei. [...] Quero continuar vivendo de qualquer forma que seja. Renuncio a meu corpo voluntariamente para submetê-lo ao uso de outros. Eles podem fazer o que quiserem comigo. Sou abjeta. Sinto, pela primeira vez, o verdadeiro poder deles. (ATWOOD, 2017, p. 337, 338)

O comportamento de Offred, logo, não é clássico de uma heroína distópica, de fato, ela não é a melhor resposta para reações ao regime totalitarista no qual foi

inserida, Offred é dominada pelo medo, sua falta de atitude é datada de antes de Gilead. Feministas eram sua mãe e sua amiga Moira, ela não demonstrara nenhuma atitude política ativa na sociedade. Pelo contrário, não queria ser como a mãe:

Eu admirava minha mãe em alguns aspectos, embora as coisas entre nós nunca tenham sido fáceis. Ela esperava muito de mim, eu senti. Ela esperava que eu justificasse sua vida por ela, e as escolhas que ela fez. Eu não queria viver minha vida nos termos dela. Eu não queria ser a descendência modelo, a encarnação de suas idéias. Costumávamos brigar por isso. Eu não sou sua justificativa de existência, eu disse a ela uma vez (ATWOOD, 1985, p. 132, tradução minha).⁶¹

Apesar de ser vista como culpada de complacência e egoísta, preocupada apenas com os seus, preferir estar livre da dor e aceitar o conforto paternalista, a dominação, Offred faz gravações, sua forma de reação está no poder de gravar tudo que acontece, na esperança de que algum dia alguém poderá encontrar. Quem encontra é Pieixoto, um professor que também não deu tanta credibilidade para o ato de Offred. Assim como Gilead, ele também é incapaz de valorizar o poder da linguagem e de uma mulher:

Eles excluem de seu horizonte de percepção o ato de contar como uma rearticulação de realidade, como um esforço para dar expressão às sensações interiores, ou esperança e fé na mudança. Eles objetivam uma reconstrução dos fatos históricos de uma história patriarcal. Eles expressam mais preocupação com o autor histórico do conto e com a posição atribuída para ela acima do solo, ao invés da voz narrativa única de "alguém" que fala de dentro da periferia, e quem tira força de sua posição marginalizada (STAEELS, 1995, p. 464).

O corpo no romance é símbolo de dominação. Atwood descreve o corpo feminino como lugar de repressão, aniquilamento, amostra de como a imagem da mulher está reduzida a um objeto capaz de procriar, estabelecendo que seu único objetivo é o que lhe foi estabelecido biologicamente. Em Gilead os corpos femininos possuem donos, homens que se apropriam de valores patriarcais, leituras antigas da Bíblia para imporem seus poderes.

Os famintos, transformados, espancados, doentes, abusados e encarcerados corpos femininos espalhados pelos romances de Atwood devem, portanto, ser vistos no contexto de uma preocupação em chamar a

⁶¹ I admired my mother in some ways, although things between us were never easy. She expected too much from me, I felt. She expected me to vindicate her life for her, and the choices she'd made. I didn't want to live my life on her terms. I didn't want to be the model offspring, the incarnation of her ideas. We used to fight about that. I am not your justification for existence, I said to her once.

atenção para a posição das mulheres dentro de uma cultura que prega vários truques sujos sobre elas. (HOWELLS, 2006, p.62)⁶²

3.3 Offred: um mosaico de vozes

Como pode-se perceber, a ficção especulativa, a distopia, o fundamentalismo religioso, a política estadunidense são marcados por um discurso de poder que os sustenta. É através da linguagem que se escraviza, que se subordina, que se humilha pessoas. Em *O Conto da Aia* não é diferente, o poder da elite masculina é paulatinamente construído através de pequenos gestos que se transformam em grandes atitudes, que geram aterrorizantes punições, um verdadeiro regime de servidão.

Foi criado, não só no romance, na ficção de um modo geral, mas na sociedade em que habitamos, uma política de vigilância não só do homem para com a mulher, mas da mulher para com outras mulheres. Julgamentos, comentários desrespeitosos, cancelamentos vindos de mulheres sobre outras mulheres são muito comuns na atualidade. Isso nos faz refletir sobre o termo traidora de gênero, utilizado pelas Tias, ao rotularem Aias que tiveram relações com outras mulheres. Seriam elas traidoras, ou as mulheres, tidas como Esposas, Martas, Tias são todas traidoras de gênero? Afinal, elas não lutam por suas companheiras de gêneros, mas contra, estabelecendo uma guerra infinita entre todas as partes.

E tudo isso é advindo do discurso de poder impregnado no indivíduo que se permite influenciar ou por medo, ou por comodismo, ou por falta de informação...As subjetividades em Gilead são controladas de tal modo que causa desconforto e inquietação no leitor, encorajando-o a uma reflexão sobre o quanto o Estado pode regular a individualidade de cada ser e, principalmente, da mulher, através do suporte religioso, que procura justificar tudo pela palavra de "Deus". Assim, torna-se conveniente, para garantia da perpetuação da sociedade, desprover a mulher de liberdades e concedê-las aos homens. É notório também pensar em que deus está em questão, se é realmente sua a palavra ou interpretação a partir de sua palavra.

⁶² The starved, transformed, beaten, diseased, abused, and incarcerated female bodies that litter Atwood's novels should therefore be seen in the context of a concern to draw attention to women's position within a culture that plays numerous dirty tricks on them. (HOWELLS, 2006, p.62)

Um Deus violento, temível, soberano do Antigo Testamento ou um Deus misericordioso, cheio de amor que a todos acolhe?

Segundo, Harari (2018, p. 144), “[...] religiões ainda têm muito poder político, na medida em que podem cimentar identidades nacionais”, porque são capazes de fornecer alento durante períodos difíceis e conturbados, épocas caóticas e instáveis. É na tragédia que o discurso fundamentalista ganha espaço e força, como no pós-guerra. A sociedade fragilizada precisa de uma crença, fé, um deus que salva, um herói para a nação. Dessa forma, o discurso fundamentalista demonstra ser uma chance, uma alternativa coerente ao medo e às incertezas, logo, “religiões, ritos e rituais continuarão a ser importantes enquanto o poder do gênero humano se apoiar em cooperação de massas, e enquanto a cooperação de massas se apoiar na crença em ficções compartilhadas” (HARARI, 2018, p. 144)

É claro que a religião não é o mal encarnado na terra, o perigo está nos extremos, nos excessos que são danosos para o progresso da sociedade. Mas, de acordo com a obra *Como as democracias morrem*, o que pode ser muito prejudicial para o mundo é a subversão das democracias. Algo que não ocorre de um dia para o outro, como vimos nos golpes de 64 no Brasil ou no Chile em 1973, com o suporte das forças armadas. Mas algo que vai acontecendo sorrateiramente, através de processos legítimos. Autoritários não chegam mais ao poder através de um conflito armado, mas por meio de eleições. Utilizam a lei a seu favor, o discurso moralista para se expandirem e se perpetuarem no poder. De acordo com Dyer e Soter (2018, p. 324), “A conclusão é que a própria democracia leva ao seu fim, quando seus mecanismos de defesa não são efetivos o suficiente para impedir a chegada de demagogos ao poder”.

No início do livro, os autores analisam os casos de Hitler e Mussolini, que ganharam bastante popularidade entre o eleitorado, através de discursos em defesa da nação. Na Alemanha, quando viviam a Grande Depressão, o fracasso da Primeira Guerra Mundial, os nazistas se aproveitaram da situação para se mostrarem a melhor opção para o país. Utilizaram alegações falsas acerca dos judeus e dos comunistas, atribuindo a elas a culpa da situação lamentável da Alemanha.

No caso de Gilead, o foco do problema advém do comportamento das mulheres contemporâneas, que enxergam mais possibilidades de vida além da maternidade. Hoje elas querem construir vida acadêmica, deslanchar no mercado de

trabalho, levar uma vida livre de crenças limitantes. Entretanto, isso impacta diretamente no desenvolvimento da sociedade. Afinal, se não existem mães, não existem crianças, a longo prazo, a sociedade envelhece e morre. Partindo desse ponto, um grupo poderoso decidiu aplicar um golpe de Estado, estabelecendo uma nova pirâmide social. Homens são convocados a elaborar leis, segundo a bíblia; os livros e todo tipo de mídia foram eliminados; a liberdade de expressão foi substituída por protocolos; relações sociais se tornaram relações de vigilância; ascensão social passou a ser inexistente...tudo fora fruto da falta de engajamento, principalmente das mulheres, como sugere a protagonista:

Vivíamos, como de costume, por ignorar. Ignorar não é a mesma coisa que ignorância, você tem de se esforçar para fazê-lo. Nada muda instantaneamente: numa banheira que se aquece gradualmente você seria fervida até a morte antes de ser dar conta. Havia matérias nos jornais, é claro. Corpos encontrados em valas ou na floresta, mortos a pauladas ou mutilados. [...], mas, essas matérias eram a respeito de outras mulheres, e os homens que faziam aquele tipo de coisas eram outros homens. [...] as matérias de jornais eram como sonhos para nós, sonhos ruins sonhados por outros. Que horror, dizíamos, e eram, mas eram horrores sem ser críveis. Eram demasiado melodramáticas, tinham uma dimensão que não era a dimensão de nossas vidas. (ATWOOD, 2017. p. 71).

Além desse comportamento, muitas vezes passivo da massa, tragédias, como as devastações do pós guerra (fome, miséria, ódio, medo...), criam o cenário perfeito para autoritários ganharem popularidade e assumirem o poder. Ao ganharem força, as democracias vão se fragilizando, como o que ocorreu na Venezuela, quando o ex-presidente Rafael Caldera apoiou a tentativa de golpe liderada por Hugo Chávez. Naquele período, Caldera era um senador em decadência e viu em Chávez um suporte rumo à presidência. Entretanto, seus planos não foram correspondidos. Segundo *Como as democracias morrem* (2018), subestimar e dar voz a políticos com discursos autoritários e antidemocráticos é um dos principais motivos que levam as democracias ao redor do mundo à morte.

Em sua obra, Steven Levitsky (2018) também identifica hábitos comuns a políticos autoritários, deixando claro que não é necessário apresentar todos os indicadores, mas quanto maior a identificação, maior o risco o candidato oferece à democracia. O primeiro indicador é a rejeição pelas regras do jogo democrático, isto é, o candidato rejeita a Constituição, endossa meios extra constitucionais para modificar o governo, deslegitima o processo eleitoral, recusando-se a aceitar os resultados, declarando serem fraude; o segundo é descredibilizar os oponentes,

acusando-os de crimes, dizendo que não amam o próprio país, privilegiando outras nações; o terceiro indicador é a aliança estabelecida com gangues armadas, elogio a atos de violência; e o quarto é a propensão à restrição de liberdade civil, de imprensa e de adversários.

Ao ler esses fatores para identificação de um governo autoritário é possível um paralelo com diversos países espalhados pelo mundo, inclusive o Brasil, mas a discussão deste trabalho não se estende a esse objetivo. Diferentemente da sociedade real, em Gilead não identificamos um líder, mas um grupo de liderança, aliados pela grande vantagem que era ser do sexo masculino. Mas assim como nos governos reais, o governo da ficção é corrupto e dispõe de privilégios que a massa oprimida não detém. Eles possuem direito à leitura da Bíblia, jornais e revistas, diversões na casa de prostituição, criam e desfazem leis, geram sentenças favoráveis a si, tudo com o suporte da fé.

Esse poder construído por governos autoritários, como o de Gilead, é formado, projetado e sustentando através da linguagem. O teórico russo Bakhtin (1981) analisa a linguagem em sua concretude, viva, em seu uso real e dinâmico. Logo, a natureza da língua é dialógica, afinal, ela parte da compreensão de que todos os enunciados são proferidos por alguém e para alguém, ou seja, existe uma troca, um dinamismo, que Bakhtin denominou dialogismo. Sendo os enunciados unidades reais de comunicação, o dialogismo corresponde às relações de sentido estabelecidas entre enunciados.

Portanto, o que é constitutivo do enunciado é que ele não existe fora das relações dialógicas. Nele estão sempre presentes ecos e lembranças de outros enunciados, com que ele conta, que ele refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante. (FIORIN, 2006, p. 21)

Desde o início de *O Conto da Aia*, sabe-se que a obra é marcada pela disputa entre os discursos polifônico e ditatorial. Há uma mistura de vozes, a que se impõe sobre as outras e a que luta por resistência. Através desse entrelaçar entre vozes, conhecemos o discurso de ordem e o discurso que se constrói paralelamente a ele. Offred – eu pessoal e eu social- mais Gilead – voz dominante.

A polifonia é um conceito bakhtiniano desenvolvido em *Problemas da poética de Dostoievsky*. Nessa obra, Bakhtin configura o romance de Dostoievsky como polifônico, um gênero novo, que se distancia de todo padrão europeu até então

consagrado. A voz do herói, segundo Bakhtin (1963, p. 19) “possui independência excepcional na estrutura da obra, é como se soasse ao lado da palavra do autor, coadunando-se de modo especial com ela e com as vozes plenivalentes de outros heróis”, ou seja, cria-se um cenário democrático, em que todos têm poder.

Vindo de uma realidade autoritária, devido ao regime stalinista que o exilou, Bakhtin promove justamente o contrário em seus postulados. Ele defende a linguagem como fruto da interação do eu com o outro, sem predomínio de uma sobre a outra, as duas são partes constituintes de um discurso, capazes de formar os indivíduos. “Nesse sentido, Bakhtin se posiciona contra qualquer tendência de monologização da existência humana, isto é, de negar a existência de um outro eu com iguais direitos e iguais responsabilidades”. (FARACO, 2006, p. 73)

Só sou eu porque não sou o outro. Em outras palavras, a construção identitária e ideológica de cada um perpassa pelo outro, afinal, é através do princípio da alteridade que nos construímos. Só podemos ter consciência do que somos através do que espelhamos para o outro. Nessa comunicação, o ouvinte não é passivo, não fica apenas escutando o que o locutor profere – discurso monológico-, ele tem um papel ativo, assume uma postura responsiva perante o mesmo, ele responde. Assim os dois sujeitos se complementam. “O sujeito bakhtiniano é constituído na e pela interação dialógica com os outros, reproduzindo e refratando em suas falas e em suas práticas sociais o seu contexto social imediato.” Bakhtin (apud PIRES, KNOLL, CABRAL, 2016, p. 120) Partindo do princípio de que a língua é um fenômeno social, a linguagem é um meio de relações intersubjetivas e intertextuais. Neste interim adentra-se no terreno da polifonia, a multiplicidade de vozes presentes no discurso.

Portanto, a construção dos discursos é feita no mundo exterior à personagem, uma vez que se subordina ao mundo externo a ela, ao contexto em que vive. A enunciação dela não é autossuficiente, a linguagem é social. De acordo com Bakhtin (apud DE ABREU, 2012 p. 25), “[...] tanto a enunciação como a atividade mental é elaborada num movimento que vai do exterior para o interior, uma vez que ambas usam o aparato ideológico como material e se realizam na interação social”.

Bakhtin trata a língua como fenômeno social. Para ele a linguagem é um meio de relações intersubjetivas e intertextuais. A primeira porque mistura-se o filtro de pensamento do “eu” com o filtro do “outro”. E a segunda porque o que se escreve em um texto pode ter relação com o outro. O segundo texto se forma a partir do que

foi escrito no primeiro. Um texto sempre deixa sua marca no outro. Essa é a missão do escritor: fazer com que os textos, através da linguagem ou do discurso, se misturem. “O escritor é aquele que sabe trabalhar a língua estando fora dela, aquele que tem o dom do falar indireto. Expressar a si mesmo significa fazer de si objeto para o outro e para si mesmo, (a ‘realidade da consciência’)” (BAKHTIN, 2010, p. 315)

O termo polifonia vem da música, mais especificamente, da música medieval. É um tipo de composição em que diferentes vozes ou melodias se sobrepõem, o contrário de um coral, afastando-se do canto gregoriano, monódico. Segundo Roman (1993, p. 202), “A polifonia era uma linguagem dinâmica e mutável, flutuante e ativa, apropriada, portanto, para expressar a percepção carnavalesca do mundo, que possuía o homem medieval, oposta a qualquer ideia de acabamento e perfeição”.

De acordo com Bakhtin (2010), o romance é composto pela pluralidade de vozes, formadas por múltiplas consciências, que estabelecem intermináveis diálogos. Assim sendo, personagens como Offred são seres multiformes, possuem diferentes caras, que são adaptadas para cada contexto social. Não há uma identidade, não há fim estabelecido para cada personagem, há vários indivíduos que dialogam entre si. De acordo com Bakhtin (2010, p. 47), o romance polifônico é inteiramente dialógico. Há relações dialógicas entre todos os elementos da estrutura romanesca, ou seja, eles estão em oposição como contraponto.

De acordo com Abreu (2012, p. 21), “Atwood organiza o diálogo entre as exigências de um contexto social ansioso pela fixação de uma só voz e outro interno à protagonista, faminto pela liberdade subjetiva”, isto é, a realidade de Gilead impõe seu discurso, enquanto a protagonista anseia por seu discurso libertário, que se aprisiona no seu interior. Offred pode ser considerada um mosaico de vozes.

A linguagem de cada discurso é responsável pela construção da subjetividade de cada personagem. Assim sendo, construções diferentes do regime são consideradas clandestinas, logo, são punidas severamente. Com a comunicação censurada, a única saída para as Aias é a linguagem de gestos, como Moira e Offred fazem ao se encontrarem no Centro Vermelho, como a leitura labial adotada para estabelecer o diálogo, burlando o sistema.

Offred hesita em questionar o sistema vigente, pois é ciente do discurso ao qual é subordinada e sabe sua posição perante tal. Sabe que deve obediência às Tias, às Esposas e aos Comandantes, pois é deles o discurso dominante, o discurso

de ordem. Até mesmo as Marthas, que fazem parte de uma casta inferior às Esposas, Tias e Comandantes, impõem-se como soberanas no momento em que Offred chega em sua nova casa. Ela faz com que a protagonista sinta que só pode entrar em sua nova morada com a autorização dela.

No Centro Vermelho, por exemplo, a protagonista é manipulada, condicionada a acreditar que onde está é um lugar bom, uma bênção, como se estivesse salva: “Estou viva, eu vivo, respiro, estendo minha mão para fora, aberta, para a luz do Sol. Estar onde estou não é uma prisão e sim um privilégio, como dizia Tia Lydia [...]”. (ATWOOD, 2006, p. 16)⁶³ Tudo vai se tornando tão natural na vida de Offred que ela acaba se contentando. Apesar de querer que tudo fosse diferente, se entrega. Assume uma posição passiva e sem esperança: “Quero tudo de volta, da maneira como era. Mas não adianta nada, não tem nenhum objetivo esse querer (ATWOOD, 2006, p. 149)⁶⁴

Em contrapartida, ela transgride o sistema internamente ao seu eu através das múltiplas vozes produzidas por seu subconsciente e seus pensamentos conscientes. Na aflição entre ser e não ser gileadiana, Offred conta uma história que na verdade não gostaria de contar, ou uma história que quer contar porque tem esperança de ter um final feliz – na condição de ela ser a autora. De acordo com a protagonista, “Você pode ser mais de uma pessoa. Você pode significar milhares”.⁶⁵(ATWOOD, 2006, p. 52) Essa confusão também é evidente em: “Como posso chamar isso de normal?”⁶⁶(ATWOOD, 2006, p. 332), dentre muitas outras passagens.

As diferentes percepções da protagonista sobre si e sobre o que se tornou é fruto de sua memória que busca involuntariamente reavivar seu desejo de revolta, que morre a partir de sua consciência sobre seu destino, sobre seu “eu” de Gilead. É exatamente isso que o estado provoca: “a memória do passado está lentamente sendo apagada e as pessoas estão sendo ensinadas a não ‘querer coisas que não podem ter’”⁶⁷(CLAEYS, 2017, p. 633, tradução minha).

⁶³ “I am alive, I breathe, I put my hand out, unfolded, into the sun-light. Where I am is not a prison but a privilege, as Aunt Lydia said”⁶³(ATWOOD, 2017, p. 8).

⁶⁴ “I want everything back, the way it was. But there is no point to it, this wanting”. (ATWOOD, 2017, p. 122)

⁶⁵ “You can mean more than one. You can mean thousands”. (ATWOOD, 2017, p. 40)

⁶⁶ “How can I call this normal?”⁶⁶(ATWOOD, 2017, p. 282), dentre muitas outras enunciações.

⁶⁷ the memory of the past is slowly being erased and people are being taught not to ‘want things they can’t have’ (CLAEYS, 2017, p. 633).

Ela, ao mesmo tempo que quer se adequar ao sistema, se revolta contra ele, como no momento em que se encontra com Serena – a Esposa. Em um primeiro momento ela quer estabelecer uma relação de amizade, de modo a melhorar sua condição, depois percebe que isso jamais seria possível: Eu queria que esta aqui fosse diferente. Queria pensar que eu teria gostado dela [...]. Mas já podia ver que não teria gostado dela, nem ela de mim. (ATWOOD, 2006, p. 25)⁶⁸

Nessa luta entre o interior – seu eu relutante – e o exterior – seu eu subjugado-, a obra apresenta uma multiplicidade de vozes conflitantes, configurando resistência ao discurso monológico do sistema totalitário. A partir dessa multiplicidade de vozes, ou melhor, consciências, torna-se evidente o debate atuante em sistemas não só totalitários, mas também sistemas democráticos. Nessa interação social é construída a ideologia formadora do discurso político, que é representado na literatura.

⁶⁸ I wanted, then, to turn her into an older sister, a motherly figure, someone who would understand and protect me. [...] I wanted to think I would have liked her, in another time and place, another life. But I could see already that I wouldn't have liked her, nor she me. (ATWOOD, 2017, p. 16)⁶⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS...VOLTAMOS À GILEAD?

De acordo com o exposto, constata-se uma breve análise sobre *O Conto da Aia* a partir de três perspectivas: a religiosa, a literária e a linguística, que abarcam tanto a História como a Arte, permitindo ao leitor um mergulho profundo no cerne da vida, no seu desenrolar, até no seu especular.

Ao tratar da questão religiosa, observa-se o fundamentalismo religioso característico de Gilead, combinado a um estilo puritano e pentecostal perceptível no comportamento das personagens que buscam apresentar beleza em meio a uma realidade tão sombria. Por ser tudo pautado pela “palavra de Deus” forjam essa maquiagem, essa apresentação para si e para turistas que visitam o país para entender o funcionamento daquela sociedade exótica, a princípio, para eles.

Neste sentido, perpassamos brevemente pela história do fundamentalismo religioso, que causa muita confusão, sendo taxado como fruto do Oriente Médio, muçulmanos... e pelo puritanismo estadunidense. Assim como não foi o foco da autora, também não é objetivo deste trabalho determinar uma religião para Gilead, o que mostramos são evidências de uma e de outra que se combinam e formam o estado teocrático de Gilead. Entretanto, é notório o alerta para o perigo da fusão entre religião e política, que aconteceu e acontece em alguns países pelo mundo.

Em relação à perspectiva literária, abordamos a distopia e a ficção especulativa, gêneros que se imbricam e proporcionam uma leitura crítica e engajada para leitores que buscam refletir sobre os rumos da sociedade. Dados os conceitos de ambos, torna-se claro o extraordinário alcance da literatura. Afinal, ela pode falar de tudo, enviar sinais de alerta, mensagens subliminares, além de criar enredos carregados de emoção.

Já no eixo linguístico, fizemos uma breve análise das vozes existentes em *O Conto da Aia*. Pudemos perceber o quão plural é a protagonista, apesar de todo contexto unilateral e autoritário que rege aquela sociedade.

Desta forma, pode-se concluir que *O Conto da Aia* é uma obra literária que, apesar de ter sido publicada no século anterior, faz muito sentido para os tempos sombrios que o mundo vive, sendo, portanto, considerada atemporal. Essa atemporalidade é perceptível através dos três capítulos acima, em que, através de

uma breve leitura crítica, pudemos analisar e refletir acerca dessa temática urgente que são os rumos da sociedade, limites entre a ficção e a realidade.

No capítulo um, identifica-se a relação de complementação estabelecida entre os pares: livro e série, distopia e ficção especulativa, na seção 1.1, foi possível perceber que o que torna a obra em questão uma ficção especulativa é sua carga histórica, seu apelo para o que é verossímil, na seção 1.2, essa verossimilhança pode ser exemplificada através de várias menções a acontecimentos marcantes que tornam o mundo doente, e, na seção 1.3, foi possível perceber o quão a televisão e os servidores de streaming podem favorecer uma obra literária, dando-lhe vida e prestígio.

A partir do capítulo dois, é possível perceber que tudo que acontece tem uma raiz no passado, uma razão histórica, um contexto. Ao entender a origem puritana estadunidense, é possível estabelecer um paralelo com essa nova versão do país, uma versão que maximiza seus problemas, que é Gilead. Na seção 2.1, foi realizada uma linha histórica acerca do conservadorismo até chegar no fundamentalismo religioso, na seção 2.2 e na seção 2.3, são identificadas partes que compõem o romance marcadas pela religiosidade, por preceitos e passagens bíblicas, que ficam mais nítidas na série.

Já no último capítulo, pudemos perceber como é visto e considerado o corpo feminino em um estado totalitário e qual a origem disso. A seção 3.1, introduz como é instaurado um estado totalitário para, na seção 3.2 tornar claro o funcionamento de Gilead, através dos mecanismos de docilização e dispositivos de poder. Na última seção, foi abordado mais um pouco acerca do discurso de poder que gerencia o estado e como esse estado gerencia as pessoas através do discurso, como a protagonista se constitui como um mosaico de vozes.

De modo geral, constatamos o quão relevante e pertinente são os estudos acerca da literatura feminista e das distopias. Hoje, dia vinte e quatro de junho de dois mil e vinte e dois, a história dos Estados Unidos e, por conseguinte, do mundo, é marcada pela queda do *Roe vs Wade*, que por meio século, garantiu o aborto legal no país.

Tudo começou nos anos setenta, momento em que muitos estados americanos consideravam o aborto um crime. Uma mulher chamada Jane Roe (pseudônimo de Norma McCorvey) já estava grávida pela terceira vez, mas era solteira. Alegando que havia sido violada e embasada pela Décima Quarta Emenda

da Constituição, que garante o direito à privacidade, abriu um processo no Texas, exigindo seu direito ao aborto. Na época, Henry Wade era o fiscal de distrito do condado de Dallas, se opunha à legalização do aborto, e representava a unidade federativa no caso judicial. Foi travada, então, uma disputa entre Roe e Wade, daí a nomenclatura para o caso e tudo que ele representa: *Roe vs Wade*. O tribunal do distrito decidiu a favor de Roe no dia vinte e dois de janeiro de 1973, mas como a justiça leva tempo, ela chegou a ter a criança, mas entregou para adoção. De acordo com Harry Blackmun, que escreveu o relatório final da decisão, a maioria das leis contra o aborto nos Estados Unidos violavam o "direito constitucional à privacidade, garantido sob a cláusula do devido processo legal da décima quarta emenda [da Constituição dos Estados Unidos]". Logo, todas as leis federais e estaduais foram alteradas, permitindo à mulher o direito de escolha.

O estatuto criminal do aborto no estado do Texas, que exclui a ilicitude da prática somente quando o procedimento deva ser feito para salvar a vida da mãe, sem considerar o estágio da gravidez nem reconhecer os outros interesses envolvidos, viola a cláusula do devido processo prevista na 14ª Emenda à Constituição dos Estados Unidos. (ROE v. WADE, 1973, tradução minha)⁶⁹

Entretanto, tudo mudou. Essa mudança já vinha sendo esperada, tendo em vista o discurso conservador latente que move a maioria dos juízes da Corte estadunidense, que ganhou vários aliados durante o governo Trump. Isso ocorreu na mesma semana em que foi liberado o porte de armas em locais públicos, pelos mesmos juízes contrários a *Roe vs Wade*. Somos a favor da vida, mas qual vida? Acontecimentos como esses marcam a história e geram incoerências para as quais ainda não temos explicações. Como uma pessoa é contra o aborto, porque é a favor da vida, mas é adepto da arma, que é um instrumento que serve para matar? Estaríamos de volta à Gilead?

⁶⁹ A state criminal abortion statute of the current Texas type, that excepts from criminality only a life-saving procedure on behalf of the mother, without regard to pregnancy stage and without recognition of the other interests involved, is violative of the Due Process Clause of the Fourteenth Amend.

REFERÊNCIAS

ARRUZZA, Cinzia; BHATTARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: Um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ATWOOD, Margaret. **The Handmaid's Tale**. New York: Fawcett Crest, 1985.

ATWOOD, Margaret. No Balm in Gilead for Margaret Atwood. [Entrevista concedida a] Mervyn Rothstein. **The New York Times**, New York, section C, p. 11, 17 fev. 1986.

ATWOOD, Margaret. **Interview with Tom Vitale**. American Audio Prose Library, 1986.

ATWOOD, Margaret. **A História da Aia**. Trad. Márcia Serra. São Paulo: Marco Zero, 1987.

ATWOOD, Margaret. Margaret Atwood: the road to Utopia. **The Guardian**, London, 14 out. 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2011/oct/14/margaret-atwood-road-to-utopia>. Acesso em: 30 jun. 2021.

ATWOOD, Margaret. Letter to America. **The Nation**, New York, 27 mar. 2003. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/archive/letter-america-3>. Acesso em: 30 jun. 2021.

ATWOOD, Margaret. Orwell and me. **The Guardian**, London, 16 jun. 2003. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2003/jun/16/georgeorwell.artsfeatures>. Acesso em: 30 jun 2021.

ATWOOD, Margaret. The Handmaid's Tale and Oryx and Crake 'In Context'. **PMLA**, v. 119, n. 3, p. 513-517, 2004. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/25486066?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 30 jun. 2021.

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

ATWOOD, Margaret. Margaret Atwood on what 'The Handmaid's Tale' means in the age of Trump. **The New York Times**, New York, 10 mar. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/03/10/books/review/margaret-atwood-handmaids-taleage-of-trump.html>. Acesso em: 30 jun. 2021.

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. São Paulo: Rocco, 2017.

BACCOLINI, Raffaella. The Persistence of Hope in Dystopian Science Fiction. **PMLA**, v. 119, n. 3, p. 518–521, 2004. JSTOR. Disponível em: www.jstor.org/stable/25486067. Acesso em: 1.out.2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. (1979). **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

BÍBLIA Sagrada. 2. ed. rev. e atual. Barueri: Editora Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

BIERNATH, André. A história bizarra das crianças romenas que não eram amadas. **Veja Saúde**, São Paulo, 1 dez. 2017. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/coluna/tunel-do-tempo/a-historia-bizarra-das-criancas-romenas-que-nao-eram-amadas>. Acesso em: 15 jan. 2020.

BOUSON, Brooks. Introduction; Misogyny of Patriarchal Culture *in The Handmaid's Tale*. In: **BRUTAL Choreographies**: oppositional strategies and narrative design in the novels of Margaret Atwood. Amherst: University of Massachusetts Press, 1993.

BREMER, Francis J. **Puritanism: A Very Short Introduction**. New York: Oxford University Press, 2009.

BUCHANAN, Pat. Is Trump the Heir to Reagan? **Townhall**, Oct. 13, 2017, Disponível em <https://townhall.com/columnists/patbuchanan/2017/10/13/is-trumpthe-heir-to-reagan-n2394415>. Acesso em: 24 jun. 2021.

BUTLER, Judith. **Frames of War: When Is Life Grievable?** Londres, Nova York: Verso, 2009.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: Os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: Crocodilo, 2019.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2011.

CALLAWAY, Alanna A., **Women disunited: Margaret Atwood's The Handmaid's Tale as a critique of feminism**. Master's Theses. 3505, 2008.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 33. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.

CHEVITARESE, André L.; CAVALCANTI, Juliana B.; DUSILEK, Sérgio; DE MARIA, Tayná Louise. **Fundamentalismo Religioso Cristão: Olhares transdisciplinares**. 1. ed. Rio de Janeiro: Klíne, 2021.

CIANCONI, Vanessa. **As bruxas como desculpa**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

CIXOUS, Hélène. The Laugh of the Medusa. **Feminisms: an anthology of literary theory and criticism**. Eds. Robyn R. Warhol, and Diane Price Herndl. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1991.

CIXOUS, Hélène, *et al.* The Laugh of the Medusa. **Signs**, Chicago, v. 1, n. 4, p. 875, 1976.

CLAEYS, Gregory. **Dystopia: a natural history**. United Kingdom: Oxford University Press, 2017.

DE ABREU, Relines Rufino. Vozes Sociais e Relações de Poder em *The Handmaid's Tale*. **Darandina**, Juiz de fora, v. 11, n. 1, p. 1-20, 2012. DOI <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2018.v11.28083>. Disponível em: <https://www.ufjf.br/darandina/files/2018/08/Artigo-Relines-Abreu.pdf>. Acesso em: 20.set.2020.

DE SOUSA, Rodrigo Farias. O Nascimento do Fundamentalismo Cristão nos Estados Unidos: das origens ao Caso Scopes. *In*: CHEVITARESE, André L.; CAVALCANTI, Juliana B.; DUSILEK, Sérgio; de Maria, Tayná Louise. **Fundamentalismo religioso cristão: olhares transdisciplinares**. Rio de Janeiro: Klíne, 2021. p. 103-117.

DIAMOND, Sara. **Not by politics alone**. New York: Guilford Press, 1998.

DORRIEN, Gary. **Imperial Designs**. New York: Routledge, 2004.

DYER, Caio de Mesquita; SOTER, Eduardo Rodrigues. Resenha Crítica do Livro “Como as democracias morrem” de Daniel Ziblatt e Steven Levitsky. **Revista Culturas Jurídicas**, v. 5, n. 12, set./dez. 2018.

DYNA, Jessica Pierre. **The Handmaid's tale: uma perspectiva sobre poder e gênero**. Orientador: Maria de Fátima Silva Amarante. 2019. 64f. Dissertação (Mestrado em Linguagens, Mídias e Artes) – Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídias e Artes, Centro de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2019.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Coletivo Sycorax, 2017.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Editora Ática, 2006

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 2014.

GULICK, Angela Michelle. The Handmaid's Tale by Margaret Atwood: examining its utopian, dystopian, feminist and postmodernist traditions. (1991). **Retrospective Theses and Dissertations**. p. 57.

HARARI, Y. N. **21 lições para o século XXI**. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013. DOI: 10.5007/2175-7917.2013v18n2p201. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>. Acesso em: 24 jun. 2021.

HILL, C. **O mundo de ponta-cabeça: idéias radicais durante a revolução inglesa de 1640**. 2 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HOWELLS, C. Listen to The Voice: dialogism and the Canadian novel. *In*: MOSS, J. **Future indicative: literary theory and Canadian literature**. Ottawa: University of Ottawa Press, 1986.

HOWELLS, Coral Ann. (2006). Margaret Atwood's dystopian visions: The Handmaid's Tale and Oryx and Crake. *In*: HOWELLS, Coral Ann (ed.). **The Cambridge Companion to Margaret Atwood**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 161-175. (Cambridge Companions to Literature). doi:10.1017/CCOL0521839661.012.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Editora UFSC, 2013.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. 17. ed. São Paulo: Globo, 1989.

INGERSOLL, Earl G. Engendering Metafiction: Textuality and Closure in Margaret Atwood's *Alias Grace*. **American Review of Canadian Studies**, p. 385–401, Autumn 2001.

JOST, François; GAUDREAU, André. **A narrativa cinematográfica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

KARNAL, Leandro *et al.* **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

KIRK, Russell. **The conservative mind**. Washington: Gateway Editions, 1953.

KRIEGER, Nancy; MARGO, Glen. **Aids: the politics of survival**. Nova Iorque: Baywood Publishing Company, 1994.

LEVITSKY, Steven. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LOIGU, Lembi. (2007) **The expression and Realization of power relationships through language: Margaret Atwood's dystopian novel The handmaid's tale**. Tese (Doutorado em Languages and Literatures) - University of Tartu, Tartu., 2007.

MACLAREN, Margaret A. **Foucault, feminismo e subjetividade**. São Paulo: Intermeios, 2016.

MACPHERSON, Heidi Slettedahl. **The Cambridge Introduction to Margaret Atwood**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. Kobo eBook.

MALEK, Amin. **Margaret Atwood's the handmaid's tale and the dystopian tradition**. Toronto: Canadian Literature 112, 1987.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Lisboa: Dinalivro, 2005.

MATTHEWS, Aisha. **Gender, ontology, and the power of the patriarchy: a postmodern feminist analysis of Octavia Butler's wild seed and Margaret**. Dallas: Routledge, 2018.

MEAD, Rebecca. Margaret Atwood, the Prophet of Dystopia. **The New Yorker**, Apr. 17, 2017. Disponível em: newyorker.com/magazine/2017/04/17/margaret-atwood-the-prophet-ofdystopia. Acesso em: 04 mar. 2021.

MENDONÇA, A. G. **Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens**. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.

MENEGOTTO, Fernanda Nunes. **From Offred to June Osborne: the handmaid's tale, dystopian television and literary adaptation**. Porto Alegre: Lume, 2020.

MILLER, Bruce. 'The Handmaid's Tale' showrunner Bruce Miller on the challenges and triumphs of adapting Margaret Atwood's novel. [Entrevista Concedida a] Kim Renfro. **Insider**, New York, 2 maio 2017.

MILLER, Perry. **The American puritans: their prose and poetry**. New York: Columbia University Press, 1982.

MINER, Madonne. "Trust me": reading the romance plot in Margaret Atwood's The handmaid's tale. **Twentieth Century Literature**, v. 37, n. 2, p. 148-168, 1991.

NUNES, Rosa Maria Magalhães. **Anne Hutchinson: Uma pregadora e defensora da liberdade religiosa em New England**. 2009. 144 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Americanos) – Universidade Aberta, Lisboa, 2009.

OLGA, Think. **Meu corpo não é seu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

OLIVEIRA, Guilherme Almeida. **A ação das cores para o significado no audiovisual: um estudo do filme 'Her'**. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Centro Universitário Uniacademia, Juiz de Fora, 2020.

ORO, Ivo Pedro. **O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo**. São Paulo: Paulus, 1996.

PACE, Enzo; STEFANI, Piero. **O fundamentalismo religioso contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2002.

PACKER, J.I. **Why We Need the Puritans**. A Puritan's Mind. Disponível em: <https://www.apuritansmind.com/the-puritan-era/why-we-need-the-puritans-by-dr-j-i-packer/>. Acesso em: 04 mar. 2021.

PEELE, Gillian; ABERBACH, Joel. **Crisis of conservatism? The Republican Party, the Conservative Movement, and American Politics After Bush**. Oxford: Oxford University Press. 2011.

PEREIRA, Alice De Araujo Nascimento. **Um útero todo seu: reprodução, biopolítica e o controle do corpo feminino em O conto da aia, The children of men e suas adaptações**. 2021. 244 f. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

PETCHESKY, Rosalind Pollack. Antiabortion, Antifeminism, and the Rise of the New Right. **Feminist Studies**, v. 7, n. 2, p. 206–46, 1981. JSTOR. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3177522>. Acesso em: 10 jul. 2021.

PRAMAGGIORE, Maria; WALLIS, Tom. **Film: a critic introduction**. 2. ed. Londres: Laurence King Publishing, 2008.

READER'S GROUP COMPANION. An interview with Margaret Atwood on Her Novel The Handmaid's Tale. [S.l.] In: **Reader's Companion to The Handmaid's Tale by Margaret Atwood**, 1998. Disponível em: http://www.randomhouse.com/resources/bookgroup/handmaidstale_bgc.html#interview. Acesso em: 11 nov. 2021.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução por Valle, Carlos G. **Revista Bagoas**, Natal, v. 4, n. 5, 2010, p. 17-44.

ROE v. WADE, 410 U.S. 113 (1973) Disponível em: <https://supreme.justia.com/cases/federal/us/410/113>. Acesso em: 28 jun. 2022.

ROMAN, Artur Roberto. O conceito de polifonia em Bakhtin: o trajeto polifônico de uma metáfora. **Revista Letras**, [S.l.], v. 42, dec. 1993. ISSN 2236-0999. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19126>. Acesso em: 27 abr. 2021. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v42i0.19126>.

ROOZBEH, Roohollah. The Handmaid's Tale through the Lens of Marxism. **Canadian Academy of Oriental and Occidental Culture**, Quebec, v. 17, n. 1, p. 16-20, 2018.

SARGENT, Lyman Tower. The three faces of utopianism revisited. **Utopian Studies**, v. 5, n. 1, p. 1-37, 1994.

SARGENT, Lyman Tower. Do dystopia matter? **Dystopia(n) matters: on the page, on screen on stage**, New Castle, UK, v.1, n.1, p. 10-13, jul. 2013.

SARGINSON, Lucy. Dystopias do metter? **Dystopia(n) matters: on the page, on screen, on stage**, New Castle, UK, v.1, n.1, p. 40-41, jul. 2013.

SCHNEIDER, Gregory. **The conservative century: from reaction to revolution**. Lanham: Rowman and Littlefield Publishers, 2009.

SILVA, M.; Yuri R. Distopias: presságios de um futuro nefasto. [online] **Revista Estudos do Futuro**, v.1, n.1, p. 1-11, 2007. Disponível em: <http://www.nef.org.br/revistas/13/Distopias.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2021.

SILVA, Rodrigo Candido da. **O Pesadelo Americano: Cinema de Horror e o conservadorismo estadunidense na Era Reagan (1981-1989)**. 2021. 234f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2021.

SISK, David W. **Transformations of language in modern dystopias**. London: Greenwood Press, 1997.

STAELS, Hilde. Margaret Atwood's The Handmaid's Tale: Resistance through narrating. **English Studies**, v. 76, n. 5, p. 455-467, 1995.

SCHALLER, Michael. **Right turn: American life in the Reagan-Bush Era, 1980-1992**. New York: Oxford University Press, 2007.

WILLIAMS, Daniel K. **God's own party**. New York: Oxford University Press, 2010.

WILLIAMS, D. K. **God's own party: the making of the christian right**. New York: Oxford University Press, 2012.

WILENTZ, Sean. **The age of Reagan: a History, 1974–2008**. New York: Harper Perennial, 2008.

WINTHROP, Jhon. **John Winthrop dreams of a city on a hill, 1630**. The American Yawp Reader. Disponível em: <https://www.americanyawp.com/reader/colliding-cultures/john-winthrop-dreams-of-a-city-on-a-hill-1630/>. Acesso em: 20 jun. 2021

VIDAL, Camila Feix. **A presença do conservadorismo no Partido Republicano Norte-Americano**. 2013. 55 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2013.

VIDAL, Camila Feix. **Polarização Partidária e Ascensão Conservadora: Uma análise das plataformas nacionais republicanas e democratas nos Estados Unidos (1936-2012)**. 2016. 260f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2016.

VIEIRA, Fátima. The Concept of Utopia. *In*: CLAEYS, Gregory (ed.). **The Cambridge Companion to Utopian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 3-27.

VINEYARD, Jennifer. Margaret Atwood Annotates Season 1 of 'The Handmaid's Tale'. **The New York Times**, New York, 14 jun. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/06/14/watching/the-handmaids-tale-tv-finale-margaret-atwood.html>. Acesso em: 30 jun. 2021.